

José Afonso Moura Nunes e Outros

# JESUS de NAZARÉ

O  
melhor *de* nós



Trilogia do Caminho  
VOLUME I

  
aamaldete

José Afonso Moura Nunes

# Trilogia do Caminho



Jesus de Nazaré  
Cristianismo  
O resto é detalhe

  
amaLoteTe

Copyright © JOSÉ AFONSO MOURA NUNES e OUTROS, 2023.

**Editor** ÁLVARO GENTIL

**Produção executiva** PAULA PESSOA

**Revisão original** TIAGO GARCIAS, PI EDITORIAL

**Revisão 2ª edição** PEDRO VIANNA

**projeto gráfico | editoração original** ANDREZZA LIBEL

**Adaptação e-book** ANDREZZA LIBEL

Catálogo na Publicação (CIP)

---

N972t Nunes, José Afonso Moura  
Jesus de Nazaré [livro eletrônico] / José Afonso Moura  
Nunes e Outros. – 2. ed. – Belo Horizonte : Ramalhete, 2023.  
Recurso eletrônico : il. p&b. – (Trilogia do caminho ; v. 1)

Formato: ePUB.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5034-033-9 (Obra completa)

ISBN 78-65-5034-030-8 (v. 1)

1. Cristianismo – História 2. Jesus Cristo – Historicidade I.  
Título. II. Série.

CDD: 270

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

Todos os direitos desta edição reservados a

*José Afonso Moura Nunes e Outros*

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*“Caro José Afonso, ...seu trabalho é muito importante. Feito com grande seriedade e baseado na melhor bibliografia. A figura que emana de seu livro sobre Jesus de Nazaré é fascinante. Você consegue evitar as discussões eruditas e ir logo ao essencial.”*

*Leonardo BOFF, 30/12/2021.*

# APRESENTAÇÃO

A fascinante, histórica e grandiosa figura de Jesus de Nazaré suscita ao longo dos séculos um interesse permanente de estudiosos, pesquisadores, religiosos e cidadãos comuns mundo afora.

Apesar do universo incalculável de obras escritas sobre Jesus de Nazaré, por autores cristãos, ateus, seguidores de outras doutrinas, com pontos de vista os mais diversos possíveis, muito ainda há para se compreender e conhecer de seu legado.

José Afonso Moura Nunes traz aos leitores um livro contundente e preciso, amparado por uma relevante e minuciosa pesquisa, onde há predominantemente uma análise histórica dos fatos vividos por Jesus de Nazaré, sua origem, o espírito revolucionário, as definitivas transformações que causou na sociedade de seus contemporâneos e que permanecem até os dias atuais.

É inegável a Divindade atribuída a Jesus de Nazaré, proclamado messias e o filho de Deus, mas o que principalmente nos é apresentado pelo autor neste livro é a figura humana amplamente exposta, combatida e perseguida, o que certamente aproximará o leitor deste que talvez tenha sido o mais importante ser humano de nossa história.

*O Editor*

# SUMÁRIO

[Apresentação](#)

[Introdução](#)

[JESUS DE NAZARÉ - \(4/6 a.C. – 07.04.30 d.C.; sexta-feira\)](#)

[I - Nazaré: o lugarejo e a vida da comunidade](#)

[II - Sob a tutela do pai](#)

[III - Nazaré: A família](#)

[IV - Ao encontro de João, o batizador](#)

[V - Pelos caminhos da Galileia](#)

[VI - O reino de Deus](#)

[VII - O contexto religioso em que Jesus viveu](#)

[VIII - O templo, as festas, as sinagogas e os sábados](#)

[IX - O contexto socioeconômico em que Jesus viveu](#)

[X - Discípulos de Jesus: recrutamento e treinamento](#)

[XI - Curas, exorcismos e milagres](#)

[XII - O contexto político em que Jesus viveu](#)

[XIII - As parábolas de Jesus](#)

[XIV - Mensageiro da compaixão e da esperança](#)

[XV - Uma quinzena decisiva](#)

[XVI - Preso, julgado e condenado](#)

[XVII - Torturado, morto e sepultado](#)

[XVIII - Quem foi Jesus de Nazaré?](#)

[XIX - Duas leituras contemporâneas sobre Jesus de Nazaré](#)

[XX - Jesus de Nazaré: o melhor de nós](#)

## ADENDO - De Jesus de Nazaré ao Cristo da Fé

Observações metodológicas

Da morte e da ressurreição

Ressurreição, túmulo vazio, aparições, ascensão: acordos e desacordos

Pagola: Ressuscitado por Deus187

Queiruga: Ressuscitado para a nossa salvação192

Lenaers: Crer que Jesus ressuscitou? Ou crer naquele que vive?193

Libânio: Quadros filosóficos compatíveis e incompatíveis com a  
ressurreição195

Bibliografia

# INTRODUÇÃO

Rogers Lenaers, em seu livro *Outro Cristianismo é possível: a fé em linguagem moderna*, coloca o Cristianismo – pode-se dizer que as outras religiões também – diante de um enorme desafio: transmitir sua mensagem em uma linguagem que o homem atual, de formação científica e técnica, possa entender e, eventualmente, aceitar. Aos 83 anos, Lenaers, teólogo e especialista em filologia, não hesita em dizer que “a linguagem que a Igreja continua utilizando já não diz mais nada aos homens e mulheres de hoje, pois seus termos e categorias provêm de visões do mundo e da sociedade vigentes até a Idade Média, mas incompatíveis com o senso comum contemporâneo”.

Em sua apresentação ao livro de Lenaers, Manuel Ossa observa que “o foco é Jesus de Nazaré, visto como um homem em busca, próximo de nós em sua fraqueza e em sua esperança e, por isso mesmo, expressão e figura de um Deus que vai crescendo e sofrendo junto com o ser humano, numa história compartilhada”. (LENAERS, 20110, p. 8;9)

O texto de Lenaers constitui uma contribuição importante para complementar o trabalho de leitura e discussão do livro de José Antonio Pagola, *Jesus: aproximação histórica*, empreendido por três casais amigos que buscaram, durante seis anos, estudar sistematicamente Jesus de Nazaré como figura histórica. Esse processo levou o grupo a criar um site em 2012 ([omelhordenos.com.br](http://omelhordenos.com.br)) e deu origem também ao livro **O melhor de nós**, que teve sua primeira edição em maio de 2015, numa tiragem de mil exemplares, em Belo Horizonte, pela editora Ramalhete, e, no ano



seguinte, em São Paulo, pela Fonte Editorial (outros mil exemplares) – todos esgotados.

Esta nova edição de **O melhor de nós** apresenta uma versão revisada da primeira parte do livro publicado anteriormente, acrescida de três novos capítulos – dois deles baseados em livros publicados em 2016 – e de um **Adendo**, intitulado De Jesus de Nazaré ao Cristo da fé. Na revisão foi dada ênfase a autores judeus e/ou especialistas no judaísmo, antes de tudo porque Jesus de Nazaré era judeu de nascimento e formação religiosa e cultural.

Em *A pesquisa do Jesus histórico*, Giuseppe Segalla (2013, p. 29) aponta três motivos que não só justificam, mas, na verdade, exigem a pesquisa sobre Jesus de Nazaré:

1. “a razão teológica: a encarnação – a necessidade de ancorar a pessoa de Jesus – objeto de fé de 2 bilhões de cristãos (HARARI, 2015, p. 246) – em sua história de trabalhador braçal, humilde”, que passa mais de 90% de sua vida em completo anonimato;
2. “o interesse, a admiração, o amor por Jesus impele a interessar-se sobre ele; até as humildes vasilhas que Jesus usava, o ambiente sociopolítico, o ambiente cultural e agrícola e a cidade, em particular da Galileia e de Jerusalém, tudo isso se torna vivo e testemunho histórico das fontes evangélicas e uma introdução à sua leitura inteligente”;
3. “pelo perfil cultural, acadêmico da pesquisa: é nesse campo que se pode entabular um diálogo com a cultura leiga, acadêmica e universitária”

O diálogo com a cultura leiga a que se refere Segalla não parece estar à altura de sua necessidade. Das 98 obras que compunham a bibliografia deste livro quando foi realizada a pesquisa (abril de 2018), o acervo de sete universidades cristãs – cinco Católicas (MG, RJ, PE, DF, PR), uma Evangélica (SC) e uma Presbiteriana (SP) – era, em média, de 23 livros, ou seja 23%. As bibliotecas de três Universidades Federais (MG, BA e SC) possuíam juntas 17 livros, na média, 6% cada, o que parece dar razão às críticas de omissão e preconceito do mundo acadêmico, expressas por Augusto Cury em seu livro *O homem mais inteligente da História*.<sup>1</sup> Essa ausência de obras sobre o Jesus histórico nas bibliotecas universitárias causa estranhamento. Isso porque é um fato absolutamente inesperado e digno de nota que um trabalhador braçal, diarista, “pau para toda obra”, morador de uma aldeia insignificante (Nazaré), situada em uma região destoante, de fala esquisita (a Galileia dos gentios), em uma província marginal e incômoda do Império Romano (a Palestina), se torne o marco divisor da história humana. Não podemos, portanto, ignorá-lo!<sup>2</sup>

O filósofo marxista Roger Garaudy afirmou certa vez: “Entregai-o a nós! Devolvam Jesus de Nazaré também a nós, que somos não cristãos, ou mesmo ateus. Vocês, em suas Igrejas, não podem guardá-lo somente para vocês.”

“Sem precisar ser cristão, eu posso testemunhar o que este Jesus significa na minha vida”, disse Gandhi (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 21).

É sobre Jesus de Nazaré – sua pessoa, suas circunstâncias, sua mensagem, sua prisão e crucificação – que este livro trata, do ponto de vista de historiadores e demais pesquisadores do tema. Não se trata de um livro “piedoso”, ou de teologia, mas da história como ela é lida pelo mundo acadêmico. Um livro para dialogar com não crentes e crentes, que busca deixar claro que não existe olhar único, unívoco, impessoal, imparcial,

neutro. Com aqueles que hoje se autodenominam não religiosos, ou mesmo ateus, o diálogo certamente fluirá, porque, como afirma Hoornaert, “nosso conhecimento de Jesus de Nazaré é impreciso e precário; trabalhando no campo do conhecimento científico, formulamos probabilidades e não certezas”. (HOORNAERT, 2016, p. 15). Para aqueles que estão familiarizados, um pouco que seja, com os textos do Novo Testamento – principal fonte de informação sobre Jesus de Nazaré – o livro pretende proporcionar maior conhecimento do contexto, pois acreditamos que a ignorância das circunstâncias históricas empobrece a leitura do texto.

Por outro lado, com aqueles que se apegam ingenuamente ao texto da Bíblia, o diálogo poderá ser difícil ou impossível.

São pontos de vista? São! “Não existe relato sem ponto de vista.” (MARGUERAT, 2018, p. 25)

Tratamos de certezas, objetos de fé? Não! Este livro discute ou contesta afirmações de fé, dogmas? Não! Não é nosso objeto de estudo; passamos ao largo!

O que apresentamos é o resultado de pesquisas, isto é, fatos, afirmações prováveis. Amanhã, certamente, outras pesquisas verão o mesmo tema de forma diferente, de um modo mais plausível, mais convincente. Assim cresce a Ciência, campo em que este livro mergulha, garimpando o que de mais confiável foi publicado nos últimos anos, no Brasil e em Portugal. Como coordenador da equipe de autores, procurei honrar a vida acadêmica destes e meus muitos anos de professor de Metodologia e Técnica de Pesquisa na UFMG.

Esperamos que os leitores possam desfrutar de nossa contribuição para que conheçam mais Jesus de Nazaré, aquele que, para nós, é – aí vai um

juízo de valor! – O MELHOR DE NÓS – o melhor que a humanidade já produziu.

*José Afonso Moura Nunes – Coordenador*

## **EQUIPE**

- José Afonso Moura Nunes, sociólogo, professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Wanda Mary Rohlfs Nunes, licenciada em Letras, professora aposentada;
- João Carlos Dias, ph.D. em Medicina, pesquisador, professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Rosinha Borges Dias, assistente social, professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), aposentada;
- Eliana Lourenço de Lima Reis, ph.D. em Literatura Comparada, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Teófilo Guilherme Reis, engenheira civil, empresaria.

# **JESUS DE NAZARÉ**

**(4/6 a.C. – 07.04.30 d.C.; sexta-feira)<sup>[3](#),[4](#)</sup>**

# I

## NAZARÉ: O LUGAREJO E A VIDA DA COMUNIDADE<sup>5</sup>

Nosso personagem, Jesus – forma grega corrente do nome hebreu Josué, na época pronunciava-se Ieshua, ou iehua na pronúncia galilaica (FLUSSER. 2010, p. 7) –, é um homem que viveu cerca de 90% de sua vida num vilarejo sem qualquer importância na baixa Galileia, verde e fértil. Como só vivemos o presente, mas carregamos o passado no consciente e sobretudo no inconsciente, teremos que falar da vivência de Jesus anterior à sua vida pública, que, justamente por isso, é muito pouco conhecida.

*“O menino foi submetido ao rito da circuncisão – executado pelo pai [ou por um mohel] – oito dias depois de nascido, ocasião em que os pais, solenemente, deram-lhe o nome de Jesus [Javé salva], um nome bastante difundido entre os judeus da época.”<sup>6</sup>*

Ele provavelmente nasceu em Nazaré,<sup>7</sup> pequeno núcleo de casas na encosta de uma montanha. A seus pés, um vale verdejante. Ali vivia o clã, ou núcleo familiar, de Yosef (José) e mais alguns outros, que somavam talvez entre 200 e 400 habitantes (MARTIN, 2014, p. 45). Várias casas, bem próximas, de chão batido, dando para um pátio interno onde brincavam as crianças e trabalhavam e conversavam os adultos. Ali havia, de uso comum, um pequeno moinho, onde as mulheres moíam os cereais, e um forno, onde assavam o pão.<sup>8</sup> Os filmes iranianos de Mohsen Makhmalbaf e de Majid Majidi (Filhos do Paraíso, 1998) nos dão uma ideia da simplicidade das casas e da aldeia.<sup>9</sup>

“Casas” (em média de 20 a 40 m<sup>2</sup>) de pedras brutas empilhadas, revestidas de argila ou lama e até mesmo esterco misturado com palha, para favorecer o isolamento térmico (BETTO, 2015, p. 45-46), às vezes de apenas um cômodo. “O telhado das casas era de tábuas de madeira pregadas a traves ou vigas e geralmente cobertas com barro, marga ou argila” (Lc. 5, 19).<sup>10</sup> Simples, de poucos utensílios: catre para dormir, banquinho rústico, bilhas, vasos de cerâmica, candeeiro; pouco, ou nada mais.<sup>11</sup>

O núcleo familiar de José não era pequeno: pai, mãe, sete ou mais filhos e talvez algum outro familiar. Jesus tinha quatro irmãos – Tiago, José, Judas e Simão – e algumas irmãs, sobre as quais não conhecemos sequer o nome. Na cultura patriarcal da época a mulher não possuía identidade própria, vivia na dependência dos pais e posteriormente do marido.

*“Em 2002 veio a público – exposto solenemente em Toronto, Canadá – a existência de um ossuário do séc. I, com a inscrição em aramaico: “Tiago (Ya’akov), filho de José, irmão de Jesus (Yeshua)”. Em minha opinião é praticamente certo que o ossuário de Tiago e a inscrição são artefatos antigos e autênticos.”* (SHANKS, 1992, p. 65)

Os sete ou mais filhos de José viviam juntos, como irmãos. Se eram irmãos apenas por parte de pai, ou primos, não há consenso entre os pesquisadores.<sup>12</sup> O sustento da casa era garantido, ou melhor, era literalmente cavado, dia a dia. Não sabemos se o clã de José era proprietário de algum pedaço de terra, ou se, sem terra, seus membros trabalhavam como diaristas para conseguir o pão de cada dia.<sup>13</sup>

Todos trabalhavam como camponeses, arando, plantando, ceifando e cuidando, provavelmente de uma pequena vinha, algumas figueiras e

oliveiras.<sup>14</sup> Os tributos e impostos eram pesados e consumiam um terço ou até metade do que produziam.

A primeira palavra que Jesus falou foi certamente “immá”, mãe em aramaico,<sup>15</sup> idioma falado na Galileia, com sotaque bem característico, facilmente reconhecível pelos habitantes da Judeia.<sup>16</sup> Dado o envolvimento menor dos homens com a criação das crianças nessa idade, Jesus demorou um pouco mais a pronunciar “abba”, pai, denominando assim, carinhosamente, aquela figura que haverá de marcá-lo para o resto da vida e que será para ele a melhor imagem de Deus.<sup>17</sup>

Quando Jesus tinha cerca de quatro anos, os romanos arrasaram Séforis, capital da Galileia e aldeias circunvizinhas. Como Nazaré ficava a cinco ou seis quilômetros de Séforis, certamente o acontecimento repercutiu fortemente na comunidade e se fez presente nas conversas e na educação das crianças. “A morte e a escravidão de dezenas de milhares de galileus em torno da época do nascimento de Jesus deve ter deixado um trauma coletivo entre a população”. (HORSLEY, 2004, p. 36)

Até os oito anos, Jesus ficou sob os cuidados das mulheres: sua mãe, Maria<sup>18</sup> – em hebraico Miriam, em aramaico Mariâm – tias e irmãs, sempre presentes e vigilantes, até porque a mortalidade infantil naquela época era extremamente alta.<sup>19</sup>

Cuidados, carinho e a sensação de ser amado não devem ter faltado ao menino Jesus.



## II

### SOB A TUTELA DO PAI

Aos sete ou oito anos Jesus é passado para a tutela de seu pai,<sup>20</sup> ficando assim aos cuidados dos homens do clã familiar: irmãos mais velhos e tios. São eles agora os principais encarregados da educação do menino. “Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. Quando o menino completou doze anos, subiram para a festa como de costume” (Lc. 2, 41).<sup>21</sup> É com eles que Jesus irá aprender a trabalhar e estudar. Irá acompanhar o grupo familiar nas atividades do campo e com o pai aprenderá os ofícios de carpinteiro, pedreiro e ferreiro.<sup>22</sup> Parte do tempo é dedicado à lavoura, uma vez que Nazaré, pelo seu tamanho, não tinha demanda suficiente de trabalho de carpinteiro para uma pessoa, muito menos para pai e filho. Não tinham propriamente uma oficina. O trabalho, em madeira, pedra ou ferro, era feito ao ar livre quando trabalhavam peças maiores. Muitos trabalhos eram feitos nas casas dos fregueses: escorar casas, fazer e refazer telhados, assentar portas e janelas etc.<sup>23</sup>

À medida que Jesus vai crescendo, acompanha seu pai na busca por trabalho de carpinteiro nos vilarejos circunvizinhos.<sup>24</sup> Durante a juventude de Jesus, Antipas, um dos quatro herdeiros do reino de Herodes, o Grande, a quem coube a Galileia e a Pereia, resolveu reconstruir a capital, Séforis,<sup>25</sup> queimada pelos romanos quando Jesus tinha quatro anos. Distanto apenas 5 km de Nazaré, é provável que José e Jesus tenham encontrado na reconstrução da capital demanda suficiente para suas habilidades.<sup>26</sup>

*“As tropas de Varo queimaram a cidade de Séforis e escravizaram os seus habitantes. Essa destruição e escravidão em massa teriam afetado a população de todas as aldeias na área imediata de Séforis, como Nazaré.” (HORSLEY, 2004, p. 36)*

Foi provavelmente em Séforis, cidade com 8 a 10 mil habitantes, que se deu o primeiro contato de Jesus com o mundo urbano e com a língua grega, da qual deve ter aprendido mais do que algumas frases. Ali também Jesus teria contato com algumas mazelas humanas: desigualdade social, miséria, abandono e prostituição.

*“Séforis era um lugar bastante helenizado, como o demonstram inscrições daquela época, bem como o magnífico teatro – com espaço para 5 mil expectadores sentados – construído nos anos de juventude de Jesus.” (D’ANCONA, 1996, p. 181). Ficou concluído por volta do ano 19, quando Jesus tinha cerca de 24 anos. No ano seguinte, Herodes Antipas decidiu deslocar a capital de seu reino de Séforis para a margem ocidental do mar da Galileia e aí construir a cidade monumental de Tiberíades. (VERHOEVEN, 2011, p. 59;61)*

Os estudos giravam em torno da Torá e dos demais livros sagrados.<sup>27</sup> Na sinagoga de Nazaré – no tempo de Jesus o termo sinagoga designava não um lugar específico, mas a assembleia da aldeia, forma social básica de coesão e autonomia comunitária – reuniam-se os aldeões sempre que necessário e, aos sábados, para oração e leitura da Torá.<sup>28</sup> As mulheres podiam, mas não eram obrigadas a frequentá-la. Foi nas reuniões de sábado que Jesus aperfeiçoou seu aramaico e aprendeu a ler as Escrituras em hebraico.<sup>29</sup> Os textos eram lidos em hebraico e traduzidos e comentados em aramaico. As recitações dos textos exercitaram sua memória. Não tendo oportunidade de exercitar a escrita, por falta de material, sua habilidade deve ter permanecido rudimentar.<sup>30</sup>

A sinagoga era um espaço de ensino e aprendizagem e também de oração. Como para os judeus o único lugar onde Deus devia ser adorado era o Templo de Jerusalém, todos oravam na sinagoga e em qualquer outro lugar, voltados para Jerusalém.

Embora Nazaré distasse 130 km de Jerusalém, ou seja, de três a quatro dias de viagem, o templo não deixava de exercer sua influência sobre a comunidade local. As peregrinações a Jerusalém eram acontecimentos religiosos e sociais. Não deixavam de ser uma festa para toda a comunidade, como também as celebrações religiosas. Cada caravana trazia notícias da grande cidade e do magnífico templo sagrado.

A narrativa de Lucas (Lc. 2, 41-51) das visitas de José e Maria a Jerusalém para a festa da Páscoa quando Jesus completou 12 anos “é a história de um erudito precoce, pode-se dizer de um jovem talmudista”. Atualmente um menino judeu atinge a maioridade aos 13 anos; naquela época, um menino de 12 anos já podia ser considerado adulto.<sup>31</sup>

Os casamentos tinham um lugar à parte nas festas da comunidade; duravam três dias. O povo judeu tinha uma visão positiva e prazerosa do sexo e do matrimônio, difícil de encontrar em outras culturas (PAGOLA, 2011, p. 81). A cada casamento a que Jesus comparecia, em Nazaré ou em aldeias vizinhas, ele certamente era cobrado pelo fato de não se casar. “A idade normal para o casamento para o homem era de dezoito a vinte anos.” (JEREMIAS, 2016, p. 131). Fato inusitado que deixava confusos seus parentes, amigos e principalmente as moças, cujos pais gostariam de oferecê-las em casamento.

*“A renúncia de Jesus ao amor sexual não parece motivada por um ideal ascético, parecido com o dos “monges” do Qumran, que buscavam uma pureza ritual externa, ou dos terapeutas de Alexandria, que praticavam o “domínio das paixões”. Também não temos dados para suspeitar que Jesus tenha ouvido um*

*chamado de Deus a viver sem esposa. Seu estilo de vida não é de um asceta do deserto, como a de João Batista.” (PAGOLA, 2011, p. 82)*

É possível que Jesus tenha simplesmente adiado o casamento, a princípio, por se tornar arrimo de família, ou seja, do grupo familiar, e depois para poder dedicar-se ao anúncio do reino de Deus. Na vida pacata de Nazaré o não casamento de Jesus era a novidade, o inusitado.<sup>[32](#)</sup>

# III

## NAZARÉ: A FAMÍLIA

*“Yeshua bar Yosef, Jesus filho de José, viveu, ao contrário do que costumamos imaginar, numa família grande, dividindo afetos e cuidados dos pais, tias e tios, com 5 irmãos e pelo menos 2 irmãs. Irmãos ou primos, não importa, viviam como irmãos, numa casa pequena, numa aldeia minúscula, “na província da Galileia, ocupada por uma população pagã”. (RATZINGER, 2007, s. p)*

Mas havia um triângulo amoroso forte: Pai, Mãe e Filho, para cada filho/primo um amor único, como só os pais conseguem dar. Nada havia de extraordinário a ser destacado a não ser a intensidade do amor. Relações em que o silêncio amoroso e os gestos concretos de afeição se faziam presentes. Como escreveu Paul Claudel: “O silêncio é o Pai da Palavra. Aí em Nazaré há somente três pessoas, muito pobres, que simplesmente se amam. São aqueles que vão mudar o rosto da terra”.

Poucos fatos da vida em Nazaré passaram para a história.<sup>33</sup>

*“Tanto o Evangelho de Mateus como o de Lucas fornecem um conjunto de relatos em torno da concepção, nascimento e infância de Jesus. Não foram redigidos para informar sobre fatos ocorridos (provavelmente pouco se sabia), e sim para proclamar a Boa Notícia de que Jesus é o Messias davídico esperado em Israel, o Filho de Deus, nascido para salvar a humanidade.” (PAGOLA, 2011, p. 62)*

O dia de todas as famílias em Nazaré começava e acabava com uma oração.<sup>34</sup> Uma manifestação de fé e confiança em Deus. Oração simples, cheia de unção, uma declaração de amor coletivo a Deus. Piedosamente

recitavam o *Shemá*, Israel (“Ouve, ó Israel: O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”).

O menino Jesus sorveu o amor à Lei com o leite materno; foi educado na estrita observância e no profundo respeito à Torá de Moisés; e desde cedo se pôs a observá-la com fidelidade. Essa realidade se reflete admiravelmente num dos eventos mais importantes dos primeiros anos de sua vida: O Bar Mitzvá, a sua presença no Templo aos 12 anos, segundo Lucas, por ocasião da Páscoa. (SCHLESINGER, 1979, p. 72)

A fé era assim alimentada diariamente no lar e aos sábados na sinagoga. Uma fé simples, conservadora, profundamente arraigada nos corações daqueles camponeses pobres.

Junto com a sinagoga, o lar tinha importância central para o sistema educacional judaico, uma vez que o conhecimento da Torá era absolutamente fundamental para o estilo de vida e, portanto, levado a sério como parte da responsabilidade dos pais. O lar era também o lugar da celebração dos casamentos, dos funerais e circuncisões. (FREYNE, 1996, p. 177)

Como camponês, a atenção de Jesus estava voltada para a terra, para a natureza. Seu olhar era um olhar de fé. Mais tarde, ele irá convidar as pessoas a olharem os lírios do campo, os pássaros do céu e o cuidado amoroso de Deus com sua criação.

Não sabemos quando José morreu. Considerando que a expectativa de vida, à época, era de cerca de 30 anos (PAGOLA, 2011, p. 69); é possível que ele tenha morrido quando Jesus era adolescente ou jovem. Assim, cedo, ele muitas vezes deve ter saído de casa para lutar pelo pão de cada dia. Deve ter participado dos trabalhos, como carpinteiro/ferreiro/pedreiro na reconstrução de Séforis, capital helenística da Galileia, distante apenas

uma hora e meia a pé de Nazaré. Séforis, - “a coroa da Galileia”, na expressão de Flávio Josefo - fora destruída pelos soldados romanos de Públio Quintílio Varo, governador da Síria, no ano 6 d.C. “Está bem fundamentada a hipótese de Jesus ter recebido alguma educação formal na sinagoga mais próxima.” (MEYER, em RAUSCH, 2006, p. 74)

As lembranças da crueldade dos romanos arrasando as aldeias vizinhas e degolando seus habitantes ou levando-os como escravos deviam estar ainda bem vivas na comunidade. “Jesus não pode deixar de presenciar, espalhada pela estrada a perder de vista, a extensa fileira de cruces em que foram cravados os rebeldes prisioneiros.” (SCHLESINGER, 1979, p. 76)

Apesar da pouca convivência com José, em termos de tempo – como se supõe – ela deve ter sido muito intensa na vida de Jesus e importante para a formação de sua personalidade e vivência de trabalho.

A marca de seu pai, José, foi tão forte que o objeto de sua espiritualidade migra de Javé, justo, santo, às vezes ciumento e vingativo, para uma figura doce, compreensiva, misericordiosa, como Abba, “paizinho”. Seu pai, José, na interioridade/espiritualidade é a personalização de Deus, seu Pai.

*“A interpretação que Jesus faz de Deus como Abba (Mt. 4, 36) não tem paralelo em toda literatura judaica. Este notável fato explica-se a partir de que “Abba” (paizinho) era uma alocução familiar do dia a dia, que ninguém teria ousado a aplicar a Deus”.* (JEREMIAS, 2016, p. 196)

Papel semelhante deve ter exercido sua mãe, Maria (em hebraico, Miriam), que o acompanha ao longo de toda a vida, até a morte. Segundo as narrativas das primeiras comunidades, Maria é mulher firme (diante do anjo), de contemplação (guardava tudo em seu “coração”) e de ação (Isabel, Caná), zelosa (“sua mãe e seus irmãos estão aí [...]), corajosa (ao pé da cruz) e solidária (com os discípulos depois da morte de Jesus).

Maria é uma mulher simples, destacada na história obscura dos pobres, que geralmente permanecem no anonimato. Destacou-se como mãe daquele pobre que se tornou a personalidade mais celebre da história: Jesus de Nazaré. E isso aconteceu numa aldeia menosprezada, em Nazaré, na Galileia. “Por acaso pode sair alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo. 7, 41-42). (ZILLES, 1999, p. 129)

Dois costumes da vida familiar de seu tempo, profundamente enraizados, Jesus irá um dia contrariar com palavras e ações: a forma como era exercida a autoridade patriarcal, que a todos submetia, e o confinamento da mulher ao lar.

Numa Galileia endividada, num lugarejo pobre, como camponês pobre e artesão laborioso, trabalhando, estudando as Escrituras, rezando, observando e aprendendo na escola da vida, Jesus amadurece como homem e se prepara para a missão que Javé, seu Pai, lhe reserva.<sup>35</sup>

*“A elite urbana na Judeia referia-se aos galileus ironicamente como “povo da terra”, um termo usado para indicar sua dependência da agricultura de subsistência. Mas a expressão tinha uma conotação mais sinistra, indicando os ignorantes e ímpios, que não cumpriam corretamente a lei, em especial quando se tratava de pagar os dízimos obrigatórios e fazer as ofertas para o Templo.”* (ASLAN, 2013, p. 115)



# IV

## AO ENCONTRO DE JOÃO, O BATIZADOR

O primeiro escândalo que Jesus provocou na pacata comunidade de Nazaré foi não se casar; o segundo foi, já homem adulto, deixar a família. Em Nazaré a família era tudo: lugar de nascimento, escola da vida e garantia de trabalho. Fora da família, o indivíduo ficava sem proteção, sem segurança.

A decisão de deixar Nazaré é um momento de ruptura. Não sabemos quando, nem em que circunstâncias ela se deu. É bem possível que ela tenha sido influenciada pelas notícias que chegavam a Nazaré sobre a atuação de seu conterrâneo João, o batizador.<sup>36</sup>

*“A estrutura social da família de Jesus deve ter mudado de modo dramático, especialmente se José morreu antes ou durante o ministério de Jesus (o pai de Jesus é mencionado pela última vez quando este tinha 12 anos). Como Tiago, provavelmente, era o segundo filho, a responsabilidade pelo bem-estar da família recairia sobre ele, e talvez ele não tenha recebido bem essa mudança em sua vida.”* (Mc. 3, 21, 31-35) (WITHERINGTON, em SHANKS, 2008, p. 120)

João pregava e batizava a leste do Jordão, na região da Pereia, sob a jurisdição de Antipas, como a Galileia. Em frente a Jericó, do outro lado do rio onde, segundo a tradição, Josué cruzara o Jordão para entrar na terra prometida. O lugar parece ter sido escolhido intencionalmente para simbolizar uma nova libertação de Israel.

As notícias certamente falavam de um homem vivendo no deserto com alguns seguidores, comendo o que ali encontrava: “gafanhotos secados ao

sol e mel silvestre” (MIEN, 1998, p. 63). Vestido austeramente com manto de pele de camelo, pregava arrependimento, batismo e penitência.<sup>37</sup>

A busca da penitência, da purificação e do deserto como caminho de purificação não era fato isolado. O “mosteiro” de Qumram, onde uma numerosa comunidade de “monges” buscava a purificação, distava cerca de 20 km do local onde João pregava e exercia o “batismo de conversão”: uma modificação radical do comportamento, como condição de retorno à Aliança com Deus.

*“É grande a probabilidade de que João tenha vivido com os essênios e do meio dos essênios Deus o chama para a nova missão. João vivia no deserto no estilo dos beduínos, profetas e itinerantes, mas não era diferente da vida dos homens de Qumran, que viviam nas cavernas, trabalhavam nos campos, cuidavam de cabras e ovelhas.”* (MAZZAROLO citado por CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 124)

Hoje, um sociólogo talvez pudesse ver nesse caldo de cultura da época a presença ameaçadora e violenta do império romano e suas consequências, a bajulação de seus representantes locais, sempre dispostos a agradar os chefes com o sacrifício da população empobrecida por dívidas de impostos e outras.

A opressão gerava urgência de uma resposta imediata à sempre presente expectativa de salvação dos filhos de Abraão. A insatisfação estava no ar, levando à revolta e à espera de algo ou alguém que trouxesse a salvação.

João via no sofrimento do povo de sua terra, ocupada e explorada por pagãos, o sinal da proximidade e a necessidade de preparar para o que ou quem haveria de chegar. A sua pregação no deserto alcançou grande repercussão por toda a Judeia. De toda parte, inclusive da capital, Jerusalém, acorriam multidões para ouvir seu apelo à conversão e deixar-

se batizar. A maior parte voltava para suas casas depois de terem confessado seus pecados e dispostos a converterem-se para Javé. Outros permaneciam no deserto com João, ouvindo-o e o ajudando.

O batizador era austero, duro consigo e corajoso ao denunciar os pecados de todos. Condenou abertamente Herodes, que vivia amasiado com “Herodíades, quarentona cheia de encanto” (PETITFILS, 2015, p. 95), a mulher de seu irmão Antipas. Este selara a paz com o rei de Nabateia – região fronteira e povo guerreiro – casando-se com sua filha. O comportamento de Herodes era repudiado não apenas por razões morais, mas porque ameaçava a paz na região. Herodes Antipas, sentindo-se ameaçado pelas denúncias de João e a revolta dos vizinhos nabateus, manda prender João na Fortaleza de Maqueronte.

Segundo Pagola, João, o Batizador, começou seu “rito” inusitado e surpreendente nas águas do Jordão entre o outono do ano 27 e a primavera de 28 de nossa era e terminou em 29. Jesus, em 29, então com 33/34 anos, procura João para ser batizado.<sup>38</sup> “A profundidade e maturidade de sua índole levam alguns a pensar que Jesus viveu um período de busca de silêncio antes de encontrar-se com o Batista.” (PAGOLA, 2011, p. 87) Para Raymond Brown... “a fonte comum que Mateus e Lucas usaram [quer dizer: Q] tentou preencher a descrição vaga dada por Marcos (‘Era tentado por Satanás’) com um resumo dramático do gênero de tentações que esperavam Jesus quando começou a atuar em público” As tentações dizem algo sobre o que Jesus ainda virá a viver, mas não nos dizem nada sobre o que lhe aconteceu no deserto. (VERHOEVEN, 2011, p. 82)

*“Não há qualquer prova de que Jesus tenha vivido entre os essênios, ainda que faça todo sentido pensar que tenha convivido com alguns deles no tempo que passou com João Batista.” (ALVAREZ, 2018, p. 50)*

Na sua busca de Deus, Jesus se sensibiliza com o chamado de João à conversão e se submete ao batismo de arrependimento e purificação. O encontro com João e o batismo marcam uma guinada na vida de Jesus; constituem o marco inicial de sua vida pública.

Mateus descreve a cena do batismo: “Logo que foi batizado, Jesus saiu da água. Eis que os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pairar sobre ele...” (Mt 4,16).

Lucas detalha: “então o céu se abriu; o Espírito Santo desceu sobre ele sob uma aparência corporal, como uma pomba...” (Lc 3,22)

Uma observação no mínimo curiosa: há exegetas que defendem que o texto original foi mal traduzido e que o original dizia: “o Espírito de Deus desceu sobre ele suave como uma pomba...”

Uma tradução inadequada teria levado à associação no Cristianismo, do Espírito Santo com a imagem de uma pomba.

*“Todos os autores estão de acordo em admitir que o batismo foi uma experiência determinante na vida de Jesus e que com ela se distanciou radicalmente da missão de João Batista”.* (ALONSO, 2022, p. 145)

Jesus permanece algum tempo, por um longo tempo, segundo Gerhard Lohfink (LOHFINK, 2015, p. 405), em companhia de João e seus discípulos, dentre os quais três de seus futuros discípulos: os irmãos André, Simão e Felipe, amigos de João. Nesse período, fica mais claro para ele seus pontos de convergência e divergência com João, cuja visão de Deus é a de um juiz que vem julgar e restaurar a aliança com seu povo, que deve arrepender-se e confessar os próprios pecados, aceitar o Seu perdão e começar vida nova, formar uma nova Aliança. Ele, João, é apenas aquele que veio para preparar o caminho.

Jesus concorda com João em sua visão sobre a situação de Israel e a necessidade de mudar. Sua experiência de Deus é outra. Vê nele um Pai

misericordioso. Terá que buscar um novo estilo de vida e mensagem; ir ao encontro do povo nas vilas e aldeias, procurar os mais abandonados e compartilhar de suas alegrias e sofrimentos. Em pouco tempo deixaria o deserto para trilhar sua própria caminhada.

De João ele leva a ideia de preparar o povo para o encontro com Deus; chamar o povo para acolher seu Deus, despertar a esperança nos corações. Sua missão fica clara: anunciar e instaurar o reino de Deus.

# V

## PELOS CAMINHOS DA GALILEIA

A convivência com João Batista e seus discípulos proporcionou a Jesus compreender que sua missão não seria viver no deserto, em penitência, mas no meio do povo simples e pobre, participando de suas alegrias e sofrimentos.<sup>39</sup>

Após a prisão de João,<sup>40</sup> Jesus deixa a região da Pereia, do outro lado do Jordão, ao norte da Judeia. Convidado pelos irmãos Simão e André, que conhecera como discípulos de João, Jesus vai morar com eles em Cafarnaum, possivelmente convencido pelos dois irmãos da privilegiada situação geográfica dessa cidade para seus planos de andarilho.

Era, então, a região que tinha a maior concentração populacional da Galileia. Entre as cidades mais importantes estavam Magdala, Cafarnaum, Corazim, Betsaida, citadas nos Evangelhos e a principal, Tiberíades – cujo nome era uma homenagem ao imperador Tibério – ali ignorada.

Cafarnaum era uma vila de pescadores, posto aduaneiro, às margens do lago de Genezaré, o mar da Galileia,<sup>41</sup> situada ao longo da Via Maris.<sup>42</sup> O “caminho do mar” era uma grande rota comercial que, partindo do Eufrates, atravessava a Síria, chegava até Damasco e descia em direção à Galileia, para atravessar o país em diagonal e continuar depois em direção ao Egito. De acordo com Pagola, “Jesus nunca se aventurou pelas rotas do império. Seus pés pisaram apenas as veredas da Galileia e os caminhos que levavam à cidade santa de Jerusalém”. (PAGOLA, 2011, p. 110)

Simão e André, por serem pescadores e originários de Betsaida, na margem oposta do lago, conheciam bem a região. Cafarnaum, uma

pequena cidade, de no máximo mil habitantes (KAEFER, 2012, p. 70), era bem maior que Nazaré. Nas escavações que vêm sendo feitas não se encontraram, até hoje, vestígios de riquezas, como as encontradas em Tiberíades. Contudo, revelaram uma sinagoga tão imponente, que *“estudiosos estimam que a população de Cafarnaum abrigasse cerca de sete mil habitantes.”* (PAGÁN, 2015, p. 70)

Dali Jesus poderia, com certa facilidade, deslocar-se para outras pequenas cidades, evitando as grandes cidades da região, como Séforis, que tinha entre 8 e 12 mil habitantes, e a nova e esplêndida capital, Tiberíades, de 8 mil habitantes, edificada por Antipas. Não há registro de que Jesus tenha ido a Tiberíades, orgulho do Tetrarca da Galileia, construída em homenagem ao imperador romano Tibério, a apenas 16 km de Cafarnaum e a 32 km de Séforis.

Josefo (30-100 d.C.) nos diz que a Galileia estava densamente povoada na sua época, com 204 aldeias – com um cultivo intenso da terra – e cidades, das quais três são mencionadas: Séforis, Tiberíades e Gabarot. Jesus teria evitado as cidades herodianas intencionalmente. (FREYNE, p. 128, 130)

A construção de Tiberíades integrava o *“processo de romanização através da urbanização para a comercialização do lago Tiberíades, aumentando em larga escala sua base tributária. [...] A partir daí já não podiam possuir um barco ou trazer a pesca até a praia sem tributação. Provavelmente tiveram de vender o que pescavam para as fábricas de Antipas (em Migdal ou Magdala), que secavam ou salgavam os peixes.”* (CROSSAN citado por CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 28; 30)

Jesus conheceu bem a vida dos camponeses e artesãos de sua terra natal, Nazaré, e das cidades vizinhas. Na companhia de João conheceu a miséria humana de pobres e ricos que vinham em busca do perdão e da

esperança. Vai conhecer agora a vida dos pescadores – alguns proprietários de pequenos barcos, outros apenas diaristas –, bem como os opressores dos pobres, no campo e no comércio, com taxas e impostos sufocantes. Desafiando preconceitos e normas religiosas sobre impureza, Jesus almoça na casa de Levi de Alfeu e com muitos coletores e aduaneiros, todos pecadores, de acordo com os letrados do partido dos fariseus.

Percorre os povoados próximos ao redor do lago, chamado apropriadamente de Mar da Galileia: Corazim, distante apenas 3 km ao norte de Cafarnaum; Betsaida (“casa do pescador”), terra natal de Simão, André e Filipe; Magdala – situada a 7 km ao sul de Cafarnaum e a 6 ao lado norte de Tiberíades – importante por suas oficinas de preparo de peixe seco, “que era enviado em cestos para Jerusalém, Damasco e até mesmo para a Espanha” (PETITFILS, 2015, p. 109) e onde Jesus curou uma das três Marias, que sempre o acompanharam, Maria de Magdala, ou Maria Madalena.

Boa parte da vida pública de Jesus se passa entre essas pequenas cidades: Cafarnaum, Betsaida e Corazim. Mas ele percorreu também algumas aldeias no sul da Galileia, entre elas Caná, Naim e Nazaré, distante 12 km de Naim.<sup>43</sup>

Em Nazaré, seus conterrâneos, que o haviam conhecido como simples camponês e artesão, se espantam com sua sabedoria e autoridade e Jesus se entristece com a incredulidade dos seus, lembrando-se das Escrituras: “Nenhum profeta é bem aceito em sua terra”.

Percorrer as aldeias com um grupo de discípulos, hospedando-se de favor e comendo o que lhes dão, procurando o povo em seu meio, conversando com todos, homens e mulheres, e aliviando seus sofrimentos, consolando-os e transmitindo-lhes esperança, era algo completamente



surpreendente. Um novo jeito de ser: pobre e despojado, que pede ajuda e oferece amor e esperança. Um agir livre, isento de preconceitos.

*“Ele perambula numa vida instável de peregrino por toda a Galileia, total e definitivamente entregue à vontade de Deus, ao plano de Deus. Ele vive em prol de Israel, em função da união escatológica do povo de Deus.”* (LOHFINK, 2015, p. 289)

*“Jesus rompe definitivamente com aquilo que é mais sagrado para uma família no primeiro século: com os critérios de honra e status – sociorreligiosos e culturais - e com a relação de fidelidade, entendida como conformação piedosa com a própria herança e genealogia familiares”.* (LUCIANI, 2017, p. 164)

Uma linguagem fácil, impregnada da natureza, do trabalho e da vida doméstica, que o povo iletrado (estima-se que apenas 10% dos habitantes do império romano e 3% dos palestinos eram capazes de ler e escrever) compreende e faz com que se espalhe, assim como a fama de Jesus, rapidamente por toda a Galileia e chegue à Judeia e a regiões vizinhas.

Em pouco tempo, multidões passam a procurá-lo onde quer que ouçam dizer que ele esteja. Muitas vezes ele nem consegue chegar às cidades. Fica em lugares descampados, junto às colinas, fora das cidades. Outras vezes, tomando emprestado dos pescadores algum barco, fala de cima dele, à multidão reunida na praia. Jesus conta casos, fala em parábolas (em grego, “comparação”) ricas em imagens da vida, com as quais o povo se identifica. As mensagens chegam ao povo em uma forma fácil de entender. Às vezes também, pedagogicamente, deixa os ouvintes com mais perguntas que respostas. Algumas vezes nem seus próprios discípulos, mais acostumados à nova linguagem, alcançam o sentido.

Não era hábito de Jesus teorizar sobre o divino. Sua preocupação era representar com perfeição, em sua própria pessoa, o papel de filho do seu

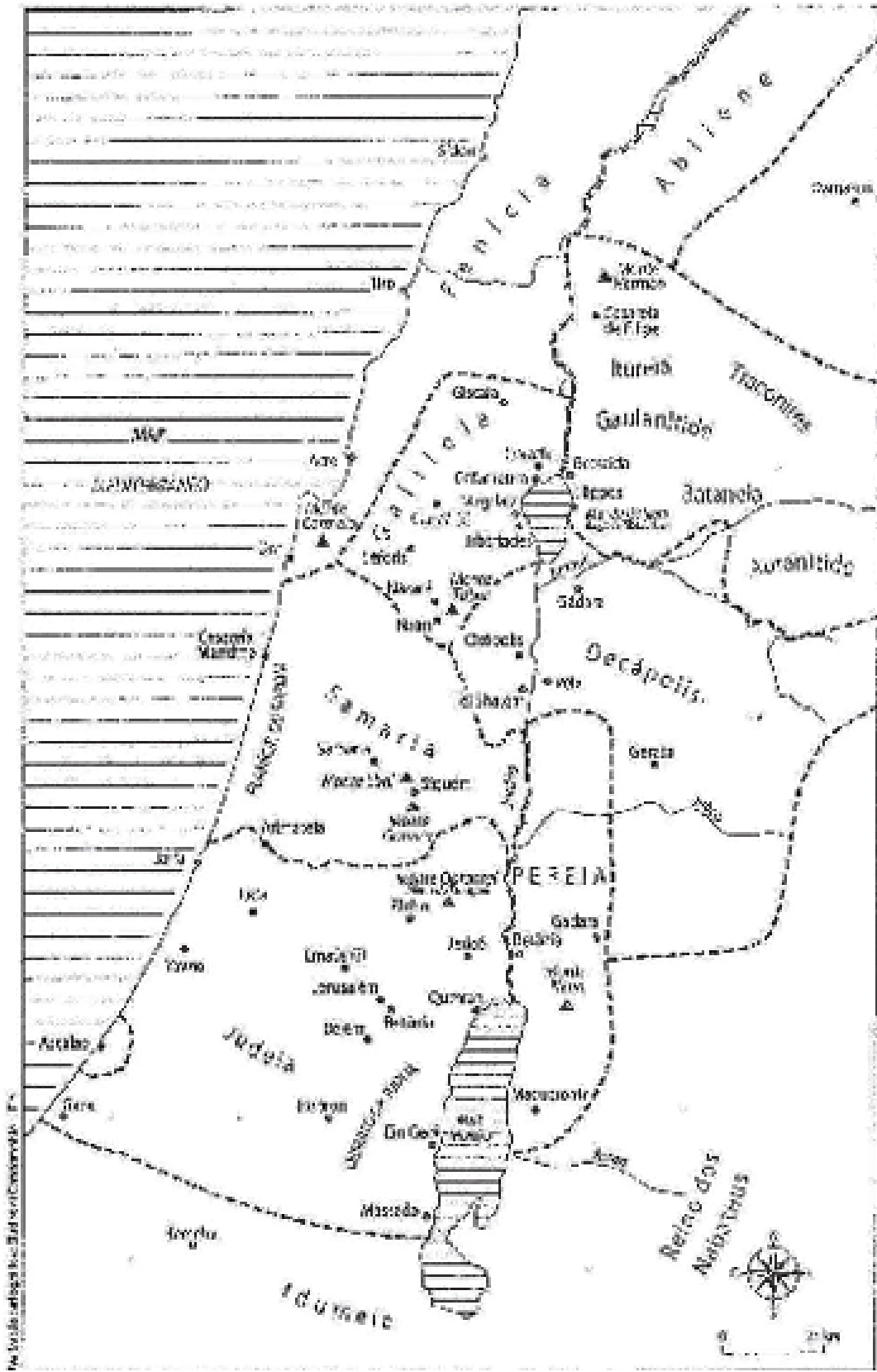
Pai no céu, e ensinar aos discípulos a viver da mesma maneira. (VERMES, 1996, p. 67-68)

Frequentemente Jesus procura uma sinagoga, um espaço não exclusivamente religioso, onde se realizam as assembleias da comunidade local. Ali ele entra em contato com as comunidades, que se reúnem para resolver seus problemas. Seu apoio às comunidades camponesas fortalece os vínculos familiares ameaçados de desintegração pelo empobrecimento da Galileia.

As mensagens sugerem, convidam, propõem, numa postura de profundo respeito pelo outro. Elas convergem sempre para um tema, sua paixão e razão de ser: o reino, ou domínio, de Deus.

O sociólogo Bruce L. Malina resume o contexto e o sentido da mensagem de Jesus:

*“A missão de Jesus aconteceu no Império Romano. No Mediterrâneo oriental, o poder romano partilhado pelas elites locais fez da crueldade e da extorsão parte da vida diária. Para a não elite do povo de Israel, o colapso do sistema patronal da elite israelita apareceu como verdadeira traição e deslealdade por parte das melhores famílias aristocráticas em cujo interesse a economia política e a religião política funcionavam. O resgate dessa situação somente ocorreria com o Deus de Israel tomando o controle do país e restaurando a proteção divina diante da perfídia política que preenchia a terra. A proclamação de Jesus a respeito do Reino de Deus era, na verdade, seu evangelho social.”* (MALINA, 2004, p. 43)



---

## A Palestina na época de Jesus

A Palestina na época de Jesus

Fonte: VERHOEVEN. Jesus de Nazaré, p. 50.

# VI

## O REINO DE DEUS

### O contexto

A pregação desse peregrino que percorreu as aldeias da Galileia é uma resposta à situação que ele vê e um convite à superação<sup>44</sup>. E o que ele vê pelas aldeias da Galileia?

Um povo simples, trabalhador, deserdado, enfermo e maltratado pelas autoridades civis e religiosas. Aqueles que deveriam ser os representantes do povo de Deus são aliados dos invasores romanos e seus opressores. Os dirigentes são donos de latifúndios e arrecadadores de impostos. Vivem nas cidades à custa da pobreza dos camponeses.

No meio do povo, alguns, além de doentes, vivem em bandos completamente marginalizados, excluídos do convívio social.

A região já produzira revoltosos que foram massacrados pelos romanos. É provável que Jesus, em sua juventude, tenha ouvido comentários sobre o brutal massacre executado sob o comando de Varo. Segundo o historiador Flávio Josefo, Quintino Varo, sufocando a rebelião de Judas, o Galileu, filho de Ezequias, mandara crucificar 2 mil pessoas na Judeia. Gaio, sob o comando de Varo, incendiara, no ano 6 da nossa era, Séforis, a então capital da Galileia, distante apenas 5 km de Nazaré e algumas aldeias circunvizinhas.

Para esse povo sofrido e abandonado, Jesus, criado junto dele, regressa com uma boa notícia: o reino de Deus.<sup>45</sup>

Mas em que consiste o reino de Deus, foco da pregação e razão de ser da vida de Jesus?

O conceito de reino de Deus é uma criação de Jesus, um dos poucos que lhe são próprios, já que a maioria dos seus conceitos vêm do Antigo Testamento, isto é, do povo que o formou. (COMBLIN, 1971, p. 92)

## **O anúncio**

Até agora procuramos nos ater aos fatos históricos sobre os quais pesquisadores atualizados e competentes estão de acordo. Mas quando se trata de falar sobre a mensagem de Jesus de Nazaré, o que ele pretendeu transmitir, as coisas se complicam. É difícil, se não impossível, separar o que ele falou do que seus contemporâneos guardaram de lembrança ou entenderam e, sobretudo, reinterpretaram depois da ressurreição, experiência extraordinária e arrebatadora.<sup>46</sup> Vieram depois outros discípulos e mais outros e aqui estamos nós, hoje, lendo essas narrativas e querendo tirar delas, pelo olhar objetivo/subjetivo, o que pensamos ser mais representativo e significativo.<sup>47</sup>

Há pouco tempo apareceu na internet uma entrevista com José Antônio Pagola, um dos mais respeitados pesquisadores sobre Jesus de Nazaré. Com toda a simplicidade, ele disse que estamos apenas começando a entender o que Jesus pretendia e que os poucos vinte séculos que nos separam dele foram marcados por circunstâncias que moldaram e deformaram as leituras de sua mensagem.

Com essas ressalvas, vamos tentar ver o que Jesus de Nazaré disse e ainda tem a nos dizer.

Ele se atribui uma missão: anunciar o reino de Deus. Para isso viveu e por isso morreu.

O anúncio do reinado de Deus é determinado pela compreensão judaica de Deus: Deus é vontade incondicional para o bem. Jesus divulgou a certeza de que em breve essa vontade se estabelecerá no mundo. Ele ajudará os fracos na manutenção dos seus direitos, dará poder aos pobres, saciará os famintos e dará aos pecadores uma chance de conversão. Essa vontade ética incondicional já atua no presente [...]. Deve-se “buscar” o Reino de Deus – assim como se deve buscar a sabedoria (Mt. 6, 25). (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 298; 300)

Mas o que é o reino de Deus – cuja melhor tradução seria “domínio de Deus” – expressão citada 162 vezes no Novo Testamento e 101 nos Evangelhos?<sup>48</sup> Uma profusão de citações e muitas interpretações.<sup>49</sup> Poderíamos resumir, dizendo que Jesus tenta transmitir uma experiência pessoal de descoberta de Deus, como seu e nosso pai, papai, paizinho.<sup>50</sup> Alguém imensamente misericordioso, que só quer aquilo que seus filhos mais querem: que sejam felizes, que tenham vida em abundância, em plenitude.<sup>51</sup>

A expressão “reino de Deus” evoca como seria o mundo presente se fosse governado por Deus, numa visão política e religiosa utópica e escatológica.<sup>52</sup> Ela tem muito pouco, ou nada, a ver com promessa de vida melhor no céu. Jesus anuncia fazendo e, fazendo, torna presente, visível, o reino de Deus, que é algo concreto, que já está aqui, que vai se construindo silenciosamente e que será grande no futuro, o futuro que só o Pai sabe quando virá.<sup>53</sup> Mas uma coisa é certa: o mundo pode ser e será muito melhor quando todos se amarem como filhos do mesmo Pai. Ele será para todos, sem excluir ninguém.<sup>54</sup>

O Reino de Deus é 100% político e 100% religioso – os dois aspectos completa e infalivelmente interligados ao mesmo tempo. Reino é um termo político, Deus é um termo religioso, e Jesus seria executado por

causa de, em um mundo onde, para Roma, Deus já se sentava no trono de César por que César era Deus. (CROSSAN em CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 20)

Essa certeza se ancora em nossa percepção e esperança. Não é algo espetacular, manifestação de poder – aliás, Jesus nutre grande desconfiança do poder – mas algo que, uma vez descoberto, percebido, muda nosso modo de ver e agir, nos faz converter. Converter-se, em essência, é voltar-se para os outros, principalmente para os mais abandonados. É não querer dominar, mas sim servir.

Jesus não apenas anuncia a soberania de Deus, ou a soberana misericórdia/compaixão de Deus, com palavras; ele a faz acontecer, aliviando o sofrimento daqueles que encontra ou que o procuram. Perguntado pelos discípulos de João Batista se ele era o Messias, o esperado de Israel, Jesus disse: “Ide e contai a João o que ouvistes e vistes; os cegos veem, os cochos andam, os mortos ressuscitam e anuncia-se aos pobres a boa notícia [...]” (Mt. 11, 5).

*“O Reino não é um estado privado de vida espiritual, ou a transcendência desta história. É um modo fraterno de estar solidariamente uns diante dos outros, sem imposições, nem violências, e um modo filial de tratar a Deus com profunda confiança. Jesus vai concretizando sua aposta por uma vida fraterna mediante: a) o exercício de não-violência (Mt 5,9) ; b) a luta em favor da justiça (Mt 5 ,10); c) a opção pelo pobre e pela vítima (Lc 6 , 20) ; d) o cuidado do enfermo e do fraco (Lc 7,21 ). (LUCIANI, 201, p.30,179)*

Os fatos, alguns extraordinários, vistos como milagres, são em grande medida resultados de sua força interior e sinais da compaixão de Jesus pelo sofrimento humano. Aliás, Jesus via suas curas como ambivalentes. Dez leprosos foram curados, mas apenas um voltou para agradecer. Curou a doença, mas não mudou o coração.



Muitas vezes ele pediu que não espalhassem notícias das curas.

Não é fácil definir ou descrever o reino de Deus. Das palavras de Jesus é possível extrair algumas informações sobre o que não é, sobre o que é, a quem se dirige e quais são as consequências visíveis. O reino não é uma doutrina religiosa ou detalhamento dos ensinamentos e tradições de Israel. Não é um conjunto de leis e normas morais. Pelo contrário, ele próprio e seus discípulos infringem normas religiosas de purificação e respeito ao descanso do sábado. Ficou célebre sua afirmação: “O sábado foi feito para o homem e não o contrário”. O homem, filho de Deus, é a referência central desse reino.

O reino de Deus não vem como uma vingança de Israel contra seus opressores, ou uma vitória dos santos sobre os pecadores. O reino de Deus não está dentro de nós, como algo privado e espiritual, afastado do mundo. Não é algo que se extrai de textos, por mais sagrados que sejam, mas da vida dos humilhados e desprezados. “Os últimos serão os primeiros [...]” (Mc. 10, 31).

*“Então, o que é o reino de Deus?”<sup>55</sup>*

É um voltar-se para Deus, Pai de todos, bondoso, misericordioso, cuidadoso com seus filhos; o melhor dos pais; lento para a cólera e rico em amor e fidelidade, cheio de compaixão para com os pecadores e gentios. É um reino de vida e paz e felicidade em abundância. Esse voltar-se para Deus só tem um caminho: amando o próximo, isto é, aquele que precisa ou que se encontra em seu caminho pela vida.<sup>56</sup>

Jesus de Nazaré encarna o reino de Deus porque a vida concreta, cotidiana, do povo, com suas alegrias e tristezas, arrebatou-lhe o pensamento, o coração e sua paixão pelo Pai.

Jesus de Nazaré não discriminava ninguém; acolhia a todos, homens e mulheres, justos e pecadores; entretanto, tinha uma preferência: os

pobres, os doentes, os marginalizados, não porque fossem melhores, mas porque mais necessitados e por serem irmãos, filhos do mesmo Pai.<sup>57</sup>

*“As bem-aventuranças de Jesus declaram benditos não os pobres, mas os desvalidos, não a pobreza, mas a mendicidade [...]. Jesus teria falado de um Reino não para os camponeses e artesãos, que ganhavam com seu trabalho, mas para os impuros, os degradados e os desprezados.”* (CROSSAN, em ARIAS, 2012, p. 122). *“O reinado de Deus é uma festa em família para aqueles que não tem família. Diante dos marginalizados e desprivilegiados Deus se mostra como pai provedor.”* (THEISSEN, 2008, p. 359)

Jesus falou da chegada do reino como uma realidade iminente. (CROSSAN em CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 25). Há certo consenso entre os especialistas segundo o qual Jesus de Nazaré se equivocou sobre a chegada do reino de Deus e sobre a identidade daqueles (judeus e gentios) que deveriam tornar-se cidadãos do reino de Deus. (VERMES, 2006, p. 430)

*“Jesus começou por aceitar a teologia de João, da iminência de Deus, mas precisamente por causa do que aconteceu a João (executado por Antipas), ele mudou seu pensamento para uma teologia da presença de Deus. Não somos nós que estamos esperando por Deus, é Deus que está esperando por nós. O reino está presente, é um processo interativo, uma práxis e um programa. A lógica do Reino de Jesus é a mutualidade da cura – como o poder espiritual básico – e a comensalidade – como o poder físico básico – compartilhadas livres e abertamente.”* (CROSSAN em CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 25)

Aos poucos o reino de Deus se fará realidade no mundo e, um dia, a nossa bela e maltratada terra será o reino de Deus desejado e previsto por Jesus de Nazaré [...]. Algum dia, mais cedo ou mais tarde, depende de nós.

# VII

## O CONTEXTO RELIGIOSO EM QUE JESUS VIVEU

**E**picuro, filósofo grego que exerceu grande influência ética no mundo greco-romano nos três séculos anteriores ao cristianismo, deixou-nos um receituário de quatro remédios para a felicidade humana ([www.tetrapharmakon.com.br](http://www.tetrapharmakon.com.br)).

O primeiro destes remédios – “nada a temer com relação aos deuses” – reflete uma concepção da divindade totalmente diferente da concepção judaica de Deus. Para Epicuro, os deuses nada têm a ver com as coisas humanas. Não ajudam, nem atrapalham. Ignore-os e faça por onde ser feliz.

O Deus de Israel é um Deus de relacionamento. Sua história é a história do relacionamento do povo e de seus dirigentes com Deus. Uma Aliança foi construída entre Deus e o povo. A iniciativa partiu de Deus: Ele chamou um homem, Abraão (1850 a.C.), de uma terra distante – Ur da Caldeia (hoje Iraque) –, o fez percorrer longa distância, submeteu-o à prova e prometeu que ele seria pai de um numeroso povo. Resgatou esse povo quando escravizado no Egito, deu-lhe um grande libertador, Moisés (1300 a.C.) e, através dele, os Dez Mandamentos.<sup>58</sup>

Através de Moisés, Deus convoca os hebreus e estes tomam consciência de que são um povo especial, uma “igreja” (ecclesia em grego: a assembleia dos convocados) e eles se comprometem coletivamente nessa aliança.

Depois de fazer o povo peregrinar pelo deserto, deu-lhe uma terra só para ele. Esse povo se constituiu como nação e teve bons e maus dirigentes, dependendo de seu comportamento. Foi advertido muitas vezes pelos profetas, homens com grande coragem e senso de justiça.

Toda essa odisséia foi sendo contada oralmente e depois registrada por escrito ao longo dos séculos. Foram compilados relatos populares, histórias, leis, filosofia de vida (provérbios), poemas, orações, exortações e visões. O último dos livros que veio a formar a Bíblia (plural de “biblos”, livro) foi Sabedoria, escrito no ano 50 a.C. Um conjunto de cinco livros – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – compunha o que os judeus, já no tempo de Jesus, denominavam Pentateuco, também chamado de Livro da Lei ou Torá.

Nos últimos 500 anos antes de Jesus de Nazaré, seus ancestrais estiveram submetidos a diferentes impérios. Conheceram a opressão em suas terras, e o pior – o exílio e a escravidão. Cerca de 500 a 600 mil judeus viviam na Palestina no tempo de Jesus e cerca de 4 milhões dispersos pelo império romano, o que não impediu que o Povo da Aliança preservasse sua identidade cultural e religiosa.

Se, para Epicuro, há que se esquecer dos deuses para ser feliz, para os judeus a felicidade está em fazer a vontade daquele que nos criou e sabe e quer o que é bom para o seu povo. A felicidade está em procurar e fazer a vontade de *Yaveh*.<sup>59</sup> “Eu me comprometo a vos conduzir à felicidade se observardes meus mandamentos” (Ex. 20, 6). “Na época de Jesus não havia uma ortodoxia religiosa, mas várias correntes de ideias, ou seitas, entre as quais se destacavam os fariseus e escribas, os saduceus, os essênios e os zelotes.”<sup>60</sup>

Os fariseus – recrutados sobretudo do meio de comerciantes e artesãos, não mais que 6.000, segundo Flávio Josefo – eram judeus piedosos, conhecedores da Lei, difundida por eles principalmente nas sinagogas.<sup>61</sup>

“Não faças aos outros aquilo que não gostarias que fizessem a ti. Essa é toda a Torá, o resto é comentário: agora ide e aprendei” – resposta de Hilel, o Ancião, quando lhe perguntaram qual era a essência da Torá.<sup>62</sup>

A pecha de hipócritas tem origem circunstancial e é profundamente injusta.<sup>63</sup> Sua desconfiança do poder, zelo pela Lei e presença junto ao povo tornava-os muito influentes e populares, embora pretendessem “ser separados” do povo, ignorante e afastado da Lei, portanto impuro. Essa preocupação com a pureza os asfixiava tanto quanto aos pobres, que pagavam um peso alto por sua observância. As normas eram de difícil cumprimento, angustiantes e caras. Qualquer toque em algo ou alguém impuro – sangue, certos animais, estrangeiros, pessoas com doenças de pele (chamadas de leproso) – tornava a pessoa impura. Eram muitos os marginalizados pela impureza: doentes, mutilados, loucos, possessos, samaritanos, estrangeiros. As normas sobre a pureza eram um fardo pesado, sobretudo para os pobres. Imagine ter que destruir um forno porque uma lagartixa ou barata passou sobre ele...

Os escribas – muitos de observância farisaica – também chamados doutores da Lei, eram pouco numerosos, mas socialmente influentes.<sup>64</sup> Ocupavam uma posição social logo após os anciãos e eram bem representados no Sinédrio, conselho composto de 71 membros e que atuava como corte de justiça, doutrina e controle da vida religiosa, cujo chefe, o Sumo Sacerdote, era também o chefe supremo da nação.

Os saduceus (“os justos”)<sup>65</sup>, apesar de não serem numerosos, formavam a aristocracia eclesiástica sediada em Jerusalém e tinham grande influência religiosa e política. Apegados à Lei escrita, desconfiavam dos profetas. Não acreditavam na ressurreição dos mortos. Para eles Deus abençoava os justos com riqueza e poder, o que lhes era próprio.

Por se considerarem legítimos herdeiros das tradições sacerdotais, os saduceus tinham-se na conta de donos do Templo... Faltava-lhes uma visão mais universalista da vida: seu horizonte mental coincidia com o horizonte físico da Palestina. (SCHLESINGER, 1979, p. 153)

Os essênios – cerca de 4.000, segundo Filo e Josefo –, com grupos espalhados por todo o país, inclusive Jerusalém, constituíam uma “seita” apocalíptica. A comunidade de Qunram no deserto, às margens do Mar Morto, a cerca de 20 km de onde João pregava e batizava, era regida por rigorosa organização, com regras severas para admissão e penalidades claramente definidas. A comunidade foi destruída pelos romanos em 68 d.C. (SHANKS, 1992, p. xix e 196)

Apartados da sociedade para se manterem puros, eram de um rigorismo tal que ultrapassava o dos fariseus.<sup>66</sup>

*“É mais provável que, diferentemente dos fariseus, os essênios não quisessem influenciar todo o povo. Eles mantinham seus ensinamentos secretos e evitavam discussões com os de fora. Por isso encontramos na tradição de Jesus debates com os fariseus, mas não com os essênios.”* (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 161)

Confiantes em Deus, os zelotes defendiam com determinação o Templo, a Lei e o povo escolhido, lutando pelo extermínio dos ímpios, na época, sobretudo os romanos, que os identificavam como salteadores e sicários.<sup>67</sup>

É importante salientar que fariseus, escribas<sup>68</sup>, saduceus, essênios e zelotes são grupos rivais, às vezes mutuamente hostis, dentro da nação judaica, geralmente unidos na resistência ao internacionalismo grego e ao imperialismo militar romano.<sup>69</sup>

A situação de insatisfação do povo de Israel ajuda a compreender o sucesso de João Batista e de Jesus de Nazaré. Os preceitos religiosos eram sufocantes e colocavam muitos à margem da sociedade como impuros. Um povo sedento de libertação, “ovelhas sem pastor”, à espera de alguém ou algo que viesse cumprir as promessas de libertação, repetidas nas orações de cada dia.<sup>70</sup> Nesse contexto, algumas escolhas de Jesus de Nazaré marcaram sua vida e suas atividades:

*Ser batizado por João e tornar-se, por um tempo, seguidor desse ardoroso profeta;*

*Residir em Cafarnaum, entrosar-se com os pescadores, entre os quais fez seus melhores e mais fiéis amigos pelo resto da vida;*

*Procurar as “ovelhas perdidas de Israel”: os pobres, os pecadores e os doentes, peregrinando pelas aldeias, principalmente da Galileia;<sup>71</sup>*

*Tornar-se, ele próprio, um impuro, pária, por compaixão, sem se apartar do convívio com todos;<sup>72</sup>*

*Anunciar a todos uma boa-nova, fonte de alegria e felicidade: o início do reino de Deus misericordioso, Pai que nunca abandona alguém;*

*Não impor novos preceitos legais, normas e ritos, mas apelar para a confiança em Deus, compaixão pelo próximo e esperança de dias melhores;<sup>73</sup>*

*Escolher entre o povo e treinar um grupo de seguidores, capazes de difundir e dar continuidade à sua mensagem;*

*Não se curvar frente àqueles que se apegam ao dinheiro, ao prestígio, ao poder e à solidariedade meramente grupal;*

*Aceitar as consequências de seus atos, não fugindo à prisão, ao sofrimento e à morte.”*

Temos procurado nos ater aos fatos. Esta seleção de fatos da vida de Jesus de Nazaré (inspirada no livro Jesus antes do Cristianismo, de Albert Nolan), não escapa à subjetividade.

Mais precisamente, como adverte Gerhard Lohfink:

*“[...]quem afirma “isso e aquilo é um fato” já o separa da torrente infinita de acontecimentos... sem interpretação não há compreensão. Mesmo a exposição histórica, a mais precisa e rigorosa, não se dá sem constante interpretação... E a interpretação pressupõe comunidade interpretativa... pressupõe memória cultural.” (LOHFINK, 2015, p. 25-27)*



Moeda de Augusto César onde se lê *caesar divi f*, ou "César, Filho de Deus".



Moeda de Augusto César onde se lê *caesar divi f*, ou "César, Filho de Deus"

Fonte: Denário – Tiberius Caesar, Divi Augusti Filius Augustus / Verso:  
Pontifex Maximus

Fonte: ASLAN. Deus: uma história humana, p. 125.



*“[...]enquanto **romanos** tinham o que poderíamos chamar de **escatologia retrospectiva**, na qual pessoas olhavam **para trás**, da perspectiva de uma “época de ouro” que já tinha chegado e viam a história toda alcançado o ponto onde estavam [...]*

*[...] **judeus** estimavam e celebravam uma **escatologia prospectiva** olhando **para frente** na perspectiva de um tempo não ideal, ansiando, orando com fervor pela liberdade, justiça e paz que, segundo estavam convencidos, pertencia-lhes vez por direito. Deus o faria! Ao final, o plano de Deus se concretizaria!” (WRIGHT, 2020, p. 55)*

*“Podemos dizer sem medo de equivocarnos que a “grande revolução religiosa” levado a cabo por Jesus é ter aberto outra via de acesso a Deus, diferente do sagrado: a ajuda ao irmão necessitado. A religião não detém o monopólio da salvação; o caminho mais acertado é a ajuda ao necessitado. Por ele caminham muitos homens e mulheres que não conheceram Jesus.” (PAGOLA, 2011, p. 235)*

# VIII

## O TEMPLO, AS FESTAS, AS SINAGOGAS E OS SÁBADOS<sup>74</sup>

**A**lgumas instituições impregnavam toda a vida social e religiosa dos judeus na época de Jesus: o templo, as festas, as sinagogas e os sábados.

O Templo de Jerusalém era a referência máxima, símbolo maior da aliança de Deus com o povo e vice-versa. Construído inicialmente por Salomão, foi destruído em 587 a.C. por Nabucodonosor. Reconstruído, com modéstia, em 515 a.C., depois do exílio babilônico, foi completamente remodelado e ricamente adornado por Herodes, o Grande, no ano 20 a.C. A obra levou dez anos para ser concluída, tendo contado com 10 mil operários.

O templo dispunha de 1.500 metros de muralha interior, dotada de contrafortes oblíquos, e chegava a 40 metros de espessura. O santuário era guardado por um pórtico de 50 metros. (SCHLESINGER, 1979, p. 33)

Uma construção monumental, implantada num terreno de 480 x 300 metros, onde sobressaía um grande cubo de 50 metros – o templo propriamente dito. Ali estava a sala denominada Santo, onde ficavam o altar dos perfumes e dos pães ofertados e o candelabro de sete braços. Separado por uma cortina – o Véu do Templo – ficava o espaço vazio, o lugar mais sagrado da terra para os judeus – o Santo dos Santos – onde o Senhor estava presente. Apenas o Sumo Sacerdote, uma vez ao ano, na Festa da Expição, com grande temor, penetrava este recinto, onde só havia uma presença, a de Javé, o Senhor de Israel. Esse era o ponto central, a mais

importante referência para todo judeu. Quanto mais próximo dele, mais sagrado era o local.

O enorme terreno de 144.000 m<sup>2</sup> – cinco vezes maior que a Acrópole de Atenas e dez vezes que a atual Basílica de São Pedro, no Vaticano – em que se encontrava o templo propriamente dito não era um único platô, ele tinha desníveis. No ponto mais alto encontrava-se o Santo dos Santos. Nesse platô foram construídos os palácios de Herodes, dos Asmoneus, de Caifás e, junto ao templo, a Fortaleza Antônia, de onde os romanos cuidavam da segurança, vigiando o que se passava ali, principalmente na Páscoa, quando o procurador romano deixava Cesareia, às margens do Mediterrâneo, e se instalava na Fortaleza para dela observar o que se passava no pátio do templo e para intervir prontamente em caso de qualquer distúrbio da ordem. Assim Roma exigia, assim ele fazia.

Pelo Pórtico de Salomão entravam judeus e gentios (não judeus). Ali estavam instalados os comerciantes de bois, de carneiros, de pombas, de óleo, de farinha e outros apetrechos necessários ao culto, bem como os cambistas para a troca de moedas dos peregrinos vindos de todas as partes. Considerando que Jerusalém tinha cerca de 30 mil habitantes<sup>75</sup> e que, no tempo de festas anuais, sobretudo na Páscoa, o número chegava a 150 mil, pode-se imaginar o movimento de massas compactas e a importância comercial do templo.<sup>76</sup>

Depois do pátio, em direção ao centro do templo, encontravam-se os três portões que davam acesso ao pátio das mulheres. Outros seis portões, três de cada lado, davam acesso ao pátio de Israel, onde nenhum incircunciso, sob pena de morte, podia entrar. Depois vinha o pátio dos sacerdotes, o altar, o Santo e o Santo dos Santos. O altar de 25 metros de largura por 7,5 metros de altura nada tinha a ver com nossos altares; parecia mais um incinerador ou forno crematório, uma vez que se deviam

queimar animais inteiros (holocausto). Somente as peles não eram queimadas; estas se tornavam propriedade dos sacerdotes.

Calcula-se que, no tempo de Jesus, havia cerca de 9600 levitas – que cuidavam da música e da administração – e 7200 sacerdotes, que cuidavam do culto. (BETTO,2015, p. 21)

Dois cordeiros eram imolados, um pela manhã, outro à tarde, todos os dias do ano no sacrifício perpétuo de Israel a Deus.<sup>77</sup> A função de sacrificar o animal e recolher o sangue era exclusiva dos sacerdotes, exceto o cordeiro pascal, que era sacrificado no templo pelo chefe da família, que, naquele momento, figurando o povo, era elevado à dignidade sacerdotal.

A comunidade de sacerdotes se dividia em 24 classes, cujos membros, dispersos na Judeia e Galileia,<sup>78</sup> eram chamados periodicamente a Jerusalém para celebrar os sacrifícios do Templo. Sob eles existia um baixo clero, os levitas, que eram homens para toda serventia: cantores – a função mais prestigiosa –, policiais do Templo etc.

Muitos sacerdotes moravam em Jericó, cidade tida como sacerdotal, situada às margens do Rio Jordão, distante 27 km de Jerusalém, para onde se deslocavam para atender aos respectivos turnos de trabalho de oito dias no Templo.

*“Situada 258 metros abaixo do nível do mar – Jerusalém estava a quase mil acima do mar – em meio a um deserto escaldante, Jericó era um oásis graças a uma enorme e permanente fonte de água.”* (KAEFER, 2012, p. 49)

*“Jericó desempenhava um papel fundamental em razão de sua localização geográfica, porque, além da agricultura, a cidade era parada obrigatória aos peregrinos que se dirigiam a Jerusalém, vindos do sul ou do leste... um dos mais antigos assentamentos urbanos do mundo, local onde se podem identificar comunidades e povoados há mais de oito mil anos.”* (PAGÄN, 2015, p. 72,74)

Imaginemos círculos concêntricos de santidade, de dentro para fora: o Santo dos Santos, onde só o Sumo Sacerdote podia entrar; o Santo, onde os sacerdotes tinham acesso; o pátio dos sacerdotes, espaço entre o Santo e o altar, onde os sacerdotes – mesmo os inaptos para o culto: deficientes de todo o tipo – tinham acesso; o pátio de Israel, destinado aos homens adultos de Israel; o pátio das mulheres; os espaços onde se concentrava o comércio, frequentado por judeus e gentios; os espaços fora dos pátios onde habitavam os dirigentes do culto, a logística do templo; a cidade de Jerusalém; o país de Israel; e, enfim, o resto do mundo. Assim a santidade ia se diluindo e a pureza se tornando impureza.

O templo era o ponto de referência de todos os israelitas. Em parte dele e em seu redor se instalava o maior mercado de compra, venda e trocas do país. Era motivo de orgulho para todo israelita, mas também um peso pela obrigação de peregrinar três vezes por ano e pelo imposto cobrado.<sup>79</sup> Todo israelita adulto estava obrigado a celebrar todos os anos, em Jerusalém, os eventos históricos da libertação de Israel: Páscoa, Pentecostes (Festa das colheitas) e Tabernáculos, ou Tendas. É evidente que nem todos podiam cumprir esse preceito.

Embora Jesus e seus seguidores participassem da peregrinação a Jerusalém, por respeito ao Templo existente e ao que ele significava, há um silêncio completo (nos Evangelhos) sobre o envolvimento dele ou de seus seguidores em algum dos rituais do Templo ou sobre ele ou seus seguidores levarem ofertas ao Templo, tais como frutos da terra. (FREYNE, 1996, p. 205)

Outras festas importantes do calendário judaico do tempo de Jesus, celebradas nas aldeias, eram Yom Kippur (Dia do Perdão), Ano Novo, Dedicção e Purim, uma espécie de carnaval comemorativo da libertação do povo.

A mais espetacular das festas era a dos Tabernáculos, durante a qual cada família construía, nos arredores de Jerusalém, uma cabana de folhagens em que moravam durante uma semana. Tinha aparência de uma festa das vindimas, com os riscos habituais de embriaguez.

Os dados sobre o número de habitantes da Palestina no tempo de Jesus (500 a 600 mil) e de participantes anuais da Páscoa em Jerusalém (120 mil peregrinos, mais os 30 a 50 mil habitantes da cidade) nos dão uma ideia do impacto das peregrinações anuais. A população de Jerusalém, durante uma semana, três vezes por ano, triplicava. Um quarto da população de cada aldeia do país se juntava em caravanas e se deslocava durante dias, a pé, por até 200 km em direção à capital.<sup>80</sup>

No plano espiritual, cotidiano, a referência maior era a sinagoga, um espaço de reunião semanal da comunidade para formação religiosa e oração, oração esta que era repetida diariamente em cada casa, pela manhã e à noite. Prestava-se também para discutir problemas da comunidade. Ali se formava a consciência da identidade nacional e sua aliança com Jeová, seu Deus.<sup>81</sup>

O culto começava com a recitação do Shemá e uma série de orações que falavam das necessidades cotidianas e da grande esperança coletiva: a era messiânica. Embora todos falassem aramaico, as leituras da Torá (Pentateuco) eram feitas em hebraico, que um dos presentes traduzia literalmente ou não. Qualquer homem, judeu adulto (acima de 12 anos) podia fazer a leitura e tinha certa liberdade de escolher o texto. À leitura da Torá seguia-se outra tirada dos Profetas. Era costume algum homem fazer uma pregação, comentando os textos lidos ou exortando à piedade. Entre os camponeses, em geral pouco letrados, era costume passar a palavra aos visitantes ou aos escribas e fariseus, que assumiam a função de animar as

reuniões, o que lhes aumentava o prestígio. Jesus, em suas peregrinações pelas aldeias, procurava as sinagogas para falar ao povo.

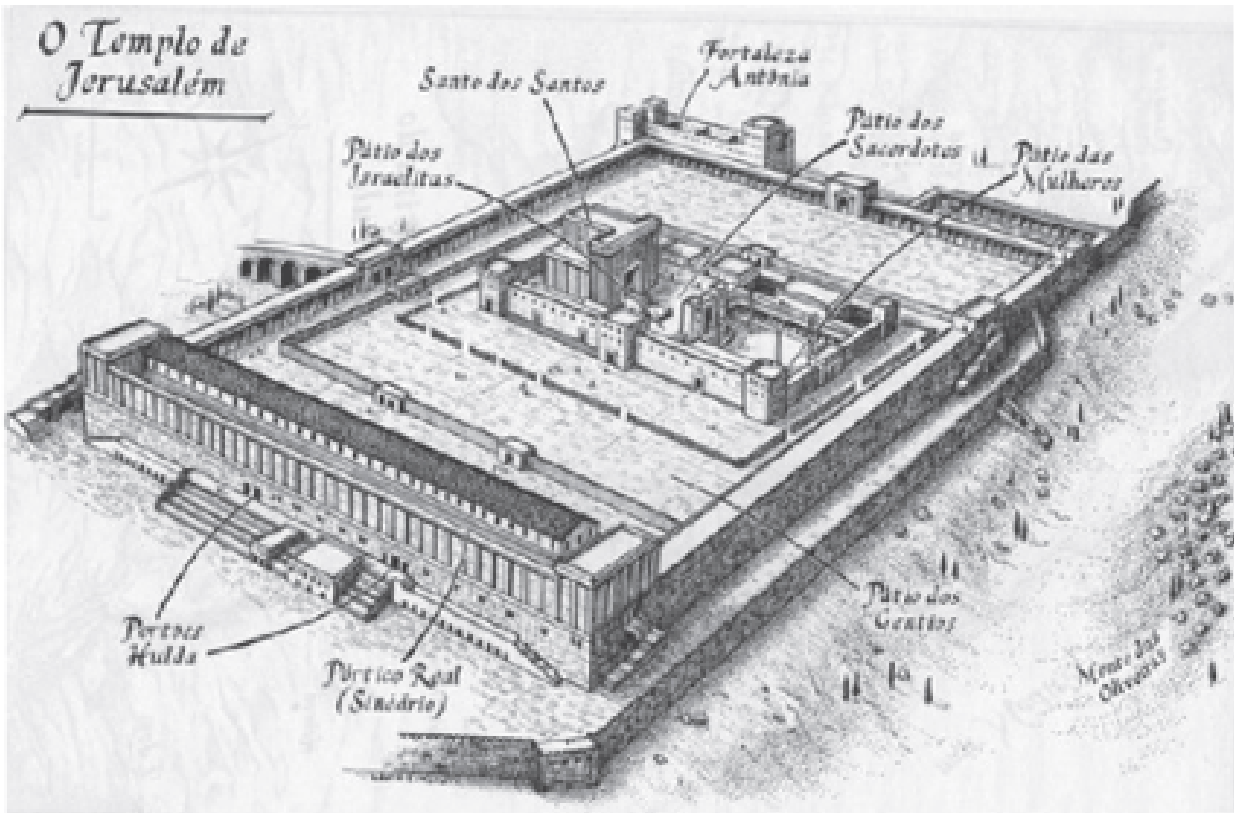
Em geral, as sinagogas eram retangulares – onde existiam, o que não é o caso na maior parte das aldeias da Galileia, no tempo de Jesus –, algumas com bancos de pedra nas laterais. As mulheres e crianças eram separadas dos homens por uma balaustrada de madeira. Todos de corpo e coração voltados para o Templo em Jerusalém.<sup>82</sup>

O descanso de um dia por semana (sábado), introduzido em Israel no bojo de uma série de medidas corajosas de reforma social, de caráter civil – descanso das terras de sete em sete anos (Ano Sabático), o perdão das dívidas, a libertação dos escravos, a devolução das terras penhoradas a cada 50 anos (Ano do Jubileu) – foi sacralizado.

A origem histórica do shabat (sábado) é muito antiga. Está associada às ideias de festa e folga do trabalho. As narrativas sobre ele dão-lhe valor religioso e justificam dizendo que até Deus descansou no último dia da criação do mundo. Com o tempo as narrativas são transformadas em leis, no caso, legislações sacerdotais codificadas durante o exílio babilônico (598 a 538 a.C.). As legislações vão compor um livro e esse se torna sagrado.

Há duas formas fundamentalmente diferentes de ler a Bíblia: investigando as origens, ou se atendo exclusivamente ao que está escrito, como palavra de Deus. No primeiro caso, o sagrado é a vida e as iniciativas humanizadoras que perpassam a história; no segundo caso, o sagrado é o que está escrito, como sendo a inquestionável palavra de Deus.

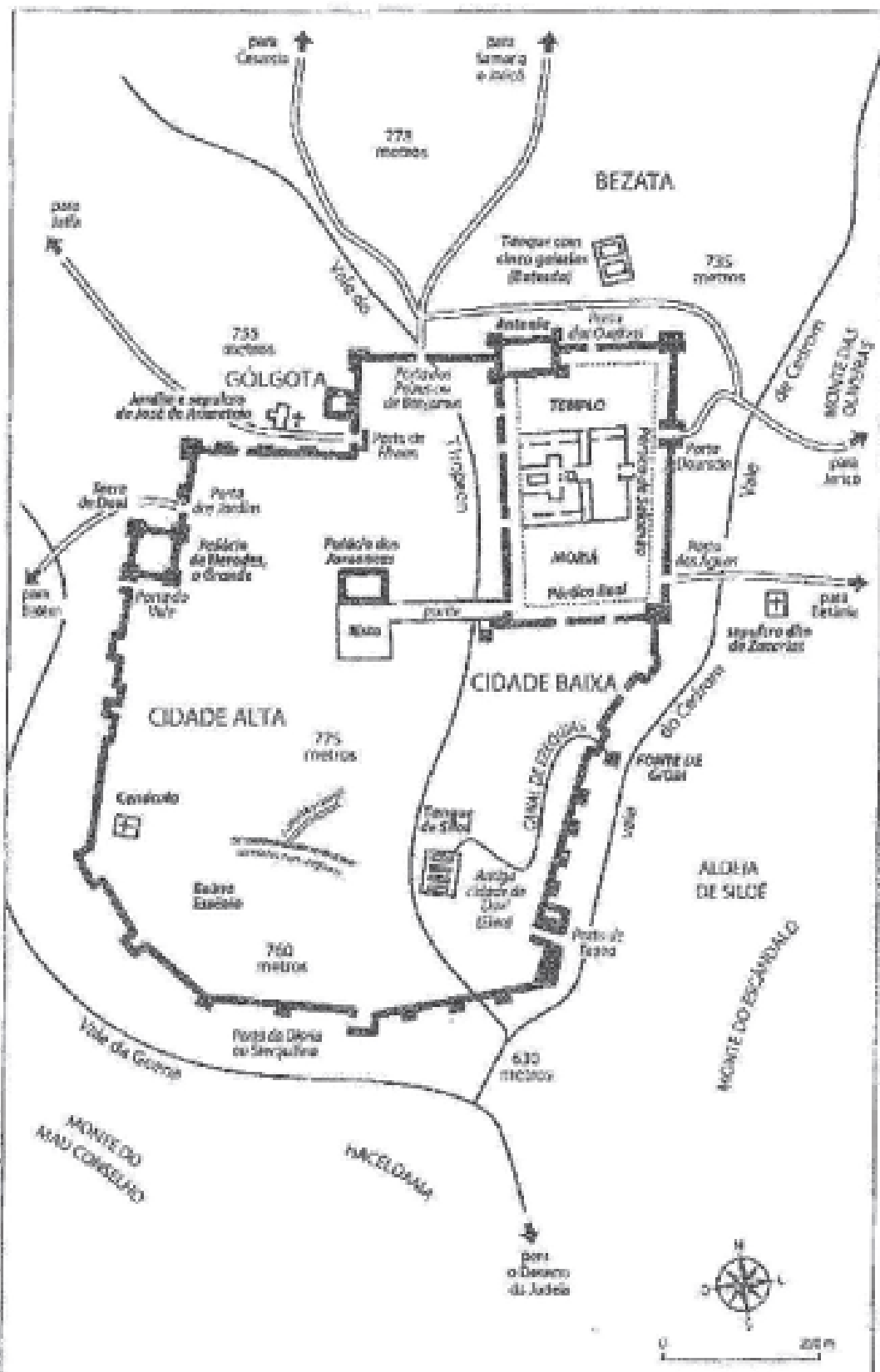
O sábado, uma instituição tão saudável e libertadora, pela leitura estreita do livro, escraviza o homem.<sup>83</sup> Jesus rompe essa amarra que nos prende à Lei, restabelecendo o valor primordial – a vida, os homens – para os quais o sábado foi feito.



Templo de Jerusalém

Fonte: ASLAN. Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré, p. 10.





---

Jerusalém na época de Jesus

Fonte: PETITFILS, Jean-Christian. Jesus, a biografia.

# IX

## O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO EM QUE JESUS VIVEU

**N**a concepção judaica, profundamente enraizada, a terra pertencia a Deus e Deus doou ao povo judaico a terra prometida e fez com ele uma Aliança.<sup>84</sup> Esse quinhão chamava-se Canaã e, a partir da época helenística passou a se chamar Palestina. No ano 63 a.C. o general Pompeu conquistou Jerusalém e incorporou a Palestina (Judeia, Pereia, Samaria e Galileia) à Província Romana da Síria, conquistada no ano anterior. Às duas cidades da Síria, Damasco e Antioquia, foi incorporada a terceira mais importante da região, Jerusalém.

A Palestina era relevante para os romanos por ser uma região estratégica – pela Galileia passava a importante rota comercial que ligava a Mesopotâmia ao Egito –, pequena e densa, o que favorecia o controle militar e a cobrança de impostos; fértil, sobretudo na Galileia, com um centro comercial e financeiro dos maiores do mundo de então, Jerusalém.

A Palestina ocupava uma faixa de terra de 20 mil km<sup>2</sup> (menor que o estado de Sergipe), de 240 quilômetros de comprimento por 80 de largura, entre o Mediterrâneo e o Rio Jordão.<sup>85</sup> Ao Sul ficava a acidentada Judeia, ao centro a Samaria, etnicamente heterogênea e ao norte a Galileia.<sup>86</sup> Habitada por cerca de um milhão de pessoas, a Palestina era uma das regiões mais densas da Província. (GNILKA, 1999, p. 66)

O tamanho da diáspora, que se conta cerca de quatro milhões, em comparação com a população judaica da Palestina, de no máximo um milhão, dá a entender a extensão da migração, favorecida pelas atraentes e

favoráveis condições nas grandes cidades comerciais do Ocidente, bem como pelas frequentes penúrias na Palestina. (JEREMIAS, 2016, p. 131)

A Galileia, com forte influência helenística, era chamada, depreciativamente, pelos judeus do sul,<sup>87</sup> desde o tempo do profeta Isaías, de “Galileia dos gentios”. Região bilíngue, onde o povo falava a língua tradicional – um dialeto hebraico-aramaico – e os soldados, comerciantes estrangeiros e outros, falavam o grego. Entre os discípulos de Jesus havia pelo menos dois que falavam o grego.<sup>88</sup>

Em várias cidades havia uma população mista, helenizada, o que fazia dos galileus um povo mais liberal, menos rigorista com relação aos costumes hebreus e preceitos dos fariseus. Contudo, entre os galileus piedosos reinava um forte nacionalismo e disposição para resistir aos romanos.

Os Evangelhos mencionam várias vezes Decápole, uma referência às dez cidades helenísticas, nove das quais se encontravam a leste, do outro lado do Jordão. Mateus diz que da Decápole vinha gente ver Jesus. Marcos fala de um endemoniado de Gerasa, curado por Jesus e também comenta que este, voltando de Tiro, seguiu em direção ao lago da Galileia, passando por Sidônia e atravessando os montes da Decápole. Uma das cidades da Decápole era Philadelphia, hoje Amã, capital da Jordânia.

As terras da Judeia eram áridas, prestando-se mais à pecuária do que à agricultura. A Galileia era fértil. “Toda a região da Galileia está destinada ao cultivo e não há parte alguma de seu solo que esteja sem aproveitar” (Flávio Josefo (37-100 d.C.) – historiador judeu).

O trigo, muito cultivado na Galileia, constituía a base da alimentação, embora a cevada, mais amarga, fosse “o pão dos pobres”.<sup>89</sup> A Galileia produzia para consumo próprio e o excedente era destinado ao abastecimento da Judeia e, principalmente, de Jerusalém. Para o templo ia

o melhor que se produzia, os “feixes das primícias” e os “pães da proposição”. Além dos cereais, a Galileia cultivava vinhas, oliveiras e figueiras. Há registros de hortaliças cultivadas: lentilha, ervilha, alface, chicória e agrião. Além de frutas, como maçã, romã e tâmara.

A economia camponesa estava baseada no intercâmbio de mercadoria. Para fazerem frente a suas obrigações, os camponeses vendiam o seu excedente de produção a preços determinados pelos grandes proprietários. A exigência de pagar taxas e aluguéis em dinheiro era outra forma de aumentar a pressão sobre os pequenos proprietários e de torná-los ainda mais dependentes de proprietários maiores. (MOXNES, 1995, p. 71)

A maioria das propriedades tinha cerca de dois a quatro hectares, de forma que uma família só conseguia tirar seu sustento com muito esforço e trabalho. (VOIGT, 2008, p. 17)

Plutarco (46-126 d.C.) afirmou que todos os dias chegavam à mesa do imperador, em Roma, romãs e tâmaras da Galileia. O vinho era a bebida costumeira de toda a Palestina.

Na Judeia criavam-se ovelhas e cordeiros, necessários para o culto. A carne era consumida pela população mais abastada, ficando restrita à festa da Páscoa e outras ocasiões especiais para os camponeses e pobres em geral.

Na indústria, destacava-se a pesca no Lago Tiberíades<sup>90</sup> e o preparo do peixe seco em Magdala. A fiação e tecelagem de lã na Judeia; na Galileia seda, possivelmente proveniente da China, e linho, talvez produzido localmente.

A indústria do couro era bastante significativa e destinava-se ao consumo local e à exportação. O couro dos animais abatidos no templo, nas festas anuais, nos sacrifícios diários e nos sacrifícios de expiação

particulares, era de propriedade dos sacerdotes. Apenas na Páscoa eram abatidos cerca de 18 mil cordeiros.

*“Suspeita-se com fundamento que o comércio de animais para o sacrifício era um negócio rentável controlado pela família de Anás. No ano 30 quem o controlava era o “chefe do clero”, Jônatas, filho de Anás e cunhado de Caifás.”* (PAGOLA, 2011, p. 448)

Outros produtos industrializados à época: cerâmica, betume e artesanato de luxo – lembranças da Cidade Santa para os peregrinos e perfume para o templo.

O comércio na Palestina em geral era reduzido e feito de muitas trocas. Os excedentes de produção eram consumidos pelas cidades. Jerusalém, com uma população fixa de 30 a 50 mil habitantes, e de cerca de 120 mil peregrinos nas grandes festas, era a cidade que concentrava maior riqueza e demandava mais bens e serviços. Os bens chegavam em caravanas de camelos, administradas por verdadeiras sociedades de transporte.

*“Em Jerusalém, havia mercados regulares de cereais, gado, fruta e madeira. Existia também posto para leilões, onde os escravos e escravas eram expostos e postos à venda. Através dos Evangelhos, sabemos que havia um mercado anual no átrio exterior do Templo, relacionado com a festa da Páscoa e que começava cerca de três semanas antes da mesma.”* (GNILKA, 1999, p. 9)

Exportava-se principalmente alimentos, frutas, óleo, peixe seco, tecidos, betume e perfumes. O templo, o Sumo Sacerdote e a aristocracia civil e religiosa eram os principais importadores. Compravam cedro do Líbano, incenso e perfume da Arábia, tecidos e especiarias da Índia e da Babilônia. Esse comércio estava na mão de grandes negociantes, judeus ou não, com escritórios e depósitos em todo o império. Alguns destes tinham residência em Jerusalém, onde desfrutavam da corte e de seus prazeres. O luxo da classe rica, em Jerusalém, era faustoso.<sup>91</sup>

Como todo judeu da diáspora (estima-se em 4 milhões o número de judeus fora da Palestina, no tempo de Jesus)<sup>92</sup> devia contribuir, anualmente, com duas dracmas – a didracma – para a manutenção e embelezamento do templo, que era um grande centro financeiro. Ali estava a maior casa de câmbio, onde moedas de toda parte do mundo eram trocadas pela única moeda válida no templo. Como uma espécie de “casa de câmbio”, fixava a cotação de cada moeda. Era a maior instituição bancária da época.

*“As relações do império com a religião hebraica e estavam bem definidas pelo reconhecimento de “religio licita” (religião permitida), conquistada pelo apoio dos judeus a César na campanha histórica do Egito (48-47 a.C.).*

*Paul Trebilco enumera 5 privilégios para os judeus inclusive da diáspora na Ásia Menor: 1) Direito à reunião; 2) Direito de edificar prédios; 3) Direito de coletar o imposto do templo e proteção estatal para seu transporte; 4) Dispensa dos serviços militares dos cidadãos romanos entre os judeus; 5) Direito de observar os sábados, as prescrições alimentares, e de viver de acordo com as leis dos antepassados.”(NUNES, 2016, 447)*

A carga tributária imposta pelo império era maior. Todo judeu – meninas acima de 12 anos e meninos acima de 14 – tinha a obrigação de pagar anualmente um denário (equivalente a um dia de trabalho) e um quarto da produção a cada dois anos, ou seja, cerca de 13% da produção a cada ano.

A cobrança dos impostos era confiada pelos romanos, para ser mais eficiente, às famílias ricas, que contratavam outros, sob forma de arrendamento, para fazer esse “trabalho sujo”.<sup>93</sup> Um desses chefes de cobradores, Zaqueu, foi visitado por Jesus. Um outro, Levi/Mateus, cobrador de impostos, impuro e pecador, na avaliação dos fariseus, foi recrutado por Jesus para ser seu discípulo/apóstolo.

A carga tributária total para a população camponesa era esmagadora. Estima-se que correspondia, para famílias como a de Jesus, a algo entre um terço e metade do que produziam. Muitos perderam suas propriedades por incapacidade de pagar.

Roma, capital do império – alguns historiadores falam de 650 mil a um milhão de habitantes – era mantida pelas riquezas dos países conquistados. O legionário romano tinha que ser um realizador competente, capaz de arrecadar impostos, garantir suprimentos e manter a ordem, a *pax romana*.

Três fenômenos sociais, entrelaçados e associados ao domínio imperial, aconteceram no tempo de Jesus, afetando profundamente a vida de seus conterrâneos: a expansão da monocultura e da construção civil e, como consequência, expansão dos latifúndios, monetarização da economia e concentração da riqueza.<sup>94</sup> A concentração da propriedade e o aumento do contingente de pessoas sem terras teve consequências dramáticas. Muitos camponeses que perderam suas terras deixaram o campo para trabalhar nas cidades.<sup>95</sup> A reconstrução de Séforis, a construção de Tiberíades, por volta do ano 20 d.C., e a fortificação de Júlias – antiga Betsaida, de onde provinham Felipe e os irmãos Simão e André – por Herodes Antipas, além de atender à política de Roma objetivava empregar camponeses que haviam perdido suas terras. Situações de endividamento, desemprego, escravidão, trabalho em regime de diarista ou meeiro, foram presenciadas, vivenciadas por Jesus de Nazaré e narradas nos Evangelhos.

*“[...] a construção de duas cidades capitais no período de duas décadas implicava um esgotamento econômico sem precedentes dos camponeses galileus, precisamente durante a vida de Jesus e daqueles que faziam parte do seu movimento. Além disso, para os galileus, as cidades em estilo romano*



*construídas por Antipas com receitas de impostos eram uma lembrança constante da dominação imperial romana.” (HORSLEY, 2004, p. 91)*

Os Evangelhos – escritos 40 anos depois da morte de Jesus de Nazaré – podem dar a impressão de “que Jesus estava então no centro da história da Palestina.” Visto, porém, da perspectiva histórica, Jesus era uma figura periférica. Não encontramos, de imediato, vestígios dele ao estudarmos a Palestina do século I, depois de Cristo. (THEISSEN, 1991, p. 17)

# X

## DISCÍPULOS DE JESUS: RECRUTAMENTO E TREINAMENTO

Mateus conta em seu Evangelho:

*“Enquanto caminhava junto ao lago da Galileia, (Jesus) viu dois irmãos – Simão, apelidado Pedro e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes: “Vinde comigo e vos farei pescadores de homens.” E eles imediatamente deixaram as redes e o seguiram. Um pouco mais adiante viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam com seu pai consertando as redes. Chamou-os e eles abandonaram a barca e imediatamente o seguiram.” (Mt. 4, 18-23)*

Uma narrativa bonita, que mostra a firmeza do convite e a radicalidade da entrega. Entretanto, as escolhas de Jesus não parecem ter sido tão intuitivas e repentinas.

Jesus de Nazaré deixa a companhia de João, o batizador, para fazer o seu caminho. Como já vimos antes, ele se instalou na casa dos irmãos Simão e André, que conhecera no grupo de discípulos de João Batista. No mesmo bairro de pescadores, em Cafarnaum, moravam os outros dois irmãos mencionados, Tiago e João, filhos de Zebedeu e Salomé, sócios de Simão.

Jesus conviveu durante um bom tempo com os pescadores, provavelmente exercendo seu ofício de carpinteiro/pedreiro/ferreiro (biscateiro, pau para toda obra) e aprendendo o ofício de pescador a ponto de perceber onde e quando cardumes se concentram no lago.<sup>96</sup>

Foi junto à alfândega de Cafarnaum, um pouco mais tarde, que Mateus, também chamado Levi de Alfeu, coletor de impostos, foi recrutado. O

ofício de coletor de impostos era arrendado dos romanos e aqueles que o exerciam eram tidos como pecadores, colaboracionistas e ladrões, que se enriqueciam à custa do povo. Na verdade, eram pobres que se submetiam a essa função subordinada que só enriquecia seus chefes, como Zaqueu.

Na ocasião, Mateus ofereceu um banquete para Jesus, seus discípulos e seus ex-colegas, “coletores e pecadores”.<sup>97</sup> Dizem os especialistas que o texto grego dá margem à interpretação de que os anfitriões desse banquete foram Jesus e os discípulos, na ocasião pelo menos os quatro amigos já mencionados. Nessa hipótese, os discípulos comemoram com Jesus a entrada de mais um no grupo, o primeiro não pescador. De qualquer forma, para os discípulos participarem de uma refeição em que estivessem presentes coletores de impostos, considerados impuros e pecadores, é de se supor que eles já haviam aderido às ideias e atitudes de Jesus e aceitado serem considerados impuros. Já viviam o reino de Deus que a ninguém discrimina. Não se importavam com a crítica dos “letrados do partido dos fariseus”.

Em contraste com o austero João Batista, “que nem comia, nem bebia”, Jesus é acusado de “comilão e beberrão, amigo de coletores e pecadores” (Mt. 11, 19).

A comensalidade, seja com publicanos e pecadores notórios, seja com os seus, em grupos menores ou maiores, é uma característica essencial do Jesus histórico. (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 210)

*“Desde o início de sua militância, a partilha do pão foi a marca de Jesus (Lucas 1, 53; 6, 21). A comensalidade era a expressão vivencial mais característica de sua espiritualidade, para a qual havia uma íntima relação entre o Pai (o amor de Deus e a Deus) e o pão (o amor ao próximo).”* (BETTO, 2015, p. 115)

Os inimigos de Jesus insultavam-no, chamando-o de eunuco (por ser celibatário), tal como, pelo fato de ele comer à mesa com os publicanos, prostitutas e pecadores, chamavam-no de “glutão e bebedor” (Mt. 11, 19). (GNILKA, 1999, p. 170)

Não há dados históricos suficientes para se reconstruir os passos de Jesus, mas sabemos que os discípulos e discípulas o acompanhavam nessa peregrinação pelas cidades e aldeias. Esses seguidores – alguns convidados, outros que foram se achegando ao grupo – viviam como irmãos, homens e mulheres, em igualdade de condições, testemunhando com seu despojamento e alegria a chegada do reino de Deus.

O estilo de vida ascético de Jesus como pregador/curandeiro itinerante criou uma inegável atração, que rompia algumas barreiras sociais daquela sociedade relativamente fechada, tanto em termos de cultura como de classe. (FREYNE, 1996, p. 203)

No mesmo capítulo em que Mateus narra seu chamamento, ele fala da escolha dos doze discípulos especiais, que depois serão chamados de apóstolos, ou enviados.<sup>98</sup> Pelo menos cinco ou seis dos 12 eram de ou viviam em Cafarnaum e tinham uma longa convivência com Jesus. Entre os selecionados havia pescadores, um publicano<sup>99</sup>, um zelota, homens com nomes hebraicos e gregos, como Simão, André e Felipe. Uma lista programática que recorda as 12 tribos de Israel.

*“Nos tempos de Jesus, a palavra zelote podia simplesmente significar “zeloso”, mas talvez signifique, em Mateus, um envolvimento de Simão em atividades revolucionárias antes de se tornar seguidor de Jesus; na época em que os evangelhos foram escritos, o significado mais provável seria esse.”* (KENNER, 2017, p. 74)

Como foi dito no Evangelho de Marcos (o mais antigo), “foram escolhidos para conviver com ele e para enviá-los a pregar”. Essa

diversidade enriquece o grupo, força o entendimento da missão e facilita sua difusão.<sup>100</sup>

*“Oscar Cullmann tem insistido no fato de que no grupo dos discípulos nem todos pensavam da mesma forma e que cada um tinha razões diferentes para seguir Jesus. Provavelmente devemos pensar num grupo de seguidores de tendências diversas reunidos em torno de um líder.”* (AUGIAS, 2011, p. 74)

Na narrativa de Lucas, Jesus escolheu outros 72 discípulos – composição artificial, segundo especialistas – e os enviou à frente, dois a dois, “às cidades e lugares aonde pensava ir”.<sup>101</sup> Confere a todos autoridade e poder para cumprir a missão. Instrui a todos como se comportar, o que levar, onde se hospedar, o que dizer e o que fazer.<sup>102</sup> Vão despojados, sem bastão, sem sacola, sem pão, sem dinheiro, com uma única túnica, dependentes da boa vontade daqueles que os queiram receber “para proclamar o reino de Deus e curar os enfermos” (Mt. 4, 23; Mt. 10, 1).<sup>103</sup>

As viagens de Jesus e dos discípulos são caminhadas penosas, porque feitas a pé, mas são alegres. Levam mensagens de alegria para o dia a dia, confiança em Deus e esperança em dias melhores. Pregam o que praticam: libertação de prescrições, de sentimentos que dão origem a doenças e de doenças que são atribuídas ao poder do maligno. Levam a boa-nova do reino de Deus em curso: vida em abundância. As condições são simples: confiança em Deus/Pai e compaixão para com todos.

Na volta dos discípulos, Jesus faz com eles uma revisão da missão e lhes refreia o entusiasmo, para não perderem o foco. Quando os discípulos disputam entre si o poder no reino de Deus, Jesus os convida a disputar a disposição de servir.<sup>104</sup> Noutra ocasião, convida os discípulos: “vinde vós, sozinhos, a um lugar despovoado para descansar um pouco”, pois não tinham tempo nem para comer (Mc. 6, 31).

*“Eis alguns episódios em que transparece o jeito que Jesus tinha de formar seus discípulos e suas discipulas para a missão:*

*a) envolve-os na missão (Mc. 6, 7; Lc. 9, 1-2; 10, 1); b) na volta, faz revisão com eles (Lc. 10, 17-20); c) corrige-os quando erram (Lc. 9, 46-48; Mc. 10, 14-15); d) ajuda-os a discernir (Mc. 9, 28-29); e) interpela-os quando são lentos (Mc. 4, 13; 8, 14-21); f) prepara-os para o conflito (Jo. 16, 33; Mt. 10, 17-25); g) manda observar a realidade (Mc. 8-27-29; Jo. 4, 35; Mt. 16, 1-3); h) reflete com eles sobre as questões do momento (Lc. 13, 1-5); i) confronta-os com as necessidades do povo (Jo. 6, 5); j) ensina que as necessidades do povo estão acima das prescrições rituais (Mt. 7, 12); k) tem momentos a sós para instruí-los (Mc. 4, 34; 7, 17; 9, 30-31; 10, 10; 13, 3); l) cuida do descanso deles (Mc. 6, 31); m) pensa na alimentação (Jo. 2, 9); n) defende-os quando são criticados pelos adversários (Mc. 2, 18-19; 7, 5-13); o) insiste na vigilância e ensina-os a rezar (Lc. 11, 1-13; Mt. 6, 5-15).” (MESTERS, 1995, p 80-81)*

Depois de algum tempo anunciando nas sinagogas o reino de Deus, Jesus é procurado por milhares de pessoas, a ponto “de não poder apresentar-se em público em nenhuma cidade, mas ficava fora, no despovoado”. Às vezes se escondia para o necessário silêncio e oração.<sup>105</sup>

Em pouco mais de dois anos, entre 28 e 30 d.C., Jesus percorreu várias cidades e aldeias da Judeia, das regiões de Tiro e Sidônia, de Cesareia de Filipe, da Decápole e boa parte da Galileia, concentrando sua ação em Cafarnaum, Corazim e Betsaida. Essas cidades o decepcionaram. Os Evangelhos discordam sobre a duração da vida pública de Jesus: pouco mais de um ano conforme Marcos, Mateus e Lucas, ou três anos de acordo com João.<sup>106</sup>

Embora não houvesse nenhuma mulher entre os doze apóstolos, o comportamento de Jesus em relação a elas fugia completamente aos padrões da época.<sup>107</sup> Elas não podiam falar nas sinagogas, dirigir a palavra

a um homem fora de casa, nem sequer cumprimentá-lo, muito menos testemunhar em juízo. Por mais mulheres que houvesse numa sinagoga, sem a presença de homens não era possível realizar o culto. Provérbio da época: “Quem ensina a Torá à sua filha, ensina-lhe a prostituição, porque ela fará mau uso do que aprendeu.”

O lugar da mulher era em casa, cuidando dos filhos, do marido e fiando lã na Judeia e linho na Galileia. Havia cotas de produção semanal, mas não ficavam com o ganho de seu trabalho, nem sequer o que porventura encontrassem. Entretanto essa situação já começava a mudar nas cidades por influência dos gregos e dos romanos.

Os Evangelhos registram a presença de várias mulheres entre os discípulos. Não são chamadas discípulas, até pelo simples fato de não existir, no aramaico da época, palavra para nomeá-las assim. Alguns nomes conhecidos: Maria, sua mãe; Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e Joset; Joana, mulher do mordomo de Herodes; Salomé, mãe de Tiago e João; Suzana e muitas outras, entre as quais Maria e Marta, irmãs de Lázaro de Betânia, família que Jesus muito estimava.

O comportamento de Jesus em relação às mulheres, falando com elas em público, dando-lhes atenção, deixando-se tocar, protegendo-as, pedindo-lhes favor, aceitando-as de fato como discípulas itinerantes, contrasta com o patriarcalismo rígido da época, recomendado e praticado.<sup>108</sup>

Entre os discípulos, três homens – Simão, João e Tiago – e três mulheres – Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago e Joset (Mc. 15, 40) – gozam de uma amizade especial de Jesus. Maria de Magdala, ou Madalena como ficou conhecida, nada tem a ver com a pecadora mencionada nos Evangelhos. Ela era uma discípula especial, que nunca abandonou Jesus, desde quando ele a livrou de forças malignas que a atormentavam. Teria

sido, segundo alguns historiadores, a primeira pessoa para quem Jesus se revelou após a morte. Ela é a mulher mais citada nos Evangelhos (17 vezes) e a única cuja cidade natal é mencionada.

Acolhendo mulheres no seu grupo de discípulos, Jesus fazia algo que era tido como uma grande provocação para os seus contemporâneos. Era impensável a existência de discípulas no rabinato judaico. (GNILKA, 1999, p. 176)

*“Trata-se de um movimento profético-carismático, sapiencial popular e itinerante que agregava e congregava muitas mulheres (Lc. 8, 1-3) que em Jesus encontraram outra forma de viver sua vida no contexto patriarcal do Império Romano e de culturas religiosas patriarcais. Nesse movimento de renovação intrajudaico, elas eram acolhidas apesar de gestos e palavras exclusivas também ali existentes, eram libertas de vários males, doenças e opressões, eram tidas por discípulas agraciadas pelo amor de Deus e que largavam suas antigas formas de vida para se colocar no seguimento de Jesus.”* (REIMER, 2013, p. 74)



# XI

## **CURAS, EXORCISMOS E MILAGRES**

Uma série de circunstâncias tornava a situação do pobre especialmente crítica na Palestina do tempo de Jesus. Sob o domínio dos romanos, uma elite local é cooptada e desfruta com eles de poder e riqueza. Ambas transferem ao povo o ônus da manutenção e enriquecimento do império. Configura-se, então, uma estratificação socioeconômica composta de três camadas:

- um extrato rico e poderoso, composto pelos membros da família real de Herodes, dos altos dignitários da corte, das famílias da aristocracia sacerdotal e leiga, dos latifundiários, dos grandes comerciantes e dos chefes dos cobradores de impostos. O Templo Sagrado, como santuário e destino de peregrinações e todo o comércio que girava em torno dele, era a principal fonte de riqueza da elite local, ou seja, dos dirigentes de Israel;
- o estrato médio era bastante reduzido e composto de pequenos comerciantes, do baixo clero e dos proprietários de oficinas artesanais e hospedarias;
- os pobres correspondiam à maioria absoluta da população: assalariados, operários e camponeses, pescadores, mendigos e escravos. Havia duas categorias de pobres: o pobre que vivia do trabalho duro, diário e incerto e o despossuído de tudo e que não tinha do que viver.

Jesus pertencia a essa terceira camada, vivenciando com os demais habitantes de Nazaré a luta diária por sobrevivência. Em sua vida pública, Jesus assume a vida dos despossuídos de tudo, acolhendo a todos – ricos e pobres – e não se curvando diante de ninguém.

Durante os 20 primeiros anos de Jesus, a Galileia conheceu pela primeira vez o fenômeno da urbanização. Herodes Antipas fez construir duas grandes cidades a menos de 50 km uma da outra: Séforis e Tiberíades. Para viabilizá-las, houve aumento dos impostos e monetarização da economia, com fortes consequências sobre a economia popular: endividamento, perda das terras e consequente concentração de propriedades e renda, expansão da monocultura e desintegração das famílias.

Os pobres tornaram-se, então, mais pobres, relegados à condição de diaristas, mendicantes e prostitutas. Se a situação destes era desesperadora, tornava-se pior nas ocasiões de seca e epidemia. É fato histórico inegável que Jesus de Nazaré se voltou especialmente para estes, sobretudo para os mendigos, os cegos e entevados, camponeses e escravos fugindo dos credores e dos donos, viúvas, esposas estéreis e repudiadas, e prostitutas. O povo da rua, diríamos hoje.

A situação objetiva dessa camada social era desesperante. Pouco podiam esperar dos governantes e da sociedade em geral. Tampouco da religião como era ensinada e praticada: uma série de normas estigmatizava-os como impuros. Impureza difícil de se livrar, que contaminava os outros, tornando-os impuros ao menor contato físico.

A riqueza era considerada uma bênção de Deus. A pobreza, conseqüentemente, a ausência da bênção de Deus, portanto, abandono, ou pior, um castigo por faltas pessoais ou de antepassados. Não é de se admirar, nesse ambiente onde não se podia ver luz no final do túnel, a

ocorrência generalizada de três fortes sentimentos e comportamentos a se misturar: a doença, sob muitas e difusas formas, a revolta e a esperança escatológica.

A esperança escatológica se traduzia na expectativa da vinda do Messias, ou de um novo grande profeta, já que havia quatro séculos que não aparecia nenhum na história de Israel.

A revolta se traduzia em rancor contra os romanos e contra todos aqueles que colaboravam com eles, a exemplo dos coletores de impostos e, principalmente, de seus chefes, que eram os que se enriqueciam. Havia também aqueles que pegavam em armas contra os romanos, muitos dos quais, aos milhares, foram crucificados. A história registra que, durante os primeiros anos de vida de Jesus, os soldados de Varo, Governador da Província Romana da Síria, crucificaram cerca de mil judeus nas imediações de Jerusalém.

O quadro de doenças entre os pobres, sobretudo entre os despossuídos de tudo (eram muitos os galileus endividados) era extenso e complexo. São muitos os doentes porque são muitos os pobres. Se a saúde, como a riqueza, é uma bênção de Deus, a doença é um castigo e a cura a volta da bênção de Deus.<sup>109</sup>

Sabemos que a doença não é apenas um fato biológico, ou, como se costuma dizer, não há doenças, há doentes. Cada um sofre a seu modo e ao modo de seu ambiente cultural. No contexto da Palestina do tempo de Jesus são considerados doentes os coxos e cegos – os quais, pela tradição de Israel, não podiam entrar na casa de Deus – os parálíticos, os leprosos e os transtornados, como descreve o evangelista Mateus: endemoniados, lunáticos e parálíticos.

De acordo com as representações antropológicas e cosmológicas do mundo antigo, compartilhada pelos Evangelhos Sinópticos, os seres

humanos são dominados por demônios, déspotas terríveis, que provocam o sofrimento físico e psíquico. Na Galileia, à época, o temor do demônio estava profundamente enraizado. (GNILKA, 1999, p. 119)

Era considerado leproso todo portador de doença de pele extensa que tornava a pessoa repugnante.<sup>110</sup> É interessante observar que “até o momento não se descobriu na antiga Palestina nenhum resto arqueológico pertencente a uma pessoa enferma de lepra”. (PAGOLA, 2011, p. 193)

Jesus propõe como missão para si e para os discípulos “anunciar o reino de Deus e curar”. A cura, para Jesus de Nazaré, era uma forma de amar e, curando, ele anuncia o reino de Deus se fazendo presente.<sup>111</sup> Sua fama de curador se espalha e cria nas pessoas a convicção de que ele traz em si, independentemente de qualquer ritual, a força curadora. Basta tocá-lo. Ele próprio parece sentir a presença dessa força, quando, no meio da multidão, pergunta “quem me tocou?”. Uma força que melhora, alivia, salva ou cura, sem nada cobrar, ou pré-estabelecer a não ser a fé, a confiança em Deus e em si.<sup>112</sup> A cura para Jesus é a porta que se abre para mais vida, vida em abundância, para ver Deus como ele é, um Pai misericordioso. É sinal de um mundo novo, que se faz presente aqui e agora; o reino, domínio de Deus, em construção.

Esta é a conversão que ele pede ou sugere: a conversão à compaixão com relação a todos, como Deus é compassivo<sup>113</sup>. É também fato histórico que Jesus foi um famoso exorcista, que, de acordo com a mentalidade da época, expulsava os demônios.

Na cadeia de causa e efeito, que associava, na mente dos antigos, a doença ao demônio, permanece mais um elemento, o pecado. Além de curar a carne e exorcizar a mente, o homem santo tinha outra tarefa a desempenhar: o perdão do pecado. (VERMES, 1996, p. 18)

Os exegetas de hoje entendem que a possessão abrangia epilepsia, histeria, esquizofrenia e estados alterados de consciência. Os portadores desses males eram considerados possuídos, invadidos por espíritos malignos. Jesus parte dos sentimentos daqueles que se acham possuídos e os liberta do mal, com a voz de quem tem autoridade, de quem pode e quer expulsar o mal.

*“[...] na Antiguidade e no judaísmo todo elemento caótico e destrutivo era atribuído a poderes demoníacos. Isso se aplicava, sobretudo, a psicoses e doenças psíquicas em geral. As pessoas marginalizadas tinham à disposição, assim, ‘um constructo social’ que lhes possibilitava expressar sua situação socialmente desesperadora ‘dentro de uma linguagem de sintomas aceita publicamente’. Assim essas pessoas conseguiam ser percebidas, faziam com que houvesse preocupação com elas, que fossem ‘tratadas’”. (LOHFINK, 2015, p. 191)*

Há pesquisadores que “suspeitam que o próprio Jesus sofria uma dramática transformação durante sua atuação”, como exorcista, contra o poder de quem ou daquilo que rouba a vida, a liberdade e o convívio do possuído. Familiares seus chegam a pensar “que ele estava fora de si”. “Aquilo que nos outros suscitava admiração desperta nele uma profunda perturbação: nós o vemos recorrer à oração na tentativa de obter um esclarecimento”. (AUGIAS, 2011, p. 158)

A pregação de João Batista estava centrada no perdão dos pecados; a de Jesus de Nazaré em aliviar o sofrimento dos mais desgraçados, em fazer presente o “reino de Deus”. “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando a boa notícia do reino e curando todo tipo de enfermidade e doenças entre o povo”. (Mt. 4, 22)

*“Os sinais de Jesus seriam certamente mal compreendidos se fossem entendidos como milagres, porque milagre significaria o que os seus adversários queriam dele: um sinal que excluísse qualquer dúvida. Não se pode perder de*

*vista a associação entre a pregação do Reino de Deus e as curas de Jesus, se se quiser caracterizar corretamente esta sua faceta, talvez para nós, hoje, menos compreensível” (GNILKA, 1999, p. 307)*

*“Na Antiguidade as histórias de milagres se concentram em poucas personalidades. A nenhum indivíduo da Antiguidade foram atribuídas tantas tradições de milagres quanto a Jesus. Que Jesus foi um exorcista carismático e curandeiro está fora de discussão.” (THEISSEN;MERZ, 2015, p.134)*

## **XII**

### **O CONTEXTO POLÍTICO EM QUE JESUS VIVEU**

**I**srael, depois das gloriosas monarquias de Davi e Salomão, fragmentou-se, perdeu sua independência e passou cinco séculos como província de sucessivos impérios: Babilônia, Pérsia, Assíria, Egito, Síria, Grécia e Roma. Essa perda da soberania política, enquanto nação, reforçou a identidade cultural e religiosa do povo de Israel, quando um grande contingente vivia na diáspora (fora da Palestina).

Calcula-se que haveria, no tempo de Jesus, cerca de 4 a 5 milhões de judeus dispersos pelo mundo. “Formavam mais de 150 colônias, algumas de grande importância: Babilônia, Antioquia, Alexandria, Roma, Éfeso, Esmirna e Damasco”. (PAGOLA, 2011, p. 333) Todo judeu, da Palestina ou da diáspora, estava obrigado a pagar, anualmente, a didracma, ou seja, duas dracmas – equivalente a dois dias de trabalho – para a reconstrução e embelezamento do templo.

Esse enorme contingente de pessoas dispersas pelo mundo – cerca de 10% de todo império romano – proporcionou o desenvolvimento do comércio internacional e do sistema bancário, tornando o templo também uma grande bolsa de valores, uma vez que a única moeda válida aí era a “shekel”, a moeda de Israel.

A Palestina (Judeia, Samaria e Galileia), na época de Jesus, fazia parte do império romano. Em 63, Pompeu, general romano, cercou Jerusalém. A última resistência se entrincheirou no templo. Após três meses de assédio, Pompeu apoderou-se da cidade e mandou decapitar todos os chefes. Um forte tributo foi imposto a Jerusalém e arredores e a região foi posta sob a

autoridade da Síria, conquistada no ano anterior e onde se situavam duas das maiores cidades da região: Damasco e Antioquia.

*“Ansioso por restabelecer o poder romano na Palestina, depois da irrupção da ‘guerra civil’ entre facções rivais da dinastia asmonéia fantoche, Cássio escravizou 30.000 pessoas em Tariquéia (= Mágdala) e arredores, junto ao mar da Galileia, em 53-52 a.C.). (HORSLEY, 2004, p. 35)*

Em apenas 20 anos, de 57 a 37 a.C. houve três revoltas na Galileia. Os romanos, em 47 a.C., nomearam Herodes, de rica família judia-indumeia, comandante militar da Galileia. Em 40 a.C. o senado romano nomeou Herodes “rei aliado e amigo dos romanos”. Ele deixou de ser governador de ordem equestre (militar) para ser governador de ordem senatorial (civil). Herodes demorou três anos para controlar seu reino, mas no ano 37 a.C. ele tomou Jerusalém, capital da Judeia, com apoio das tropas romanas.

A partir do ano 37 a.C., Herodes governou a Palestina com mão forte. Autoritário, cruel, bajulador do império, odiado pelos judeus, que o consideravam meio-judeu, passou para a história como um grande construtor. Ele reconstruiu com luxo e esplendor o templo, concluído 14 anos depois de sua morte, por volta do ano 10 d.C., quando Jesus tinha entre 14 e 16 anos. [114](#)

Herodes desejava transformar o Templo – um centro de culto e sacrifício de profundo valor devocional para os judeus – numa cidade que rivalizasse com outras sensacionais realizações do mundo antigo: Atenas, Alexandria e Roma. De fato, Jerusalém e Cesareia Marítima tornaram-se os polos magnéticos da vida judaica no período romano: duas maneiras inteiramente diferentes de levar essa vida... (SCHAMA, 2015, p. 163)

Reedificou a Samaria, restaurou várias fortalezas, transformando três delas em palácios para si. Construiu a cidade de Cesareia – grande e prestigioso centro estratégico, rival de Alexandria como porto e de



Jerusalém enquanto novo eixo vital do país – às margens do Mediterrâneo, onde implantou os jogos quadrienais em honra do imperador Augusto. “Dentro de suas muralhas, os judeus mal eram tolerados e os romanos podiam caminhar pelas ruas repletas de estátuas a seus deuses imperadores.” (THOMAS, 2007, p. 97). Herodes gozava da confiança do imperador, a quem bajulava acumulando-o de presentes.

A ocupação romana se evidenciava de muitas formas: nos aquedutos, nos edifícios, na política de fortalecimento das cidades – que aumentava o contraste com a pobreza do campo – nos soldados, nos impostos, nas moedas e nas cruzes colocadas perto da entrada das cidades, onde os rebeldes eram crucificados, pena de competência exclusiva dos romanos. [115](#)

Quando Jesus de Nazaré tinha um ano (ano 4 a.C. no calendário atual, elaborado pelo monge Dionísio Pequeno, no século IV, com um erro de 5 a 6 anos para menos) morreu Herodes, o Grande, em seu palácio em Jericó. Seu reino foi dividido entre os três filhos: Herodes Antipas ficou com a Galileia e a Pereia, Felipe com a Itureia e Traconides e Arquelaus ficou com a Judeia, a Idumeia e a Samaria, com título de etnarca, ou régulo. Roma negou aos três o título de rei. Felipe governou até sua morte, com o título de tetrarca, ou vice-rei (4 a.C. a 33/34 d.C.). Durante os 10 anos de governo de Arquelaus (4 a.C. a 6 d.C.), a Palestina passou por um dos períodos mais violentos de sua história. No dia de sua posse, massacrou 3 mil pessoas na praça do templo.

Revoltas na Galileia e na Judeia fizeram com que o Governador da Província Romana da Síria enviasse o General Varo, que destruiu Séforis, capital da Galileia, distante 5 km de Nazaré, arrasou várias aldeias vizinhas e crucificou cerca de mil judeus nas imediações de Jerusalém. “Na região montanhosa da Judeia, Varo destruiu totalmente a vila de Emaús

(conhecida por uma das histórias relacionadas com a ressurreição de Jesus (HORSLEY, 2000, p. 36).

Jesus tinha, à época, quatro anos. No ano 6 d.C., quando Jesus tinha de 10 a 12 anos, Roma depôs Arquelau e decretou um censo para poder organizar a administração e atualizar a cobrança de tributos. O censo provocou forte reação popular e ensejou o movimento de oposição inspirado no zelo pela Lei, que boicotava o censo e se negava a pagar os impostos. Os adeptos passaram a ser chamados de zelotes.<sup>116</sup>

Tendo deposto Arquelau, Roma nomeou um procurador romano, Copônio, para a Judeia.<sup>117</sup> O procurador era um funcionário remunerado, dependente diretamente do imperador, recrutado entre os membros da ordem equestre, e reportava-se ao Governador da Síria. O procurador residia em Cesareia Marítima, onde dispunha de tropas auxiliares: uma guarnição composta de 3 mil homens não judeus, uma vez que estes eram, por concessão de Roma, isentos do serviço militar. As legiões – 4 na época, com 6 mil homens cada – ficavam na Síria. Em Jerusalém havia uma coorte composta de 600 homens, estacionada na Torre Antônia, bem junto ao templo.<sup>118</sup>

Os procuradores, chamados também prefeitos, não intervinham na administração ordinária da justiça, tanto civil, quanto criminal, que competia aos tribunais locais judeus. A imposição da pena de morte era competência exclusiva do procurador e apenas cidadãos romanos podiam recorrer da sentença, direito exercido pelo apóstolo Paulo, anos mais tarde. O procurador atuava como um supervisor e o Sinédrio como autêntico governo. Contudo, os membros do Sinédrio eram aprovados por Roma. O Sumo Sacerdote, que presidia o Sinédrio, era nomeado por Roma.

*“O povo judeu venerava a figura do sumo sacerdote, o prefeito romano respeitava essa tradição secular. Por isso, não corresponde à realidade a*

*estereotipada opinião de uma ocupação militar de Roma em Jerusalém. Nessa cidade não havia ocupação romana como tampouco existia dominação de gentios”. (ALONSO, 2022, p. 132)*

O procurador Copônio, nomeado quando Arquelau foi deposto, foi prefeito da Judeia de 6 d.C. a 9 d.C. Em seu primeiro ano de governo, nomeou Anás, um dos homens mais ricos de Jerusalém, Sumo Sacerdote. No ano 15 d.C., quando Jesus tinha entre 19 e 21 anos, o prefeito Valério Grato destituiu Anás. Três anos mais tarde, quando Jesus tinha entre 22 e 24 anos, o mesmo prefeito nomeou Sumo Sacerdote José Caifás, casado com a filha de Anás. Será esse que, 12 anos mais tarde, junto com seu sogro, entregará Jesus à autoridade romana.

O prefeito Pôncio Pilatos, nomeado por Roma, chegou a Cesareia Marítima no ano 26, quando Jesus tinha entre 30 e 32 anos. Quatro anos depois, José Caifás, presidindo o Sinédrio, irá condenar Jesus de Nazaré e pedir para ele a pena de morte. Pilatos, contra quem o povo se revoltara três anos antes, quando ele tentou introduzir em Jerusalém os estandartes militares com a efígie do imperador e as águias romanas, mandou flagelar e crucificar Jesus.

Fílon de Alexandria, filósofo judeu, helenista, contemporâneo de Jesus, culpa Pilatos por “mortes incontáveis e contínuas”. O governador da Síria, Lucio Vitélio, no ano 36, acolhendo reclamações dos judeus sobre a violência de Pilatos, afastou-o do cargo e enviou-o para se justificar junto ao imperador Calígula. Afastado do cargo, Pilatos teria se suicidado em 37 d.C., segundo o historiador Eusébio de Cesareia.

Em algumas comunidades cristãs, acreditava-se que Pilatos se convertera. Sua mulher, Prócula, chegou a ser venerada como santa na Igreja Ortodoxa. Os historiadores veem na origem dessas tradições a

tentativa de mitigar a culpa do governador romano, quando o cristianismo enfrentava o poder do império.

# XIII

## AS PARÁBOLAS DE JESUS<sup>119</sup>

“*A palavra parábola, do grego parabolé, a qual corresponde na língua materna de Jesus, à palavra aramaica mathla, designava toda sorte de linguagem figurada: parábola, comparação, alegoria, fábula, proverbio, dito enigmático... piada*” (JJ, p. 10-13)

Nas fontes cristãs conservam-se cerca de 40 parábolas com um relato mais ou menos desenvolvido, junto com uma vintena de imagens e metáforas que permaneceram num esboço ou apontamento de parábola (PAGOLA, 2011, p. 147). Tais como chegaram até nós, as parábolas de Jesus têm duas raízes históricas: situações concretas da vida de Jesus e leituras vivenciadas pelas primeiras comunidades “cristãs”. As parábolas de Jesus do reino representam acuradamente o mundo da aldeia no interior galileu como um mundo de reis e príncipes cujos ministros são escravos. A parábola da festa de casamento, na qual o rei envia tropas para destruir uma aldeia recalcitrante (Mt. 22, 2-14), é o mundo de Herodes Magno, Arquelau e Antipas (veja a caracterização em Mc. 6, 17-27), e não o mundo das cidades democráticas gregas. É um mundo dos muito ricos e dos pobres, do rei e do camponês, de apenas duas classes sociais. (STAMBAUGH, 1996, p. 80)

As parábolas que refletem o núcleo de mensagem sobre a chegada do reino de Deus foram fortemente retocadas pela morte de Jesus, pela fé na ressurreição e pela espera cristã da parusia de Jesus (ES, p. 155).

Perdemos muito de seu sabor por não sabermos qual fato concreto motivou a parábola, como parece ser o caso da parábola do assaltante

noturno (Mt. 24, 43), referente a um assalto acontecido há pouco tempo, de que fala toda a aldeia (JJ, p. 46). Parecem se ligar a fatos concretos as parábolas do administrador desonesto (Lc. 16ss), a erva daninha no meio do trigo (Mt. 13, 24), o rico insensato (Lc.12, 16ss) e o samaritano misericordioso (Lc. 10, 30 ss.).

*“Do ponto de vista literário, parábolas são histórias que combinam metáfora com narrativa. Elas são matéria-prima da linguagem de Jesus e reportam à realidade cotidiana da natureza e das atividades humanas. Abertas, elas permitem múltiplas leituras e muitas vezes são perturbadoras e desafiam o senso-comum. Elas também dão acesso à imaginação de Jesus e nos fazem entrever sua experiência de Deus.”* (RAUSH, 2006, p. 137)

Marcos, que é de uma tradição evangélica mais antiga (70-71), tem poucas parábolas. Ele se interessa mais pela atuação de Jesus, pelos seus ensinamentos aos discípulos e pela praxe de sua vida do que pelas suas parábolas.<sup>120</sup> Metade das parábolas do evangelho de Mateus (80-90) não se encontram em outros lugares do Novo Testamento. Mais que a metade das parábolas que encontramos em Lucas (85-90) encontram-se somente nele, que deve tê-las encontrado em determinada tradição (ES, p. 153).

Segundo Étienne Trocmé, as parábolas não pertencem tanto à pregação geral de Jesus às multidões, mas antes “às conversas na mesa, que ele teve com toda espécie de cidadãos”, o que explicaria tanto a integração um pouco tardia das parábolas na tradição evangélica sobre Jesus, como também porque nessas parábolas se fala tantas vezes em refeições (de todo tipo) e em “donos” e “servos” (ES, p. 154).

Uma parábola se move em torno de um núcleo de escândalo, pelo menos algo de paradoxal e inusitado. Ela quer levar o ouvinte a refletir, incluindo algum elemento de estranho e de surpresa, dentro de um acontecimento corriqueiro.

*“Jesus sugere dois tipos de parábolas, nomeando-as ‘parábola fechada’ e ‘parábola aberta’. A primeira é oferecida ao auditório sem nenhuma interpretação. A segunda é explicada pelo mestre a fim de tornar evidente o seu teor. No primeiro caso, o mestre recusa esclarecer o seu propósito, talvez queira ele que o ouvinte faça o esforço de compreensão, que invista num estudo (de ensino) num limud.” (HADDAD, 2016, p. 121)*

Com exceção de três parábolas (“O rico avarento”; “O rico e Lázaro”; “O publicano e o fariseu”), todas as histórias são terrenas, e nelas Deus não é mencionado diretamente. Assim, o lugar-comum torna-se provocação estimulante. Sacode e inquieta. A parábola é tão provocadora que uma atitude neutra diante dela se torna impossível (ES, p. 152).

O Deus das parábolas é sobretudo misericordioso e clemente (Lc. 18, 10-14; Lc. 18, 7), consolador (Lc. 16, 19-31) e até incrivelmente magnânimo (Mt. 18, 23ss; 20, 1-16; Lc. 15, 20, 32), de generosas recompensas (Mt. 25, 21-23), não de acordo com os resultados, mas segundo a sua própria bondade (Mt. 20, 15) e é insuperável em longanimidade (Lc. 13, 6-9; Mt. 13, 24-30). Nisso reencontramos o Deus de Jesus, do reinado de Deus, que só pensa no que é bom para a humanidade (ES, p. 154).

Jesus não apenas falou em parábolas, mas também agiu. Suas mais impressionantes ações parabólicas foram a concessão de comunhão de mesa aos desprezados (Lc. 19, 5) e sua recepção em casa (Lc. 15, 1-2) e até mesmo no círculo dos discípulos (Mc. 2, 14; Mt. 10, 3). Na preocupação com o ser humano e com a história de seu sofrimento, com publicanos e pecadores, com pobres, paralíticos e cegos, com excluídos e pessoas alienadas de si mesmas por espíritos maus, Jesus é uma parábola de Deus e de seu reinado entre os homens (ED, p. 153).

Pagola destaca como é desconcertante a parábola do fariseu e do publicano (Lc. 18, 9-14):

*“Naquele tempo disse Jesus esta parábola para alguns que, considerando-se justos, se sentiam seguros de si mesmos e desprezavam os outros: – Dois homens subiram ao templo para orar. Um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim em seu interior: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como os outros: ladrões, injustos, adúlteros; nem como esse publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo que tenho”. O publicano, por sua vez, ficou atrás e não se atrevia nem sequer a levantar os olhos para o céu; apenas batia no peito dizendo: “Ó Deus, tem compaixão deste pecador”. Digo-vos que este desceu justificado para casa e aquele não. Porque todo aquele que se enaltece será humilhado e aquele que se humilha será enaltecido”. (Lc. 18, 9-14)*

A conclusão de Jesus é revolucionária. O publicano não pode apresentar a Deus nenhum mérito, mas fez o mais importante: refugiar-se em sua misericórdia. Volta para casa transformado, abençoado, “justificado” por Deus. O fariseu, pelo contrário, decepcionou a Deus. Sai do templo como entrou: sem conhecer o olhar compassivo do Pai (JP, p. 303).

A permanente tendência ao moralismo por parte de parcela de “pessoas de bem” mostra a atualidade desta parábola, em que a ética se sobrepõe à moral. O piedoso fariseu, como disse Eduardo Hoornaert, interpreta a Lei de modo moral – cumprir as obrigações; Jesus, de modo ético – a compreensão e a misericórdia se sobrepõem às “leis e costumes”.

Entende Aslan que “as parábolas de Jesus, principalmente a do bom samaritano, estavam cheias dos mesmos sentimentos anticlericais que moldavam a política e a fé da Galileia e que se tornariam a marca registrada de seu ministério”:



*“Um homem ia descendo de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo e o espancaram. Depois foram embora e o deixaram quase morto. Por acaso um sacerdote estava descendo por aquele caminho; quando viu o homem, passou adiante, pelo outro lado. O mesmo aconteceu com um levita: chegou ao lugar, viu e passou adiante, pelo outro lado. Mas um samaritano, que estava viajando, chegou perto dele, viu e teve compaixão. Aproximou-se dele e fez curativos, derramando óleo e vinho nas feridas. Depois colocou o homem em seu próprio animal, e o levou a uma pensão, onde cuidou dele. No dia seguinte, pegou duas moedas de prata e as entregou ao dono da pensão, recomendando: Tome conta dele. Quando eu voltar vou pagar o que ele tiver gasto a mais.” (Lc. 10, 30-37)*

Os cristãos têm há muito interpretado essa parábola como reflexo da importância de ajudar as pessoas em dificuldade. Mas, para o público reunido aos pés de Jesus, a parábola teria menos a ver com a bondade do samaritano do que com a baixeza dos dois sacerdotes (RA, p. 124).

Para Schillebeeckx, a parábola do servo inútil talvez seja a mais chocante no contexto da espiritualidade judaica nos dias de Jesus:

*“Se alguém de vocês tem um empregado que trabalha a terra ou cuida dos animais, por acaso vai dizer-lhe, quando ele volta do campo: “Venha depressa para a mesa”? Pelo contrário, não vai dizer ao empregado: “Prepare-me o jantar, cinja-se e sirva-me, enquanto eu como e bebo; depois disso você vai beber e comer”? Será que vai agradecer ao empregado, porque este fez o que lhe havia mandado? Assim também vocês: quando tiverem cumprido tudo que lhes mandarem fazer, digam: “Somos empregados inúteis: fizemos o que devíamos fazer.” (Lc. 17, 7-10)*

A espiritualidade judaica da época baseava-se na obediência a Deus, segundo a norma da Lei. Quem conhecia a Deus e, além disso, cumpria a Lei com exatidão, possuía certeza da salvação, pois sendo Deus justo era

obrigado a dar felicidade ao fiel cumpridor da Lei. Na parábola, o servo faz bem tudo que mandaram fazer e Jesus conclui: “também vocês quando tiverem cumprido tudo que lhes mandarem fazer, digam: somos empregados inúteis, fizemos o que deveríamos fazer”. Não fizemos mais que a obrigação, como se diria hoje.

Craig Keener conclui seu comentário a essa passagem de Lucas: “O ensinamento parece ser o seguinte: **a fé cresce à medida que nós a utilizamos como servos: o propósito da fé é servir – ela jamais é um fim em si.**” (KEENER, 2017, p. 265)

# XIV

## MENSAGEIRO DA COMPAIXÃO E DA ESPERANÇA

A raiz da palavra compaixão em hebraico tem um sentido de “entranhas”. Remete ao que sente a mulher pelo filho no ventre e sugere “dar a vida”, “alimentar”, “cuidar”.

Esta parece ter sido a palavra que melhor expressava a fé de Jesus: Deus é o Pai que tem paixão pelos seus filhos e a quer compartilhada: compaixão. Impregnado de compaixão, certo de que o Pai só quer a felicidade de seus filhos, Jesus sai a anunciar, se faz mensageiro.<sup>121</sup> Um comentário de um dos seus ouvintes registrou a impressão deixada pelo mensageiro: “Ele fala como quem tem autoridade”.

Jesus não falava como os escribas, nem como os sacerdotes. Conhecia bem as Escrituras, mas não argumentava a partir delas. Com alma de poeta, convida seus ouvintes a um novo olhar sobre a realidade cotidiana, em que a vida e o amor se fazem presentes. Suas parábolas – das quais 40 chegaram até nós pelos Evangelhos – são peculiares e inusitadas.<sup>122</sup>

O fato mais surpreendente nas parábolas de Jesus é a escassez de citações e alusões escriturísticas diretas, não mais que 40, quando apenas a Epístola de Paulo aos Romanos contém duas vezes mais citações que a soma total daquelas que Marcos, Mateus e Lucas associaram a Jesus. Comparado com o estilo baseado nas Escrituras dos fariseus e dos escribas, trata-se de algo muito notável. (VERMES, 2006, p. 246)

Sua fala a partir dos fatos cotidianos confere-lhe um contexto, como diríamos hoje, profano, laical, dessacralizado. Ou tudo se faz sagrado?<sup>123</sup>

*“Jesus não apenas falou em parábolas, mas também agiu. Suas mais impressionantes ações parabólicas foram a concessão da comunhão de mesa com os desprezados (Lc. 19, 5s), sua recepção em sua casa (Lc. 15, 1-2) e até mesmo no círculo dos seus discípulos (Mc. 2, 14; Mt. 10, 3).”* (JEREMIAS, 2016, p. 246)

Como as palavras convencem, mas é o exemplo que arrasta, Jesus de Nazaré arrasta muitos (multidões, como dizem os Evangelhos, às vezes com certo exagero), com o exemplo de sua compaixão esperançosa. E esperança é outra palavra-chave. Ele sabe que o muito que ele pode fazer é pouco, mas quer mostrar que é possível, que se pode construir o reino de Deus, um reino sem rei.

Seu modo de mostrar a compaixão de Deus é encarnar essa compaixão, é aliviar o sofrimento daqueles que encontra pelo caminho e aqueles que ele busca nas aldeias: cura, expulsa os demônios, ressuscita quem está dormindo, aproveitando o talento de cura que o Pai lhe deu. Faz-se amigo dos marginalizados, deixa-se tocar e toca os impuros, senta-se à mesa com pecadores, acolhe publicanos e prostitutas, provoca escândalo em muitos “piedosos”. Também estes têm que perceber que o Pai quer “compaixão e não sacrifícios”.<sup>124</sup>

Os seguidores de Jesus consistiam predominantemente em pessoas difamadas, pessoas que gozavam de baixa reputação e estima: os “amme haarets”, os incultos e ignorantes, aqueles cuja ignorância religiosa e comportamento moral fechava, segundo a convicção da época, a porta de acesso à salvação. (JEREMIAS, 2016, p. 137)

O amor de Deus nada tem de discriminatório, condicional ou sufocante. Nem é cobrador; não exige arrependimento ou sacrifício. Se alguém retribuir, melhor ainda; aí se tem compaixão. Sua amizade manifestada na convivência grupal, no repartir o pão de cada dia com os

marginalizados, liberta-os da vergonha e da humilhação. Faz todos, qualquer um, sentir-se gente, filho de Deus.

Para o Rabino Philippe Haddad, “eis a boa nova de Jesus: dizer às nações que Deus os ama, que Deus perdoa e que é preciso saber oferecer seu coração a Deus no tamanho do fundo de uma agulha ou de um grão de mostarda”. (HADDAD, 2016, p. 22)

Parece não haver dúvida de que Jesus se deu conta de que a primeira e mais importante renovação a ser feita no judaísmo era o conceito e a forma de relacionar-se com Deus. (CASTILLO, 2015, p. 77)

*“É este, pois, o começo da conversão e da vida nova: que o homem aprenda a chamar com toda confiança infantil seu Deus de Abba, porque nele se reconhece abrigado e amado sem limites.”* (JEREMIAS, 2016, p. 137)

Alguém com tal capacidade de acolher, de atrair, de cativar, que acreditava estar vendo a chegada do reino de Deus, só poderia ser feliz e alegre. Sua alegria certamente contagiava. Seu senso de humor – refletido em pormenores de suas parábolas – sugere que cantos e boas gargalhadas no grupo de seus seguidores tenham despertado a curiosidade de quem se avizinhava.

Ele viveu num tempo em que a expectativa popular de uma intervenção de Deus era iminente: um tempo escatológico. Um novo tempo estava para chegar. “Em breve o mundo seria radicalmente transformado pelo poder libertador e salvífico de Deus rei [...] É na entrega do eu à vontade de Deus que sua soberania é realizada na terra.” (VERMES, 1996 p. 52). Para muitos, Deus enviaria alguém para libertar Israel e sujeitar a seus pés os inimigos do povo eleito.

Jesus parece ter compartilhado da expectativa escatológica de seu tempo. Só que para ele não era “o fim do mundo” ou fim de um mundo de opressão, sendo substituído por nova forma de opressão. Seu Pai queria

que ele anunciasse o advento de um novo mundo, mas a ser construído aqui e agora, ou germinado como uma “semente de mostarda: muito pequena, que cresce e dá lugar a uma árvore, onde os passarinhos vêm fazer seus ninhos”. Essa era a missão dele: “Para isso vim, para fazer a vontade de meu Pai”.

*“Jesus muda a escatologia futura e a transforma em uma “escatologia presente”. O presente é um tempo pleno, o início da salvação definitiva (Mc. 1, 14; 2, 18ss e outros). [...] em Jesus, o que o reino futuro trará, já é presente.”* (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 255;267)

Esta era a esperança dele: ver o reino de Deus – reino de vida, de felicidade, de perfeita alegria – expandir-se. E sua esperança era alimentada, dia a dia, em sua caminhada pelas aldeias. Sua acolhida era a acolhida do reino de Deus. Sua mensagem da compaixão do Pai era um apelo à compaixão pelo próximo. Um converter-se não como introspecção e arrependimento, mas voltar-se de todo o coração para o próximo.

Ele não era de muitas citações da Torá (a Lei), nem de recitações das orações, a não ser as de costume, mas ensinou uma nova oração, cuja versão, com sabor aramaico,<sup>125</sup> é muito concreta e onde a tônica é a reciprocidade amorosa:

***Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; dá-nos hoje o pão de cada dia; perdoa as nossas dívidas, como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos submetas à prova.***<sup>126 127 128</sup>

Na percepção de Jesus, o amor do Pai pelos seus filhos é incondicional, pessoal e universal.

*“É por ele ter sido tão fiel à tradição e à altura de seu povo, que sua mensagem é tão universal. Ele ajudou o seu o povo a ser mais judeu, mais fiel a si mesmo e, assim, mais humano”.* (CRB, 1996, p. 32)

Compaixão para ele não é bem misericórdia, que parece sugerir uma relação de cima para baixo. Não é simples boa vontade, é sentimento exigente, que pede ação; voltar-se para o irmão, sobretudo para os pequeninos, ou, como diríamos hoje, para os invisíveis. “Amar ao próximo como como a si mesmo” (Mt. 22, 39).<sup>129</sup>

Os indigentes, ontem como hoje, são condenados a viver na vergonha. São habitualmente invisíveis, vultos sem nome, que frequentam durante anos portas de igrejas, sem que os fiéis saibam sequer seus nomes.

*“Podemos dizer, sem medo de equivocarnos, que a grande revolução religiosa levada a cabo por Jesus é ter aberto outra via de acesso a Deus, diferente do sagrado, a ajuda ao irmão necessitado.”* (PAGOLA, 2011, p. 235)

Para Jesus, o Pai estava construindo em sua terra, com seus conterrâneos, um novo reino, através de sua ação. Havia alegria, havia amizade, havia espontaneidade, liberdade; havia vida em abundância, uma nova qualidade de vida. Mas nem tudo eram rosas. Houve momentos também de decepção, de alguns e dele próprio. Ele chegou a dizer para os discípulos mais próximos: “você também não querem ir embora?” (Jo. 6, 67).

Tudo indica que Jesus angariava popularidade enquanto nenhum perigo ameaçava, mas, no final, teve pouco sucesso em sua pregação sobre a grande mudança como manifestação da vinda do reino de Deus. (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 291)

“Ele contava cada vez mais com opositores ferrenhos, sobretudo entre os teólogos. Eles procuravam deliberadamente difamá-lo. Chamavam-no de ‘comilão e beberrão’ (Lc. 7, 34), ‘amigo dos pecadores’ (Lc. 7, 34), ‘samaritano possesso’ (Jo. 8, 48), ‘enganador’ (Mt. 27, 63), ‘perversor do povo’ (Jo. 7, 12), ‘desertor da fé’ (Mc. 3, 22) e ‘castrado’”, como se pode inferir de Mt. 19,12. (LOHFINK, 2015, p. 206-207)

Sua esperança foi submetida à prova de forma radical quando ele pressentiu a prisão e a morte.

*“Chamaria Jesus de ingênuo quem afirmasse que ele simplesmente subiu da Galileia para Jerusalém sem ter ideia da perigosa resistência que aí deveria encontrar [...] suas palavras e ações criavam situação extremamente perigosa para ele mesmo, da parte dos chefes da sociedade judaica da época.”* (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 291)

Dois anos e pouco de anúncio de uma boa-nova, de esperança espalhada entre muitos aldeões, um punhado de seguidores: o que restaria disso com sua morte? Um momento pungente de sua humanidade: o que restará – não de mim, isso é muito pouco – do que fiz e disse? Ele não tinha olhos para si, mas para a missão do Pai; o que restaria do reino do Pai, apenas começado? Tristeza, dor no coração, mas confiança total na vontade do Pai: Ele sabe o que faz – “seja feita a Sua vontade”.

*O surgimento de pequenas “comunidades” de seguidores de Jesus procurando recordar seus ditos e vivenciar seu estilo de vida comunitária, errante ou não, evidencia a força e vitalidade de sua missão, o Reino, ou reinado de Deus, que pareceu fadado ao fracasso com sua morte.*



# XV

## UMA QUINZENA DECISIVA

**N**ão se dispõe de uma cronologia da vida e pregação de Jesus. Os evangelistas não tinham nosso sentido de história, muito menos preocupação em estabelecer uma sequência cronológica dos acontecimentos. Uma série de eventos narrados, que ocupam quase um quarto dos três primeiros Evangelhos e metade do Evangelho de João provavelmente ocorreram na última quinzena da vida de Jesus.<sup>[130](#)</sup>

Jesus resolve subir a Jerusalém por ocasião da Páscoa, como já fizera algumas vezes, mas agora as circunstâncias são outras. Fazia algum tempo que ele não peregrinava sozinho pelas aldeias da Galileia e da Judeia. Era acompanhado de discípulos, homens e mulheres. Pobres todos, maltrapilhos, certamente vários. Comiam o que tinham ou ganhavam e se hospedavam onde lhes era oferecida pousada.

Não havia unanimidade entre os discípulos mais próximos sobre a conveniência de se encaminharem a Jerusalém naquele momento. Alguns achavam que Jesus deveria ir – ele que já era tão admirado como um profeta na Galileia – e se manifestar diante da cidade santa e dos milhares de peregrinos que para lá estavam se deslocando. Vamos nos lembrar que Jerusalém, que tinha uma população fixa de cerca de 30 mil habitantes, por essa ocasião acolhia cerca de 120 mil peregrinos. Barracas em profusão eram armadas ou improvisadas nos arredores e nas cidades vizinhas de Jerusalém. O profeta da Galileia, que ganhara fama ali, poderia ter uma entrada triunfal em Jerusalém.

Outros discípulos ponderavam que sua ida não seria prudente. Herodes, tetrarca da Galileia, estaria lá. Pilatos também, com toda a guarda romana, reforçada por ocasião das grandes festas. Era de conhecimento público que Herodes já havia pensado em prender Jesus e só não o fizera com medo da reação popular contra ele e contra Roma. Ele se tornara mais impopular com a morte de João Batista, o último e promissor profeta surgido em Israel depois de 400 anos de ausência de profetas.

Jesus resolve ir e não se esquivar ou fugir do povo. Vai direto para Jerusalém e é recebido em clima de festa por aqueles que o conheciam e admiravam e por outros que já tinham ouvido falar de suas curas, de sua atenção aos pobres e da convivência fraternal com seus discípulos. Tudo isso era inédito e atraía a curiosidade popular.

Depois de sua entrada – melhor dita antitriunfal –, contada pelos Evangelhos quase como uma paródia da entrada triunfal da autoridade romana, que se dirigia a Jerusalém com os melhores uniformes, armaduras, cavalos e acompanhantes – Jesus entra montado num jumentinho. A simplicidade e a alegria popular confrontavam com a solenidade, a empáfia e o orgulho do poder. A autoridade romana, que tudo vigiava, não teria deixado de registrar aquela afronta, motivo suficiente para prender o nazareno.

*“Historicamente, “o surgimento de Jesus localiza-se em uma fase de relativa estabilidade entre duas épocas de crise: de um lado a “Guerra dos Salteadores” (6 d.C.), de outro a crise de Calígula (39/40 d.C.). Trata-se da época em que a Judeia era governada por prefeitos. Nela as tensões emergiam menos como conflitos violentos, mas se transformavam em conflito simbólicos, que tenham o efeito de uma provocação.*

*Jesus não exercia nenhuma política de poder, mas fazia política mediante ações simbólicas, coerente com seu ethos não-violento.” (THEISSEN, 2008, p.*

313;400)

Indo ao templo – lugar sagrado por excelência de Israel – Jesus depara-se, no pátio dos gentios, com a bagunça de um mercado onde conviviam cambistas, vendedores, hierarquizados pelo valor do animal a ser vendido para os sacrifícios: ovelhas, cabritos e pombos. Dá para imaginar a balbúrdia desse mercado onde cada um, aos berros, quer vender ou trocar seu produto. Como a procura dos produtos aumenta, os preços sobem e os mais pobres são os mais sacrificados.

O sangue ferve nas veias de Jesus e o zelo pela casa de seu Pai suplanta a prudência. Ele “arma um barraco”, mais ou menos de acordo com cada evangelista: vira as mesas, espalha as moedas – moedas de toda parte do mundo, que eram trocadas pela “shekel” – dracma de prata cunhada em Tiro –, a única moeda aceita no templo, a mais forte e estável.<sup>131</sup> Considerando-se as enormes dimensões do pátio dos gentios, onde se dá a “expulsão dos vendilhões do templo”, a perturbação da ordem foi circunscrita e bastante limitada. Não quebrou a banca, mas trouxe nervosismo suficiente a uma das mais célebres bolsas de valores da época.

Segundo alguns estudiosos, esse acontecimento foi a gota d’água que determinou a decisão das autoridades de eliminar Jesus: se sua fama de líder popular era uma ameaça à ordem, a perturbação da ordem no templo comprometia a autoridade da elite judaica, como avalista da ordem junto aos representantes do império romano. É provável que as autoridades tenham, então, identificado Jesus como um zelota.<sup>132</sup>

Para outros pesquisadores, esse incidente teria sido mais amplo, planejado e executado com a participação de outros, no início da vida pública de Jesus. Um incidente que o marcou frente à casta sacerdotal saduceia:<sup>133</sup>

*“O direito de vender pombas etc. e trocar moedas estrangeiras por dinheiro local era restrito a parentes dos sumos sacerdotes e outras pessoas oriundas de famílias hierarquicamente destacadas.”* (WINTER, 1998, p. 271)

De acordo com a narrativa do primeiro evangelista, Marcos, na terça-feira ocorreram três embates entre Jesus e as autoridades religiosas, assistidos por muitas pessoas, que o apoiaram. Depois desse “incidente”, Jesus se recolheu em Betânia, na casa de seus amigos diletos, os irmãos Lázaro, Maria e Marta, onde costumava se hospedar quando ia a Jerusalém, distante três quilômetros.

Vendo o apoio popular de Jesus, na quarta-feira, dois dias antes da Páscoa, as autoridades religiosas começam a tramar uma forma de prendê-lo. Jesus intui ou pressente, como observador arguto dos fatos e da natureza humana, que poderá ser preso e que tudo pode acontecer, inclusive a crucificação, se entregue às autoridades romanas.<sup>134</sup> Ele planeja, então, uma refeição de despedida com seus discípulos.<sup>135</sup> Obtém, antecipadamente, o empréstimo de um local grande, suficiente para receber muitas pessoas, provavelmente homens e mulheres, pois não seria de sua índole e costume excluí-las.<sup>136</sup> O que costumamos chamar de Última Ceia, foi um encontro de amigos, festivo, alegre, como tantos outros proporcionados por Jesus. Não foi, dizem os especialistas<sup>137</sup>, uma ceia pascal:

*“Nas pesquisas sobre Jesus é um tema controverso se a Última Ceia foi enquanto tal uma ceia pascal. Enquanto a tradição dos três primeiros evangelhos afirma claramente que se trata de uma ceia pascal na noite de 15 de Nissan, o quarto evangelho, de João, não narra a Última Ceia como ceia pascal”.* (LOHFINK, 2015, p. 328)

Mais, ainda:

*“Jesus provavelmente celebrou uma ceia de despedida com seus discípulos no dia anterior à Páscoa na consciência de que sua vida corria risco, mas também na esperança de que a irrupção iminente do Reino talvez o salvasse. Nisso, ele interpretou uma simples refeição (provavelmente não uma refeição pascal) como celebração de uma “nova aliança” com Deus, a qual almejava inscrever a vontade de Deus diretamente no coração dos homens. Para ele e seus discípulos, essa ceia era um substituto para o culto oficial, que Jesus havia desvalorizado radicalmente por meio de uma crítica dura (expressa por uma ação simbólica e uma profecia).”* (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 464)

Os rituais da páscoa judaica não combinam com as narrações dos Evangelhos.<sup>138</sup> A partir de certo momento, a alegria dá lugar à melancolia: Jesus anuncia sua morte, fala como quem se despede e anuncia que um dos presentes irá traí-lo. Seu maior recado foi seu gesto de lavar os pés dos discípulos, mostrando que autoridade para ele e seus discípulos é, e tem que ser, serviço. Duas recomendações se destacam. A primeira é uma síntese de sua boa-nova: amai-vos como eu vos amei. Jesus não mandava, convidava. Os Evangelhos só registram um único imperativo: “Isto eu vos mando, que vos ameis uns aos outros”. Pelo amor mútuo se darão a conhecer como discípulos. A segunda é um gesto/recomendação, rico em si mesmo de valor simbólico. Ele reparte pão e vinho, alimentos comuns, associando-os à sua morte, à sua presença permanente. Aos olhos de todos a refeição vai se tornando enigmática, ou melhor, paradigmática e fora do comum; tão rica de simbolismo que ela se transformará, no cristianismo, em cerimônia religiosa cuja formalidade provoca estranheza hoje. O calor do encontro de discípulos/amigos, expressão de amor capaz de dar a vida pelos outros, o convite a compartilhar pão e vinho, a garantia de sua presença sempre que assim se reunirem, todo esse conjunto deu lugar, ao longo da história do cristianismo, a uma cerimônia religiosa, rica de

simbolismo, mas opaca para os jovens do mundo contemporâneo. Mas esta é outra história ...

Na mesma noite, quarta-feira, ou na noite seguinte, Jesus, acompanhado de alguns discípulos, recolhe-se ao Monte das Oliveiras para rezar, e o que ali se passa é uma cena pungente da humanidade de Jesus. Ele geme e chora sob o peso do prenúncio do que lhe vai acontecer: traição, prisão, humilhação, abandono, descrença, torturas, crucifixão e morte. Sua natureza de ser mortal reage visceralmente contra o sofrimento.

Pouco mais de dois anos anunciando o reino de Deus, (WINTER, 1998, p. 271) convivendo com alegria com os mais pobres, que se enchem de esperança e compreendem quem é o Pai e ele, Jesus, vê a morte pela frente. O que será desse povo que ele resgatou para a vida? Que será de seus discípulos; estarão eles preparados para dar continuidade ao que ele tomou como sua missão?

“Pai, afasta de mim este cálice”. Sofre intensamente como qualquer mortal: ele não quer perder a vida, a vida que ele tanto valorizou e queria em abundância para todos. Vence a misteriosa vontade do Pai à qual ele obedece com amor filial. Numa das interrupções de sua agonia orante, encontra os discípulos dormindo. Solidão sobre solidão. Volta a orar e recobra forças para o que der e vier.

Na mesma noite, ele é preso e traído com um beijo de um amigo e discípulo.<sup>139</sup> Um fracasso seu? Mistérios da liberdade humana...

No último dos Evangelhos, o de João, a vida pública de Jesus é estendida para dois ou três anos, contra os seis meses, ou até um ano, dos sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas), que registram a presença de Jesus em uma única páscoa. Não há motivos para as testemunhas anteriores reduzirem tanto a história. (VERMES, 2008, p. 175)

Aceitando que Jesus utilizou o calendário pré-exílio para celebrar a sua Última Ceia, como uma refeição de Páscoa, Colin Humphreys apresenta, no quadro a seguir, a cronologia dos acontecimentos, fontes e hora, da Última Ceia à Crucificação.

## Da Última Ceia à crucificação

Acontecimento	Evangelhos	Hora
Última Ceia	Todos	Quarta-feira à noite, terminando entre a meia-noite e as 2h00 de quinta-feira
Caminhada até Getsémani	Todos	Quinta-feira de manhã cedo
Orações em Getsémani	Sinóticos	Quinta-feira de manhã cedo
Prisão de Jesus	Todos	Quinta-feira de manhã cedo
Interrogatório de Anás	João	Quinta-feira, cerca das 3h00-4h30
Primeira negação de Pedro e canto do galo	Todos	Quinta-feira, cerca de 3h00
Terceira negação de Pedro e canto do galo	Todos	Quinta-feira, cerca de 4h30
Jesus conduzido a Caifás	Todos	Quinta-feira, cerca de 5h00
Julgamento principal pelo Sinédrio	Sinóticos	Quinta-feira após o nascer do Sol (às 5h46), durando provavelmente algumas horas
Sinédrio entrega Jesus aos guardas	Marcos	Quinta-feira, no final do julgamento pelo Sinédrio
Segundo e curto julgamento de confirmação pelo Sinédrio	Mateus, Marcos	Sexta-feira após o nascer do Sol (5h46)
Julgamento por Pilatos	Todos	Sexta-feira de manhã
Julgamento por Herodes	Lucas	Sexta-feira de manhã
Julgamento por Pilatos	Todos	Sexta-feira de manhã
Mulher de Pilatos informa do sonho	Mateus	Sexta-feira de manhã
Libertação de Barrabás	Todos	Sexta-feira de manhã
Jesus chicoteado	Mateus, Marcos e João	Sexta-feira de manhã
Soldados zombam de Jesus	Mateus, Marcos e João	Sexta-feira de manhã
Simão carrega a cruz	Sinóticos	Sexta-feira de manhã
Crucificação	Todos	Sexta-feira, cerca das 9h00



### Cronologia – da Última Ceia à crucificação

Fonte: HUMPHREYS. O mistério da Última Ceia – uma viagem histórica aos últimos dias de Jesus, p. 243.

# XVI

## PRESO, JULGADO E CONDENADO

Jesus foi vítima de um complô. Havia fariseus que não gostavam dele, mas, em geral, eles eram bem-intencionados, fiéis cumpridores da Lei. Jesus os criticava pelo formalismo e pelo peso das obrigações impostas aos outros. Eles se sentiam incomodados, ofendidos mesmo por suas palavras e atitudes – desrespeito ao sábado, comer com os publicanos e pecadores – mas não queriam sua morte, e chegaram a prevenir Jesus das intenções de Herodes. Mas havia gente que, até por dever de ofício, como representante do império, queria matá-lo. Herodes queria, mas temia matar Jesus e criar mais um mártir como João Batista.

Não foram os “fariseus hipócritas, sepulcros caiados” – expressões que, segundo os exegetas, não seriam de Jesus, mas de Mateus – que armaram o complô para matar Jesus. Estes eram apenas adversários que sentiam perder espaço junto ao povo, diante desse estranho profeta. Seria mesmo um profeta? Seus modos não correspondiam ao esperado. Mas qual seria o esperado de Israel, se já há mais de 400 anos não havia nenhum profeta e, de repente, para muitos teriam aparecido dois, João e Jesus?

O complô se dá na alta cúpula de Israel, junto à elite religiosa-civil, mas, sobretudo, pela casta sacerdotal, saduceia, avalista da ordem frente ao poder imperial de Roma. Foi tudo uma questão de ordem, de bom senso, de prudência: “é melhor que morra um do que todos [...]”. Parte desses todos que exerciam e usufruíam do poder e suas benesses sabia bem o que teria a perder.<sup>140</sup> Os dirigentes de Israel, a começar pela autoridade máxima, o Sumo Sacerdote, eram escolhidos por Roma. Nos últimos

tempos, à época de Jesus, o império havia trocado o Sumo Sacerdote por várias vezes.<sup>141</sup>

Segundo muitos especialistas, o fator primordial na decisão de prender e condenar Jesus foi o distúrbio provocado por ele no templo, somado à sua popularidade.<sup>142</sup> Toda a estrutura montada em torno do templo para seu funcionamento e para receber os peregrinos que acorriam diariamente e, principalmente, três vezes por ano, era vital para a economia de Israel e dos romanos. Para estes, a Palestina era estratégica, por ter na Galileia um celeiro e no templo uma grande fonte de impostos. Grande parte da economia de Israel girava em torno do templo. Calcula-se que havia à época 4 milhões de judeus dispersos pelo mundo e sonhando em conhecer o esplendor do templo, onde, no Santo dos Santos, Deus habitava. Era o único lugar da Terra onde o Deus de Israel tinha sua morada.

Dois dias antes da Páscoa, o Sumo Sacerdote Anás reúne seu conselho pessoal, informal; ali discutem a conveniência e a urgência de prender Jesus. Concordam que é perigoso deixar Jesus solto, ainda mais em uma Jerusalém, repleta de peregrinos. Num encontro com um discípulo de Jesus, Judas, disposto a trair seu mestre, acaba-se quando e como prendê-lo.<sup>143</sup> Tomada a decisão, o resto é fácil e é conduzido pelo Sumo Sacerdote e seus auxiliares, com a teia de influência entre os habitantes de Jerusalém e os peregrinos recém-chegados. Na noite do dia seguinte, quinta-feira, com apoio das forças de segurança do templo, cujo comando estava nas mãos do “chefe do clero”, Jônatas, filho de Anás e cunhado de Caifás, Jesus é preso e levado à casa do Sumo Sacerdote.<sup>144</sup>

Caifás, principal articulador da prisão e acusação de Jesus frente à autoridade romana, era um político esperto. Ao se casar com a filha de Anás, passou a integrar uma das famílias mais ricas e poderosas da

Palestina, os Ben Hanin.<sup>145</sup> Foi confirmado no cargo de Sumo Sacerdote por Pilatos, com o qual conviveu até serem os dois destituídos.

O Evangelho de Marcos narra uma reunião do Sinédrio, na mesma noite da prisão de Jesus, durante a qual ele é condenado por unanimidade. Tanto a temática, quanto as expressões “Messias” e “Filho de Deus” refletem títulos atribuídos a Jesus pelos anos 60 d.C. Não houve, propriamente, reunião do Sinédrio, o qual não podia se reunir à noite, mas de um conselho privado, informal, cujos participantes foram escolhidos pelo Sumo Sacerdote Caifás, entre membros de uma elite religiosa e civil, para acertar entre si como formular uma acusação política contra Jesus.

*“Providência formal alguma fora tomada antes do julgamento. Não foi apregoada no Templo qualquer notícia pública, uma exigência nas regras de procedimento no Sinédrio [...]. Quase certamente não havia um único membro genuíno do povo presente no enclave; pelo contrário o espaço estava repleto de sacerdotes, levitas e vendilhões do Templo, uma audiência escolhida a dedo.”* (THOMAS, 2007, p. 255)

Começam aí, diante das autoridades, os maus-tratos e humilhações, tratamento comum dado aos detidos pela odiada guarda do templo. Jesus não poderia ser entregue à autoridade romana por questões religiosas, teológicas; essas as autoridades judaicas tinham poder para resolver.<sup>146</sup> Não havia, à época, uma ortodoxia clara e as divergências religiosas se expressavam em grupos – saduceus, fariseus, essênios – que conviviam com certa tolerância, senão harmonia. Segundo Gerard SLOYAN, “As opiniões religiosas de Jesus cabiam claramente dentro dos limites permitidos de disputas no Israel de seus dias”. (SLOYAN, 2006)

Caifás e seus assessores se põem de acordo que Jesus é um falso e perigoso profeta que ousa afrontar a ordem no templo e prega um reino de Deus, que já estaria acontecendo.<sup>147</sup> Consideram que ele é uma ameaça à

ordem pública. Decidem levar Jesus à presença de Pilatos que, pela manhã, em seu palácio, administra a justiça. Há pressa porque nada pode perturbar a comemoração da Páscoa.<sup>148</sup>

Na opinião de grande número de autores judeus da atualidade, a acusação de Jesus, com toda probabilidade, partiu de uma facção corrupta do sacerdócio de Jerusalém, que entregou Jesus a Pilatos por temer as terríveis represálias que poderiam advir se chegasse aos ouvidos do procurador romano a notícia da ameaça que representava o messianismo formado em torno da pessoa de Jesus de Nazaré. (SCHLESINGER, 1979, p. 169)

Jesus é levado à presença de Pilatos por Caifás. Há entre os dois um bom entendimento. Pilatos de certa forma lhe devia um favor, por ter tido facilitada a utilização de recursos do templo para a construção do aqueduto de 50 km para trazer água da região de Belém até Jerusalém. Pilatos não sanciona o julgamento de Caifás nem decide de imediato, como a legislação romana do império lhe faculta. Prefere ouvir a acusação, interrogar o acusado, avaliar a culpa e ditar a sentença, como de praxe nos julgamentos romanos, ainda que sumários.

Não temos relatos historicamente fidedignos de como foi esse julgamento de Jesus, certamente um entre vários realizados por Pilatos naquela manhã. Conforme as narrativas que circulavam entre as primeiras comunidades cristãs e que os Evangelhos registram, Pilatos titubeia, confessa não achar culpa, mas dita a sentença condenatória. Terá dito a Jesus de Nazaré, em latim, língua oficial do império: “Ibis ad crucem”! – irás para a cruz!

*“É possível que, então, lhe tenha vindo à mente personagens lembradas pelos seus conterrâneos de infância e juventude na Galileia: Ezequias (executado em 46 a.C), Judas Galileu, protestando contra o recenseamento e assaltando, à*

*frente de uma multidão, o palácio real em Séforis (6 d.C.), proclamando: “nenhum rei a não ser Deus”; Atronges (4 a. C- 6 d.C.), lutando pela libertação nacional e restauração da realeza davídica”. (SCARDELAI, 2021, p. 271, 278, 281)*

Pilatos condena Jesus à crucifixão e dá um recado às autoridades e aos demais nativos de qualquer colônia de Roma: “eis o rei dos Judeus”; “o que escrevi está escrito”.<sup>149</sup>

É hoje amplamente aceito que a responsabilidade pela morte de Jesus pode ser igualmente atribuída ao sistema romano, mais especificamente ao procurador da Judeia, Pôncio Pilatos. Foi o imperador romano que o indicou; foi Pilatos que escolheu o Sumo Sacerdote José Caifás, efetivamente tornando-o um vassalo de Roma. (THOMAS, 2007, p. 23)<sup>150</sup>

*“Se no âmbito do Sinédrio Jesus foi condenado por “blasfêmia”, ou “heresia”, no Pretório Romano, foi declarado culpado pelo crime de sedução e lesa-majestade ( crimen laesae maiestatis) (PALMA, 2011, p. 98)*

A condenação de Jesus não foi um equívoco, ou fruto de circunstâncias desfavoráveis, mas uma decisão racional, pragmática, realista de punir o profeta do reino de Deus, por atentado à ordem social, acusado pela elite de Jerusalém, e decidida pela autoridade romana.<sup>151</sup>

Jesus é geralmente visto como um reformador religioso empenhado em purificar a religião judaica, centrada no Templo. Mas o Templo, juntamente com seu sumo sacerdócio constituía o coração político-econômico e também religioso da sociedade judaica em geral e era uma instituição essencial na ordem imperial até sua destruição pelos romanos em 70 d.C. (HORSLEY, 2004, p. 35)

A morte de Jesus é consequência de tensões entre um carismático vindo do campo e uma elite urbana, entre um movimento judeu de renovação e a soberania estrangeira romana, entre o anunciador de

mudanças cósmicas, que também devia transformar o templo e os defensores do status quo. Razões políticas e religiosas não podem ser separadas. No “reinado de Deus, que irromperia logo [...] não havia espaço para a dominação da aristocracia do templo e dos romanos.” (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 493)

*“O que havia de tão ameaçador nos ensinamentos de um pobre camponês galileu para ser executado na cruz romana?... pelo menos dois episódios exponenciais: a entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11, 1ss e paralelos) e o outro: a purificação do templo (Mc 15,15ss e paralelos). Tais ações, certamente, o incriminaram diante das autoridades sacerdotais e romanas.” (SCARDELAI, 2021, p.343,367)*

Os relatos dos Evangelhos carregam as cores ao culpar os judeus e amenizam a culpa dos romanos, não querendo confrontar-se com o império, ainda muito presente e forte no ambiente das comunidades cristãs. Os gritos de “crucifica-o” da multidão, narrados no Evangelho de Marcos (Mc. 15, 13-14), segundo Pagola, constituem “uma deplorável dramatização maquinada nas comunidades cristãs contra os judeus das sinagogas”, a qual teve consequências terríveis para o povo judeu, acusado de deicídio e perseguido por cristãos muitas vezes e em muitos lugares.

# XVII

## TORTURADO, MORTO E SEPULTADO

Os súditos do império romano estavam sujeitos a três penas consideradas as mais terríveis e vergonhosas, pelo enorme sofrimento: ser entregue às feras, ser queimado vivo e a pior, a crucificação, pelas torturas que a acompanhavam e pela lenta e dolorosa agonia. Cícero a qualifica como “o suplício mais cruel e terrível”. O historiador Flávio Josefo (37 a 100 d.C.), conterrâneo e quase contemporâneo de Jesus, considerava a crucificação “a morte mais miserável de todas”. Os cidadãos romanos não podiam ser punidos com essa pena a não ser quando necessário para manter a disciplina militar.

Pragmáticos, os romanos conseguiram estabelecer um *modus vivendi* com Israel, que garantia poder à elite local e liberdade de culto, mas pesados impostos e rígido controle da ordem pública. A elite local, pelos acordos estabelecidos com o império, era avalista da ordem. Cabia a ela cuidar das disputas e conflitos cotidianos. Se a insatisfação irrompesse em distúrbio e revolta, os romanos intervinham com toda força e crueldade. Chegavam a montar toda uma logística para preparação e transporte do madeiro necessário à crucificação, onde ela se fizesse necessária. Paus verticais (*stipes*), preparados para receber a travessa horizontal (*patibulum*), eram fixados à entrada das cidades para deixar bem claro que os romanos mandavam ali e podiam crucificar qualquer súdito que ousasse perturbar a *pax romana*.

Flávio Josefo conta que Varo, governador da Síria, mandou crucificar cerca de mil judeus nas imediações de Jerusalém. Jesus tinha cerca de 10



anos quando isso aconteceu. Qualquer judeu da época sabia o que significava ser crucificado.

O jovem Jesus de Nazaré, tão esperançoso no “reino de Deus” que ele vira nascer e crescer, principalmente entre os mais necessitados, por mais preparado que estivesse, deve ter ouvido a sentença, aterrorizado: “Irás para a cruz” (*Ibis ad crucem*). A pena de crucifixão reunia tudo o que o pior carrasco poderia desejar: tortura, escárnio, degradação e morte certa, lentamente destilada, gota a gota. (LÉVILLE em WINTER, 1998, p. 146)

Ele sabia o que o esperava. Aquele era um castigo corriqueiro que os romanos aplicavam amplamente à população local sob seu domínio. O cidadão romano, julgado, tinha direito à defesa e não podia ser crucificado. Proferida a sentença, começava imediatamente sua execução, pela entrega do condenado à sandice dos soldados romanos. Estes eram recrutados entre os samaritanos, sírios e nabateus, que não gostavam dos judeus. Era costume divertir-se à custa dos condenados, humilhando-os à vista de todos.

O ritual de execução da sentença começava, normalmente, com a flagelação, um ato público conduzido pelos soldados no pátio do palácio.<sup>152</sup> A flagelação cumpria a função de enfraquecer o condenado, anular sua resistência ao ser levado pelas ruas e apressar sua morte na cruz.

Jesus é completamente desnudado, amarrado a uma coluna (*infelix legnum* = madeiro miserável) e flagelado com um chicote curto, com bolas de metal e ossos de carneiro na ponta. Terminada a flagelação, Jesus, como os demais condenados à mesma pena, quase sem forças, com o corpo todo machucado, mal consegue se manter em pé. A flagelação era tão cruel que não raro o condenado morria ali mesmo.

Não há tempo para descanso, uma vez que pelo menos três condenados teriam que ser crucificados antes do pôr do sol.<sup>153</sup> Um pequeno pelotão de

quatro soldados romanos conduz os condenados do palácio do prefeito para o Gólgota (lugar do crânio, ou Calvário), a uma distância de cerca de 500 metros. Os condenados conduzem nas costas o *patibulum*, ou travessa horizontal (infames *stipes* = madeira da infâmia que pesava mais de 20 kg.), onde serão pregados. Plauto (254 a.C.? – 184 a.C.), dramaturgo romano, descreve a seguinte cena: “Eles te conduzirão pelas ruas, o patíbulo na nuca, aguilhoando-te”.

Cada um levava, dependurada no pescoço, uma pequena tábua, onde, de acordo com o costume romano, era escrita a causa de sua condenação. Na tábua de Jesus estava escrito, em latim, hebraico e grego: “rei dos judeus”. Uma ironia, um escárnio e uma intimidação dirigida aos judeus de Jerusalém e aos peregrinos, muitos dos quais falavam grego.

Por mais desarrazoada que tenha sido a prisão e cruel a condenação, o evangelho mais antigo conservou o motivo de ambas: Jesus foi preso, indiciado, condenado e executado sob a acusação de rebelião. (MARUCCHI em WINTER, 1998, p. 112-113)

Narram os três primeiros Evangelhos que no caminho do Gólgota um passante foi requisitado para ajudar Jesus, com a finalidade exclusiva de garantir a execução da sentença.<sup>154</sup> O lugar reservado às crucificações, onde já se encontravam bem fixados vários paus verticais, prontos para receber a travessa horizontal, era uma antiga pedra de cerca de 12 metros de altura. Jesus, como os demais condenados,<sup>155</sup> ao chegar ao local, foi completamente desnudado, para degradar ainda mais sua dignidade, e pregado pelos pulsos à travessa. Esta foi, então, elevada e fixada ao pau vertical, cuja altura era pouco mais de dois metros, de forma que os pés do crucificado, cravados um sobre o outro na haste, ficassem a menos de 50 cm do chão. Não havia suporte para os pés, apenas um gancho de madeira no meio da trave para sustentar o corpo e prolongar o suplício. A arte

cristã, ao longo dos séculos, muitas vezes disfarçou o horror e crueldade da cena.<sup>156</sup>

A proximidade do solo facilitava o trabalho dos soldados executantes da sentença e o pasto dos cães selvagens, quando os condenados estivessem mortos. Embora um caminho muito frequentado passasse perto do Gólgota, os observadores não podiam se aproximar dos condenados.

As vestes dos condenados, como era costume, foram repartidas entre os quatro soldados, como despojos, deixando claro que aqueles já não pertenciam ao mundo dos vivos.

O oficial designado como *exactor mortis* tinha uma função invejada: pois tinha o direito a ser o primeiro a escolher as roupas e quaisquer outros despojos pessoais do condenado. (THOMAS, 2007, p. 315)

Jesus foi pregado na cruz entre as nove da manhã e as doze horas.

Os crucificados morriam de asfixia, na impossibilidade crescente de respirar, o que poderia demorar horas. Pagola descreve a cena:

*“O corpo vai se deformando, cresce a angústia de sua asfixia progressiva. Pouco a pouco vai ficando sem sangue e sem forças. Os olhos quase não enxergam mais nada. Do exterior só lhe chegam algumas zombarias e os gritos de desespero e raiva dos que agonizam ao lado dele. Logo lhe sobrevirão as convulsões. Depois, o estertor final.”*<sup>157</sup>

Para apressar a morte os romanos costumavam quebrar as pernas dos condenados, o que os asfixiava ainda mais (THEISSEN em CASTILLO, 2015, p. 167). Parece que isso não foi necessário, no caso de Jesus.

Cada evangelista conta, a seu modo e conforme sua fonte, os últimos momentos de Jesus e suas últimas palavras.<sup>158</sup> Como os familiares e amigos não podiam se aproximar dos condenados, não há registros históricos confiáveis dos fatos. Contudo os historiadores registram um

fato que chama a atenção pelo inesperado: Jesus, pouco antes de morrer, dá um grito e as palavras então articuladas, em aramaico, seriam uma citação do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”<sup>159</sup> O inesperado de um “grito de desespero e horror, de quem quase não tem mais fôlego, lhe dá mais credibilidade histórica”. Algo que ninguém esquece. São as únicas palavras mencionadas por dois evangelistas (Marcos e Mateus).

Jesus, morrendo, teria sentido o limite da solidão, o horror do abandono dos amigos e de Deus e o vazio de seu anúncio do reino de Deus.

Jesus aceitou a função mais baixa a que uma sociedade pode submeter alguém: a de delinquente executado por blasfêmia e subversão. (PAGOLA, 2011, p. 475)

Segundo os evangelistas, Jesus teria entregue seu espírito a Deus, confiante, mas sem entender os desígnios de seu Pai. Ele morreu, segundo os especialistas, provavelmente “com um pouco mais de 35 anos, na sexta-feira, 7 de abril do ano 30, 3.790\* do calendário judaico, 783\* da fundação da cidade de Roma”. (GNILKA, 1999, p. 300)

Os romanos, geralmente, deixavam os cadáveres sem sepultura e sob guarda, expondo os corpos aos abutres e como “alimento dos corvos”, como descreve Petrônio (27-66 d.C.), o que repugnava aos judeus.<sup>160</sup> Os Evangelistas contam que um membro do Sinédrio obteve de Pilatos a autorização para retirar o corpo de Jesus e enterrá-lo rapidamente, sem as exéquias habituais, mesmo porque as comemorações da Páscoa já se aproximavam.

José de Arimateia é um personagem histórico. Não era membro do Grande Sinédrio, nem seguidor de Jesus. Pertencia a um Beth Din menor (havia três tribunais judaicos em Jerusalém), encarregado de providenciar ainda antes do anoitecer um sepultamento digno para as pessoas

executadas. Fez seu trabalho de acordo com o Direito Judaico, e sua atitude piedosa não foi esquecida. A tradição o transformou num cristão. (WINTER, 1998, p. 129)

Paul Winter sintetiza o resultado de suas pesquisas históricas “sobre o processo de Jesus:”

*“Podemos afirmar com segurança que Jesus foi preso por pessoal militar romano (Jo. 18, 12), por motivos políticos (Mc. 14, 48), sendo em seguida levado à presença de um funcionário administrativo judeu (Mc. 14, 53<sup>a</sup>; Lc. 22, 54; Jo. 18, 13a), na mesma noite. Na manhã seguinte, depois de uma rápida deliberação das autoridades judaicas (Mc. 15, 1<sup>a</sup>; Lc. 22, 66), Jesus foi devolvido aos romanos para ser julgado (Mc. 15, 1b; Lc. 23, 1; Jo. 18, 28a). O governador condenou Jesus à morte por crucificação (Tácito; Mc. 15, 15b. 26), sendo a sentença executada conforme os procedimentos penais romanos (Mc. 15, 15b. 24, 27).”* (WINTER, 1998, p. 262)

# XVIII

## QUEM FOI JESUS DE NAZARÉ?

**H**istoriadores, exegetas, teólogos e demais especialistas fazem uma distinção, que é fundamental, entre Jesus de Nazaré e o Cristo da fé.

Jesus de Nazaré (5/6 a.C. – 30 d.C.) é uma personalidade histórica. Sua existência é um dos fatos históricos mais bem documentados de sua época e região. Ele é o judeu mais conhecido de sua época. Por isso, pode ser, e tem sido, objeto de pesquisas históricas, antropológicas, arqueológicas, linguísticas, etc., com todo rigor científico. São centenas de pesquisadores de disciplinas afins, estudando, com a metodologia própria de cada disciplina, o Jesus histórico e suas circunstâncias. Só uma instituição nos Estados Unidos – a Jesus Seminar – congrega mais de 150 pesquisadores. Hoje, há mais de 100 mil biografias impressas de Jesus apenas em inglês e um número muito maior de monografias. (JOHNSON, 2011, p. 9)

O que fizemos – com nossas limitações de não especialistas, mas formação de pesquisadores – foi consultar os livros e resumir o que há de mais atual e confiável, do ponto de vista histórico, sobre Jesus de Nazaré. O que estamos levando a conhecimento de nossos leitores são informações confiáveis, prováveis, no estágio atual das pesquisas, lembrando que a certeza não é o campo próprio da ciência.

Sobre o Cristo da fé, aquele que chegou até nós pelas igrejas<sup>161</sup> e que é objeto de fé dos cristãos, trataremos em adendo, convencidos de que o conhecimento do Nazareno é importante para crentes e não crentes. Tentaremos mostrar – com todas as limitações da pesquisa nesse campo – como Jesus de Nazaré, que se via como mensageiro do Pai, passa a ser visto

por seus discípulos como a própria Mensagem – o Messias esperado e inesperado. O que aconteceu, após a sua morte, que levou a essa profunda mudança?

Jesus aparece em cena – início de sua vida pública – em companhia de João Batista, de quem se faz discípulo durante alguns meses, por volta do ano 27 a 28 de nossa época, quando ele tinha 32 a 34 anos. De sua vida anterior quase nada sabemos: viveu em Nazaré, na Galileia, foi agricultor e artesão; um misto de carpinteiro/pedreiro/ferreiro – um artesão da comunidade, biscateiro, “pau-para-toda-obra”, como se diria hoje. Viveu ali, anonimamente, cerca de 32 anos.

Os primeiros escritos sobre ele que chegaram até nós datam do ano 50 d.C., 20 anos depois de sua morte. As pesquisas históricas, como se pode ver pelos capítulos anteriores, nos dizem mais sobre o ambiente em que viveu Jesus do que sobre ele mesmo. E quem foi ele?<sup>162</sup>

## **I – O que dizem seus contemporâneos?**

João Batista, quando já estava preso, manda alguns de seus discípulos perguntarem a Jesus quem ele era, se era o Messias que ele e o povo esperavam. Jesus não responde diretamente, mas remete ao que estava acontecendo e eles podiam ver, o reino de Deus em gestação: “os cegos veem, os coxos andam, a Boa-Nova é anunciada aos pobres” [...]. Ele deixa a João e a seus discípulos a responsabilidade de enxergar e interpretar.

Algumas vezes, ele é chamado de “rabi” ou “raboni” – mestre ou simplesmente senhor – tratamento que ele educadamente aceita, sem se passar por mestre. Não há comprovação histórica de que ele tenha frequentado a Escola Rabínica de Jerusalém, ou o “mosteiro” de Qunram (João Batista provavelmente sim), muito menos que tenha peregrinado

pela Índia e China, como alguns querem crer. Ele foi essencialmente um aprendiz da escola da vida, como milhões de pessoas até hoje.

Ele chega a perguntar aos discípulos: “quem dizem que eu sou?”. As respostas denotam alguns arquétipos de figuras misteriosas da época e as dúvidas daqueles que o rodeiam. Pelo estilo de vida, pelo que faz e fala, parece um profeta, alguém como Elias, Jeremias ou, mais proximamente, João, o batizador, redivivo.

A chamada confissão de Pedro: “Tu és o Cristo (Messias), o Filho de Deus vivo”, na forma como chegou até nós (Mt. 16; 16), é de autenticidade histórica duvidosa. Expressa e reflete a fé dos apóstolos, de Pedro de modo especial, e das primeiras comunidades cristãs no período após sua morte e ressurreição. De qualquer forma, mesmo que se admita que Pedro tenha dito exatamente isso, Jesus de Nazaré não confirmou, segundo observam os historiadores. Há consenso entre eles que Jesus de Nazaré nunca se declarou Messias, deixando ao Pai a manifestação definitiva do reino e de sua pessoa.

Jamais Jesus explicou realmente quem era ele. Os discípulos tratavam-no com respeito, às vezes com temor, nunca com adoração ou com sentimentos religiosos (COMBLIN, 1971, p. 18; 20). Segundo Lohfink, “Jesus apresentou a si mesmo de certo modo como o Messias? A resposta é clara: Não! Jesus proclama o domínio de Deus, que ora se inicia, mas não a si mesmo como Messias.” (LOHFINK, 2015, p. 407)

## **2 – Autoafirmações**

Jesus de Nazaré não se autodefiniu, não disse com clareza quem era, nem se atribuiu títulos de excelência, ou exclusivos, como Messias (Cristo), Filho de Deus em sentido único e exclusivo, ou filho do homem transcendente, profeta escatológico, como Elias ou Moisés. É como se



pretendesse apenas refletir a imagem de Deus. Deus é para ele o protagonista absoluto. Ele é um anunciador do reino de Deus, “aquele a quem Deus confiou anunciar seu reino no exato momento de uma reviravolta decisiva da história, em que ele começa a acontecer”.<sup>163</sup>

Há três formas, através das quais Jesus de Nazaré se revela e oculta o mistério de sua pessoa: filho do homem, o filho, eu sou – as três formas mostram um profundo enraizamento na espécie humana e no mistério de Deus.<sup>164</sup> “Filho do homem” é a expressão mais frequente: ela aparece 69 vezes nos Sinóticos, 13 vezes em João e uma vez no resto do Novo Testamento (DUNN, 2009, p. 106). A expressão não existia como título no tempo de Jesus. Poderia ter sido inspirada nos profetas Ezequiel e Daniel e, neste caso, expressaria conscientemente a condição humana de Jesus e a missão humanizadora do reino de Deus. Há dados nos Evangelhos que fazem pensar que Jesus não teve consciência plena e clara de sua própria singularidade. (CASTILLO, 2015, p. 212)

Outros pesquisadores reconhecem na expressão apenas um modo inusitado de se referir a si mesmo: “eu”, “eu mesmo”, “este que está diante de vocês”, “minha pessoa”, na expressão de alguns grupos sociais no Brasil.<sup>165</sup>

Jesus faz uso de título que nos surpreende pelo significado universal de aparência e sabor poético. Poderia convir a qualquer de nós; tem, no entanto, um brilho sagrado, não só porque se apropria dele, mas ainda porque mergulha num vago fabuloso. Dizia Jesus: “o Filho do Homem”. Notável em tal apelido é a solidariedade deste homem que era Jesus com toda a raça humana (BRUCKBERGER, 1969, p. 7). A frase “o filho do homem é também senhor do sábado” significava na época, tanto em aramaico, quanto em hebraico, “o homem é senhor do sábado”.

A expressão “filho de Deus” tem origem na teologia política do antigo Oriente. Tanto no Egito, quanto na Babilônia, o rei recebia o título de filho de Deus. Do rei abençoado por Deus, o título de filho de Deus transferiu-se para o povo judeu, abençoado por Deus, como um filho. Jesus refere-se a si mesmo não como filho de Deus, mas como “o filho”, expressão que ocorre uma vez no Evangelho de Mateus, uma em Lucas e 18 em João. A expressão “o filho”, nos lábios de Jesus, remete a uma relação pessoal e íntima com Deus, seu Pai. Contudo, mais uma vez não explicita uma relação única, como se quisesse compartilhar com todos a mesma relação filial. É dos primeiros cristãos a distinção colocada nos lábios de Jesus: “meu Pai” e “vosso Pai”. Não era inusitado, no tempo de Jesus, dizer que alguém era filho de Deus, mas absurdo e blasfêmico alguém se proclamar “o Filho de Deus”. Jesus não o fez, segundo os historiadores. Os primeiros cristãos, sim. Marcos põe na boca de um centurião romano o que ele poderia dizer apenas do imperador: “Verdadeiramente este era o Filho de Deus”.

A expressão “eu sou” e “que eu sou” – “eu sou a luz do mundo, o pão da vida, o bom pastor, a ressurreição e a vida, o caminho, a verdade e a vida, a verdadeira vida, etc.” – ocorre mais em João e menos nos três primeiros Evangelhos, chamados sinóticos pela sua estrutura semelhante. Do ponto de vista das pesquisas históricas, nenhuma destas expressões, ditas por Jesus, revela mais do que a sua total e profunda relação com o Pai.

Tudo indica que o Jesus terreno nunca reivindicou o título de Filho de Deus para si... É visto pelos discípulos como Filho de Deus em virtude da ressurreição. (ZILLES, 1999, p. 91)

Jesus de Nazaré, objeto das pesquisas científicas, mais se esconde do que se revela; é como se bastasse revelar Deus, seu Pai e seu reino, destinado “a fazer os homens recuperarem a humanidade plena que, de mil

maneiras, foram perdendo”, como disse Juan Jose Segundo. (SEGUNDO, 1997)

### **3 – O que dizem os historiadores e demais pesquisadores**

Jose Antonio Pagola, no livro Jesus de Nazaré, aproximação histórica, apresenta resumidamente alguns títulos, ou modelos, atribuídos a Jesus de Nazaré, por diferentes especialistas:

- Judeu marginal;
- Reformador social;
- Itinerante cínico;
- Mestre sapiencial;
- Judeu piedoso, cheio do Espírito ou carismático piedoso;
- Profeta escatológico ou Messias.

Giuseppe Barbaglio, no livro Jesus, hebreu da Galileia: pesquisa histórica, apresenta, resumidamente, “um elenco de leituras difusas, muitas vezes viciadas pelo unilateralismo”. Para os autores dessas leituras, Jesus teria sido:

- Um profeta escatológico, propenso à reunificação das doze tribos de Israel;
- Um carismático de grande fascínio, capaz de gestos taumatúrgicos;
- Um mestre de vida, subversivo, ou um guru revolucionário;
- Um camponês hebreu, mediterrâneo, de tendência cínica;
- Um sábio subversivo, como os cínicos na filosofia grega;

- Um rabino;
- Um profeta e sábio, entre os sábios da antiguidade.

Os dois autores explicitam claramente o alcance das pesquisas históricas: elas são importantes, ajudam a conhecer o Nazareno, mas são incapazes de dizer “este é o verdadeiro Jesus”. Seus estudos, como os de muitos outros, são aproximações históricas. O personagem permanece um mistério, que vem desafiando a compreensão de crentes e não crentes.

*“Depois de estudar as cartas de Paulo, o Evangelho Q e o Evangelho de Marcos, estamos em condições de dizer algo fundamentado acerca de Jesus de Nazaré. [...] é possível desenhar um perfil dele que contém as seguintes características: Jesus é 1) um líder natural, um homem de ação, 2) livre, 3) afetivo, 4) tranquilo e seguro, 5) religioso, 6) opositor político, 7) vivendo num clima de violência, 8) ético, 9) homem de sucesso, 10) crucificado.”* (HOORNAERT, 2016, p. 81)

A novidade – uma novidade importante – verificada nos últimos cinquenta anos de estudos bíblicos foi justamente a recuperação, a redescoberta da judaicidade de Jesus [...] enquanto não se inserem as palavras e as ações de Jesus no âmago do judaísmo, é impossível compreender quem ele realmente foi. Se quisermos conhecê-lo de verdade, é necessário retirar os óculos cristãos e olhá-lo com olhos judaicos. (AUGIAS, 2011, p. 33; 36)

Para Edward Schillebeeckx, “o modo como Jesus de Nazaré levou sua curta vida terrena nos faz compreender o significado de Messias, Filho de Deus, Senhor, embora ele nunca tenha se atribuído estes títulos”. (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 145)

Finalizamos este capítulo com algumas palavras de João Batista Libânio:

*“A maior novidade de Jesus não consiste em gestos e comportamento. Muitas pessoas antes e depois dele, sem nenhuma referência a ele, fizeram atos semelhantes e do mesmo nível ético, espiritual. A história humana está repleta de exemplos heroicos em todos os tempos.*

*A originalidade de Jesus consiste em que ele viveu ações extremas de entrega de si, de atenção às pessoas em situação de marginalização, de segregação social e religiosa. Em todas elas mostrou enorme soberania e liberdade de criação.”* (LIBÂNIO, 2013, p. 60-61)

*“Pobre ele nasceu, pobre viveu, pobre morreu e com pobres conviveu em verdadeira revelação do amor predileto de Deus por eles, em que consiste fundamentalmente a felicidade.”* (LIBÂNIO, 2012, p. 39)

# XIX

## DUAS LEITURAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE JESUS DE NAZARÉ

**P**retendemos, neste capítulo, proporcionar ao leitor a oportunidade de comparar duas abordagens recentes (2016) sobre Jesus de Nazaré, de dois autores consagrados em seus respectivos campos profissionais.

O primeiro texto é um romance do psiquiatra Augusto Cury, que aproveita seus conhecimentos técnicos e comprovada habilidade ficcional para retratar o personagem Jesus de Nazaré e apresentar uma provocação para o mundo acadêmico. Em seu entender, este tem sido muito omissos na abordagem científica da personalidade de Jesus.

O segundo texto é do historiador Eduardo Hoornaert, especialista no tema, que inova com sua análise literária dos primeiros escritos sobre Jesus de Nazaré, entre os quais inclui a Carta aos Hebreus, discordando de outros historiadores.

Tratando-se de uma síntese focada na pessoa de Jesus de Nazaré, procuramos nos ater ao texto das obras mencionadas.

### 1 – Augusto Cury. “O homem mais inteligente da história”

Este é o título do livro de ficção, publicado em 2016, pelo psiquiatra Augusto Cury.<sup>166</sup> O autor, com mais de 25 milhões de livros vendidos, apresenta nessa obra o resultado de seus estudos, aqui sintetizados, sobre a mente do personagem mais famoso da história: Jesus de Nazaré.

O autor, que já teria sido “mais cético e crítico do que os grandes ateus da história” (p. 7), já publicara cinco livros sobre *Jesus: O Mestre dos mestres*, *O Mestre da sensibilidade*, *O Mestre da Vida*, *O Mestre do Amor* e *O Mestre Inesquecível*.

Neste romance, o autor cria como cenário uma grande conferência da Organização das Nações Unidas (ONU), em Jerusalém, sobre as causas e soluções para a violência na era moderna. O Secretário-Geral aceita o desafio colocado pelo personagem central, o médico e neurocientista Marco Polo: buscar um novo paradigma fundamental para a educação, que permita que se ultrapasse a era da informação, inaugurando o que ele chama de “era do eu gestor da mente humana” (p. 11), isto é, “saber gerenciar os pensamentos, proteger a emoção, libertar a criatividade e se tornar protagonista da própria história” (p. 12). Para ele, o maior exemplo de um ser humano que conseguiu atingir seu potencial nessa área foi Jesus de Nazaré.

Instigado por outros cientistas e apoiado pelo Secretário-Geral da ONU, Marco Polo, um ateu, aceitou “analisar a personalidade de Jesus de Nazaré”, pelo lugar especial que ele ocupa na História e, especialmente, por sua inteligência, resiliência e capacidade de transformar mentes humanas. Ficou acertado que o “critério de análise” seria a ciência e não a fé, ou qualquer tipo de abordagem religiosa. Ficou acertado também que ele teria como debatedores três doutores – um teólogo protestante, um teólogo do Vaticano, um médico ateu –, além de sua assistente Sofia, psiquiatra, cujos pais eram médicos oncologistas – ele católico e ela protestante. Este debate se daria “sob o manto da psicologia, da sociologia e da psicopedagogia” (p. 60).

Marco Polo explicita seu “quadro teórico”: as “habilidades básicas” que ele iria buscar em Jesus:

- Habilidades de gestão da emoção;
- Capacidade de filtrar estímulos estressantes;

- Competência para debelar focos de tensões e se reinventar no caos;
- Capacidade para libertar seu imaginário e desenvolver a criatividade;
- Resiliência e limiar para suportar frustrações;
- Prazer sustentável e capacidade de contemplar o belo;
- Capacidade de pensar antes de reagir e autocontrole;
- Capacidade de ser empático e de construir pontes interpessoais;
- Habilidade de formar pensadores e mentes brilhantes;
- Capacidade de ser autor da própria história e consciência crítica (p. 61).

Dando início aos debates, abertos ao público, Marco Polo foi convencido a tomar como “principal fonte de informação” a “única biografia de Jesus produzida por um *médico*” (p. 59), o *Evangelho de Lucas*. Definida a fonte histórica, o conferencista pôs-se a analisar esse autor e sua obra:

O autor, o médico Lucas, “conhece Paulo por volta do ano 38 e tornam-se amigos e inseparáveis por décadas” (p. 68), o que permite que ele entre em contato e converse com pessoas que conviveram com Jesus. Sendo um exímio pesquisador, Lucas conseguiu informações bastante amplas sobre várias gerações da família de Jesus, e, mais especificamente, sobre este. Isso aconteceu, provavelmente, por sua grande proximidade com Maria, que lhe teria revelado fatos íntimos sobre seu filho. Como escritor, o médico Lucas primou pela racionalidade e lucidez ao pesquisar e organizar os dados que coletou (p. 81-84). Para o cientista Marco Polo, “O livro de Lucas foi endereçado a um só homem... um ato solene de amor” (p. 88).



*Nesta etapa da narrativa o romance de Augusto Cury desqualifica a base empírica do cientista Marco Polo. Para ele, o texto de Lucas foi escrito por volta do ano 55 d.C., tendo sido provavelmente precedido pelos livros de Mateus e Marcos (p. 84). Segundo os dados históricos de que se dispõe hoje, o Evangelho que se convencionou chamar de Lucas foi escrito por autor desconhecido (não o mencionado amigo de Paulo), fora da Palestina, provavelmente em Roma, entre os anos 80 e 90 d.C., para leitores de cultura grega. Antes dele, dois outros Evangelhos já haviam sido publicados: o de Marcos, por volta do ano 71, e o de Mateus, no final dos anos 80 e não na ordem em que se apresenta nas edições do Novo Testamento, adotada por Augusto Cury. O Evangelho de Lucas e os dois primeiros (de Marcos e Mateus) são chamados sinópticos, por sua similaridade e por terem utilizado, parcialmente, fontes anteriores, como a chamada Q (Quelle, do alemão fonte). Segundo Pagola, suas raízes são principalmente as tradições orais de cada comunidade e cada um fala principalmente para sua respectiva comunidade com o intuito de alimentar a fé no ressuscitado e não de escrever sobre fatos históricos, no sentido que damos hoje a essa expressão. (PAGOLA, 2012, p. 13)*

Antes de analisar a mente de Jesus, o cientista Marco Polo observa o que não esperava: que Lucas, “como biógrafo de Jesus”, traçasse algumas características relevantes de sua educadora: Maria (p. 85). Descobre, então, que aquela que ele vê como “a mulher mais famosa da história” apresenta, aos olhos do médico grego Lucas, características básicas que ela transmitiu a seu filho. Dentre elas, destaca-se “uma coragem extrema”, seguida de “uma sofisticada capacidade de reflexão”, de “uma surpreendente habilidade de raciocinar de maneira sintética”, de uma autoestima fora do comum (p. 94) – “a mais sólida da história” (p. 125) – e, finalmente, uma “consciência política aguçada” que a levava a idealizar “uma sociedade justa” (p. 130).

Marco Polo começa a analisar a personalidade de Jesus com algumas críticas, sobretudo às universidades e às ciências humanas em geral, que não se interessaram em estudar a biografia de Jesus em profundidade. Assim, “o homem mais famoso da história tornou-se um tabu” (p. 133),<sup>167</sup> sendo que as instituições de ensino e pesquisa inclusive da Europa tratam “a mente mais famosa da história com superficialidade” (p. 157). Em seguida, o cientista chama a atenção para o fato de que, embora Jesus não tivesse nenhum privilégio social ao longo de toda a sua vida, ele se destaca por “sua notoriedade psicológica” (p. 158) e inteligência, demonstradas por meio das várias provas que enfrentou. Entre elas, destacam-se os testes no deserto, no início de sua vida pública, que Marco Polo classifica em vários tipos.

Primeiro, o “teste de estresse físico”, em que “o corpo de Jesus foi levado ao limite”; entretanto, “em vez de sucumbir aos instintos, ele preservou sua consciência crítica” e “falava do maior sonho dos mortais: a eternidade” (p. 167);

O segundo, o teste do poder político, diz respeito não somente à ambição desmedida pelo poder, “mas também quando exercemos sem gerenciamento o poder que já possuímos” (p. 169). O biógrafo de Jesus aponta que ele tinha grande capacidade para seduzir as pessoas, o que poderia levá-lo a ter poder político; contudo, ele resistiu a essa tentação: seu propósito era “difundir sua mensagem para o mundo” (p. 199) sem perseguir a fama e criticando o culto à celebridade (p. 203). Na opinião de Marco Polo, “nunca alguém tão grande desejou se fazer tão pequeno para tornar os pequenos grandes” (p. 172).

O terceiro teste diz respeito ao poder religioso, que, como o poder político, faz com que a maioria das pessoas sejam “infectadas por ele”. Jesus recusou esse poder; como observa Marco Polo, só é digno do poder

quem se curva diante da sociedade para servi-la [...] Para espanto das ciências humanas, o único homem que foi chamado filho de Deus, queria ser humano” (p. 171).

Finalmente, o quarto teste, aquele da humilhação pública: “o carpinteiro de Nazaré foi vaiado em sua própria casa” (p. 178). Contudo, ao invés de sofrer antecipadamente ou de se ressentir das perdas e frustrações, “Jesus pensava estrategicamente o futuro e se preparava para suportar o insuportável. Jesus era muito sociável [...] tratou seus opositores com flores; fossem críticos, fossem prostitutas, ninguém estava fora de sua agenda” (p. 181).

O cientista Marco Polo conclui afirmando que os quatro testes mostram “uma mente sobredotada, uma genialidade sem tamanho”, uma pessoa que se preparou pacientemente por trinta anos “para abrir a boca ao mundo”, numa demonstração de perfeito autocontrole (p. 182). Mais, ainda:

*“A inteligência de Jesus é simplesmente surpreendente. Os testes de estresses que ele atravessou nos tirariam o sono. Suas habilidades emocionais e sua autoconfiança para formar pensadores a partir de pedras brutas são espantosas. Conhecíamos o filho de Deus, não o filho da humanidade.”* (p. 248).

É exatamente o uso dessa inteligência e autoconfiança “em sua metodologia para transformar mentes inquietas e insanas em mentes calmas e inteligentes (p. 213) que faz de Jesus de Nazaré “um dos raríssimos professores que não desistem de nenhum aluno”, inclusive de seus discípulos, cada um com um problema diferente (p. 213). Duas são suas técnicas principais: “doar-se sem cobrar demais, diminuir as expectativas de retorno e não exigir dos outros o que não podem dar” (p. 179).

Por tudo isso, o romance conclui que Jesus “foi o Mestre dos mestres da gestão da emoção” (p. 263), tratando a todos como iguais e únicos e ensinando o caminho da felicidade, que estaria formulado especialmente no Sermão da Montanha, “o maior tratado sobre a felicidade e a prevenção de transtornos emocionais da história” (p. 254).

## **2 – Eduardo Hoornaert. Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária**

Eduardo Hoornaert,<sup>168</sup> formado em Línguas Clássicas e História Antiga, conhecido pelas três dezenas de livros sobre a história do Cristianismo no Brasil e na América Latina, publicou em 2016 dois importantes livros: *Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária e Origens do Cristianismo*. Ousaríamos dizer que não existe nada de melhor, mais atual, em português, sobre os temas de ambos os livros. Como nosso interesse aqui é Jesus de Nazaré, vamos nos ater principalmente ao Cap. VI – “Brevíssima Biografia (Provisória) de Jesus de Nazaré” – do primeiro livro,<sup>169</sup> complementado pela Quarta Parte – “Um perfil de Jesus de Nazaré” – do segundo livro<sup>170</sup> do autor.

A genialidade de Hoornaert está em nos dar uma chave de leitura da figura de Jesus como foi apresentada pelos primeiros textos que chegaram até nós: quatro Cartas de Paulo (50-55), a Carta aos Hebreus (por volta de 65), o Evangelho de Marcos, escrito por alguém em Roma, depois que, no ano 70, as tropas romanas arrasaram Jerusalém.

O núcleo do primeiro livro visa mostrar como, nos anos 50, Paulo apresenta Jesus como “o Ungido”; como nos anos 60 a Carta aos Hebreus interpreta Jesus a partir da figura bíblica de Melquisedec e, finalmente, como, nos anos 70, Marcos retoma tudo isso e faz a memória de Jesus em um novo gênero literário que dá origem aos Evangelhos”.<sup>171</sup>

Segundo Hoornaert,

*“Não temos nenhum conhecimento direto de Jesus de Nazaré. Ninguém, dos que com ele conviveram, escreveu a seu respeito, pois não costumavam comunicar-se por escrito. Jesus viveu num universo sem letras, de modo que, na época, 97% da população da Palestina era analfabeta. Jesus foi um evento inesperado nesse meio, as pessoas foram pegas de surpresa e só com o tempo avaliaram a importância do que acontecera em seu meio.”* (OC, p. 81).

O primeiro a avaliar devidamente a dimensão universal do profeta da Galileia foi Paulo de Tarso (habitante da Ásia Menor), um fariseu, cujos primeiros escritos que chegaram até nós datam do ano 50, 20 anos após a morte de Jesus (EBJN, p. 23).<sup>172</sup>

Para “poder dizer algo justificado acerca da vida do líder galileu” (EBJN, p. 17), o autor considera fundamental a análise literária do texto e do contexto dos “primeiros escritos de Paulo, Hebreus, Marcos e outros” (EBJN, p. 21), os quais “militam dentro da estrutura sinagoga” (EBJN, p. 23). Os três revestem Jesus da roupagem da história de Israel: ungido como Davi (Paulo), sacerdote como Melquisedec (Hebreus) e profeta como Elias (Marcos). Os primeiros escritores são judeus, seguem as tradições judaicas e têm uma mentalidade judaica. É um anacronismo falar de cristianismo nesta época; o movimento de Jesus “se configura, então, como seita judaica, ou ‘sinagoga dissidente’ e a consciência cristã distinta da judaica só se consolida ao longo de séculos” (EBJN, p. 24).<sup>173</sup>

Essa análise leva Hoornaert aos seguintes traços biográficos de Jesus:

- “ele abandona João Batista e nisso se revela um líder natural de forte personalidade;
- exhibe insustentável liberdade e leveza de ser;
- é impulsionado por afetividade;

- exibe um comportamento ético que espanta e causa escândalo;
- é condenado à morte em nome da moralidade” (EBJN, p. 162).

Para Hoornaert, Jesus é “um líder natural, uma personalidade forte, cujo maior legado é a praticidade” (OC, p. 83). “Foi a cotidianidade de práticas no sentido da dignidade, liberdade, solidariedade, amor e abertura aos mais fracos que garantiu ao movimento cristão um lugar na história” (EBJN, p. 163); pois os discípulos “trilharam os caminhos abertos por Jesus de Nazaré, o homem de ação” (OC, p. 83).

**Livre:** “Por onde passa, Jesus causa estranheza e ao mesmo tempo fascínio, os discípulos oscilam entre fascínio e insegurança, entusiasmo e timidez, indecisão e motivação. Poucas pessoas na história, mesmo entre os mais comprometidos com causas públicas, chegam a se posicionar desse modo diante da própria família [...] Uma liberdade tão espantosa é sentida como uma ameaça pelos poderes constituídos, pois apela para um modo totalmente novo de relacionamento entre pessoas e instituições” (EBJN, p. 164).

**Afetivo:** “Numa sociedade pautada pela rigidez moralista, Jesus gosta de fazer trocadilhos, brinca com palavras, salpica suas respostas com uma boa dose de ironia e se comunica com facilidade” (EBJN, p. 165).

*“É no riso,<sup>174</sup> no prazer, na fina ironia e na alegria que o grupo de Jesus se distingue dos demais que aparecem no cenário da Palestina daquele tempo. As andanças com Jesus são duras, mas alegres e saudáveis, Jesus é uma pessoa de riso fácil.”* (EBJN, p. 165)

Um riso que revela liberdade, falta de censura interior, de medo, de interditos autoritários, que expressa a libertação do medo... principalmente o riso permeado de ironia (que encontramos no Evangelho

de Marcos) fere o status das autoridades, como bem percebem os aldeões da Galileia: “Ele fala com autoridade” (Mc. 12, 34) (EBJN, p. 166).

*“O realmente novo na religião de Jesus consiste no fato de que ele substituiu o Deus severo dos “pais da fé”, por um Deus Pai [...] um pensamento revolucionário, apresentado com simplicidade, como se fosse algo normal.”* (EBJN, p. 167)

*“Fica indignado com a exploração dos peregrinos que frequentam o Templo e se veem na obrigação de trocar suas moedas duramente ganhas por dinheiro desvalorizado, cunhado pelo Templo.”* (EBJN, p. 169).

*“Estudar a figura de Jesus sem ficar atento ao fator afeto é perder a oportunidade de captar o essencial (OC, p. 84). Penso que Jesus se torna um opositor político por motivos sociais, ou seja, por afeto pelo povo das aldeias”* (OC, p. 85).

**Ético:** “A postura ética de Jesus é que, hoje como ontem, causa mais estranheza e até escândalo em muitas pessoas. Não é difícil colher, nos Evangelhos, episódios em que Jesus manifesta um comportamento nada convencional. Já no primeiro capítulo do Evangelho de Marcos, Jesus interrompe sua fala na sinagoga de Cafarnaum para dar atenção a um leproso, o que era terminantemente proibido pela Lei” (OC, p. 90).

*“O caso que mais escandaliza é que ele toma a refeição dentro de sua própria casa, com cobradores de impostos. Não só convida cobradores à sua casa, mas anda com eles”.* (EBJN, p. 175).

*“A impressão que se tem, ao ler o episódio dos cobradores de impostos, é que, para Jesus, a pessoa em si é mais importante que qualquer compromisso assumido, programa a ser difundido ou tarefa a ser cumprida.”* (OC, p. 92).

**Religioso:** “A religiosidade de Jesus tem as marcas do local e da época. Ele compartilha com seus conterrâneos o imaginário apocalíptico, acredita que o fim do mundo está próximo (*alguns de vocês verão a vinda do filho do*

homem e de seu Reino antes da hora de sua morte’) (Mt. 16, 28) e que o povo de Israel é eleito por Iwhh para levar o conhecimento de Deus a todos os povos” (OC, p. 86).

*A leitura do Evangelho de Marcos deixa claro que Jesus sente necessidade premente de se comunicar com Deus (que, em determinado tópico, ele chama “abba, pai”). Levanta bem cedo, pela manhã para “rezar a Deus” (EBJN, p. 177).*

*Quem fizer a vontade de Deus, é meu irmão, minha irmã, minha mãe”(Mc. 3, 33-35). Jesus define assim um novo tipo de família, onde Deus é pai, enquanto homens e mulheres são irmãos e irmãs (EBJN, p. 179).*

*É condenado à **morte** em nome da moralidade:*

*O inquietante para quem hoje estuda os motivos que levaram Jesus à morte é que ele, ao seguir com escandalosa “fidelidade” a Lei de Moisés, é condenado em nome da mesma Lei. O sacerdote interpreta a Lei de modo moral; Jesus de modo ético (EBJN, p. 179). [...] Uma leitura atenta do Evangelho de Marcos permite dizer que os sacerdotes reunidos no Sinédrio para decidir sobre a sorte de Jesus não são pessoas amorais, corruptas, perversas. O contrário é verdade. Eles agem em conformidade com a responsabilidade que lhes compete, instalam um processo, chamam testemunhas e interrogam o acusado. A questão é que eles se deixam guiar pela moral e não abordam em nenhum momento a dimensão ética dos atos e das palavras de Jesus. Não enxergam o bem que Jesus fez às populações da Galileia. Para eles, seguir os preceitos e procedimentos legais é fazer a coisa certa. O sacerdote obediente, cumpridor do dever, o fariseu ‘separado dos pecadores’ e o letrado dedicado à meditação das palavras de Deus, dia e noite, só podem estranhar um Jesus desobediente, transgressor, amigo dos ‘pecadores’ (EBJN, p. 181-182).*

*As pessoas reunidas em torno de Caifás seguem a moral. Alguns são particularmente “honrados” e respeitados por sua maneira de viver. Contudo, a*



*questão ética propriamente dita não lhes aflora à consciência... e com isso se tornam absolutamente incapazes de distinguir entre o bem e o mal. Não são levados por ódio ou fanatismo, simplesmente não conseguem enxergar a criminalidade de seus próprios comportamentos. Praticam o mal pensando fazer o bem (EBJN, p. 183).*

No segundo livro mencionado, Eduardo Hoornaert desenha um perfil de Jesus de Nazaré e detalha cada uma das seguintes características: 1) um líder natural, um homem de ação; 2) livre; 3) afetivo; 4) tranquilo e seguro; 5) religioso; 6) opositor político; 7) vivendo num clima de violência; 8) ético; 9) homem de sucesso; <sup>175</sup> 10) crucificado (OC, p. 82).

## XX

### JESUS DE NAZARÉ: O MELHOR DE NÓS

À guisa de conclusão: um mergulho na humanidade de Jesus.

A existência de Jesus de Nazaré é um fato histórico comprovado por várias fontes. Portanto, ele é um de nós, membro do gênero humano. Se nossos conhecimentos científicos atuais estão certos, somos, ele e nós, frutos de um longo processo de evolução de uma entre as três milhões de espécies já catalogadas da Terra. Esta, por sua vez, é um dos oito ou nove satélites que giram em torno do Sol, essa estrela anã, uma entre 100 bilhões de estrelas da Via Láctea, uma entre as 200 bilhões de galáxias do nosso universo em expansão há 13 bilhões de anos. Se não bastasse, talvez tenhamos que pensar em multiversos.

Como todo ser humano, Jesus nasceu frágil, dependente, e encontrava seus primeiros deleites nos seios de Maria (Miriam), sua jovem mãe de 15 ou 16 anos.

Como todos nós, no dizer poético do evangelista Lucas, “ele crescia e se fortalecia e o favor de Deus o acompanhava”, e “aqueles que o ouviam estavam atônitos com sua inteligência e suas respostas” e, ainda, que “sua mãe guardava tudo isso em seu íntimo”. Ainda uma vez, como todos nós, “Jesus progredia em saber, em estatura, e no favor de Deus e dos homens” (Lc. 2, 40)

Como em Nazaré não havia escola, sua aprendizagem se deu cotidianamente no grupo familiar, aos sábados na sinagoga – com os textos sagrados de seu povo – e na convivência e no trabalho de cada dia. Formado, como se diz, na escola da vida. Aprendeu a falar em aramaico, a

ler e traduzir os textos sagrados, escritos em hebraico, na sinagoga. Pode ter aprendido mais que algumas palavras do grego e do latim falados por alguns em Séforis, capital da Galileia, distante seis quilômetros de Nazaré. Parece ter exercitado muito os cinco sentidos na percepção da natureza e do fazer humano. Quando começa a falar em público, vai se mostrar um arguto observador e um exímio contador de casos.

Ele foi qualificado como o maior contemplativo da humanidade, pela capacidade que revelava de desvendar com o olhar as mínimas belezas da terra e de se alegrar com a sabedoria dos simples e dos pequeninos. A seus contemporâneos afigurava-se ser um homem dotado de uma personalidade forte e equilibrada, transpirando o mais notável bom senso em coisas aparentemente complexas e difíceis. (SCHLESINGER, 1979, p. 45)

Desenvolveu uma habilidade extraordinária de transmitir suas mensagens através de parábolas, principalmente sobre o reino de Deus, uma linguagem inédita até então.<sup>176</sup> Chegaram até nós 40 das parábolas contadas por Jesus. As primeiras comunidades cristãs não conseguiram dar continuidade a esta linguagem poética. Estudos sobre a literatura hebraica compilaram cerca de 1.500 parábolas rabínicas, nenhuma anterior ao ano 70 d.C.

Antes de pregar, aprendeu a ouvir. Quando Jesus, depois do estágio com João Batista, regressa a Nazaré, com 32/34 anos e fala à sinagoga, todos se admiram de seu saber, conhecendo-o como filho de José, um biscateiro. A surpresa leva-nos a pensar que ele não era dado a falar na comunidade de Nazaré, embora pudesse fazê-lo desde os 13 anos.

As perspectivas e sonhos de Jesus quando criança, em Nazaré, estavam entre ser um artesão hábil e competente como seu pai ou um agricultor laborioso como outros de sua grande família. É o que se depreende de sua demora em sair de casa.

Quando, como e por que começou a pensar em fazer outra coisa?

Em algum momento – não sabemos quando – Jesus começa a pensar em fazer algo diferente. Podemos pensar que o rompimento com a rotina começou com um misto de insatisfação e esperança. Esses sentimentos são alimentados por uma experiência, ou experimentação, da compaixão de Javé, que ganha para Jesus, crescentemente, a feição e afeição de um paizinho. Sua experiência de oração, de meditação e de contemplação de Deus/Pai o arrebatava, traduzida em compaixão pelo povo pobre e abandonado.

Jesus compartilhava com seus conterrâneos a insatisfação com o domínio e exploração dos romanos e com a subordinação interesseira dos dirigentes de Israel; insatisfação com relação à pobreza e o endividamento de muitos de seus conterrâneos, sem terra, sujeitos a buscar, a cada dia, trabalho incerto; com os acomodados a uma religiosidade repetitiva, estéril e ritualista que, com suas regras de pureza e impureza, sacrificava uns e marginalizava outros; com o autoritarismo dos varões que imputavam um jugo pesado às mulheres e só enxergavam as crianças enquanto projetos de adultos; com os insatisfeitos que buscavam saída na luta armada, ou punham sua esperança em um novo enviado de Javé, que viria para virar o jogo, dominando o dominador. Este não era para Jesus o mundo desejado por Deus. Seu reino teria que ser outro.

E a esperança como sentimento, convicção e força propulsora de mudança – que vai tomar o nome de reino de Deus – como surgiu? Nunca saberemos quando e como começou. Podemos imaginar, baseados na humanidade de Jesus, que sua espiritualidade foi evoluindo num contínuo que o levou a sentir e saber-se perdido e achado em Deus. “Eu e o Pai somos um só”. “Quem me vê, vê o Pai”. “Faço aquilo que o Pai me mandou

fazer”. É impossível penetrar nessa estupenda experiência humana do encontro pessoal da criatura com o Criador.

Místicos de todas as religiões – e eles existem pelo menos em todas as grandes religiões – narram essa inefável experiência de se perder, se achar e se fundir. Tendo vivido essa experiência recolhem-se ao silêncio ou a narram em poesia. Alguns destes são bem conhecidos no cristianismo: João da Cruz, Tereza de Ávila, Francisco de Assis; e, no islamismo, onde os místicos sufis souberam de uma forma impressionante articular o sentido da esmagadora transcendência de Deus com sua proximidade da alma humana, como “Aquele que está mais perto de ti que a veia em teu pescoço”. (TEIXEIRA, 1995, p. 22)

“O misticismo e experiências místicas fazem parte do judaísmo desde os seus primórdios”.<sup>177</sup>

Nada sabemos da trajetória espiritual desse homem, nascido de família pobre, em lugarejo pobre e desprezado, que se junta em comunidade com os pobres e miseráveis das vizinhanças, transmitindo tanta alegria e esperança a seus contemporâneos. Através de seus discípulos, Jesus chegou até nós e nos desafia a buscar em nós o melhor de nós.

Buscamos nos ater ao máximo aos fatos históricos, apresentando, de forma sintética, o que há de mais atual e confiável sobre Jesus de Nazaré, de acordo com as pesquisas que vêm sendo feitas e com nossas limitações de não especialistas no tema. Apresentamos um homem profundamente solidário com os marginalizados, que anunciou que o reino de um Pai misericordioso, aqui na terra, é possível e será realidade um dia. Pôs sua vida a serviço da construção desse reino. Pode ter errado na previsão de que esse reino era iminente, mas deu a vida por ele e deixou-nos o legado dessa utopia.<sup>178</sup>

A solicitude de Jesus para com o sofrimento humano revela dramaticamente como a causa de Deus é a causa da humanidade. O Deus de Jesus é um Deus intrinsecamente preocupado com a totalidade dos seres humanos. Que Deus é onicompreensivo e igualitário é algo que se patenteia na iniciativa de Jesus em voltar-se para aqueles que se encontram às margens. Na mesma medida, esse Deus é o Deus de todos. (HAIGHT, 2003, p. 106)

Concluimos convencidos de que, independentemente de qualquer consideração sobre sua transcendência à condição humana, Jesus de Nazaré é o melhor de nós.

Como observa ESTRADA, *“o que escandaliza em Jesus é sua liberdade e autonomia em relação ao código religioso e social, às leis e às Escrituras sagradas, às autoridades e às tradições. O discernimento e a reflexão pessoal testemunham sua liberdade interior. Ele luta por uma nova ordem do espírito e resiste à tentação de fechar-se nos desejos do eu, de refugiar-se nas práticas sociais ou na segurança do código religioso. Por isso escandaliza, porque é fiel a si mesmo e à missão para a qual se sabe enviado.* (ESTRADA, 2016, p. 75)

Para o pesquisador iraniano-americano “criado em uma família heterogênea de muçulmanos desinteressados e ateus exuberantes”, Reza Aslan, autor do best-seller *Zelota: **Jesus de Nazaré é tão atraente, carismático e louvável como Jesus, o Cristo. Ele é, em suma, alguém em que vale a pena acreditar***”. (ASLAN, 2013, p. 233) – *Grifo nosso*

Esse é um juízo de valor e, como tal, subjetivo. Cabe ao leitor fazer seu próprio julgamento e avaliação. Baseamos nossa afirmação no que ele foi, no que fez e no que nos deixou.

Theissen e Merz terminam sua resenha sobre a vida de Jesus com a seguinte observação:

*“Jesus pertencia histórica e teologicamente ao judaísmo. Por meio dos judeus que creram nele, ele se tornou ao mesmo tempo o fundamento do cristianismo. Com isso, ele pertence hoje a duas religiões, que só se distanciaram depois de sua morte, no decorrer do séc. I. Seu tema comum é a vida em diálogo com o Deus único e a responsabilidade ética pelo mundo e pela sociedade.” (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 598)*

# **ADENDO:**

## **De Jesus de Nazaré ao Cristo da Fé**

Ressurreição, túmulo vazio, aparições às mulheres, ascensão – os acontecimentos que determinaram a convicção de que Jesus continua vivo e atuante na construção do reino, cujo anúncio justificou sua vida.



# OBSERVAÇÕES METODOLÓGICAS

**B**oa parte das pesquisas históricas sobre Jesus de Nazaré termina com sua morte. São inúmeras as pesquisas sobre o julgamento, a condenação e a execução de Jesus. O que se segue após sua morte passa a ser matéria de especialidade dos teólogos, uma vez que seu objeto já não é o homem que nasceu em Nazaré e morreu em Jerusalém, mas o Messias (Cristo), objeto da fé.

Alguns historiadores discordam dessa posição e consideram que há um passo a mais a ser dado por eles e demais cientistas na pesquisa sobre Jesus de Nazaré. O objeto desse passo seria exatamente a pesquisa empírica do que aconteceu após a morte do Nazareno, que transforma um punhado de discípulos assustados e medrosos em homens corajosos, convencidos de que Jesus, que eles conheceram e viram morrer, está vivo.

Usando os recursos que a Ciência pode oferecer, através de múltiplas abordagens – psicológicas, antropológicas, sociológicas linguísticas etc. – é possível, se não reconstruir, pelo menos se aproximar dos fatos empíricos, individuais ou coletivos, que marcaram a transição – de ruptura e continuidade – de Jesus de Nazaré em Messias (Cristo), tão esperado por Israel e tão inesperado na forma como apareceu. Como nasce e se propaga a convicção de algumas pessoas e alguns grupos de que Deus não deixou Jesus de Nazaré no país da morte?

Como ao nome de Jesus, o Nazareno, se incorporou um título – o Ungido, em hebraico *Messias*, em grego *Khristós* – que virou quase um sobrenome: Jesus Cristo?

*“A comunidade primitiva utilizou mais de 50 nomes, títulos ou qualificações para definir quem é Jesus: o título de Cristo é empregado cerca de 500 vezes;*

*Senhor ocorre 350 vezes; Filho do Homem 80 vezes; Filho de Deus 75 vezes ; Filho de Davi , 20 vezes e assim por diante . Num espaço de tempo de 30 anos após sua morte, Ele atraiu para si todos os títulos de honra e glória humanos e divinos que existiam e se podiam imaginar dentro do Império Romano. Os títulos e nomes, mesmo os mais divinos, não querem apagar o homem Jesus; antes querem ressaltá-lo.” (BOFF, 1972, p.153-154)*

Os pesquisadores que se aventuram nesse campo são, do ponto de vista científico, ainda mais cuidadosos porque estão caminhando num terreno fronteiro entre a probabilidade científica e a certeza da fé (ou seria a certeza da fé, também ela, uma aposta plausível de alta probabilidade?).

Vejamos um pouco do que há de melhor e mais novo sobre o pós-morte de Jesus.

Para entender o que se passa no curto período após a morte de Jesus – não necessariamente três dias – é importante dar um passo atrás, contemplando sua morte repentina, violenta e trágica. Jesus de Nazaré é preso num dia e, no dia seguinte, crucificado. Tudo pelo reino de Deus, seu sonho, sua utopia, sua razão de viver; totalmente voltado para incrementar o reino de Deus que, acreditava, estava começando. Com o advento desse reino, tudo seria diferente, porque os homens olhariam seus semelhantes, todos, principalmente os mais carentes, como irmãos, com o olhar compassivo de Deus, Pai.

Seu sonho, que ele via presente, concretizado na convivência de homens e mulheres, no repartir o pão, no curar os enfermos, no espantar os espíritos maus, parece chegar ao fim. Da noite para o dia, um de seus discípulos o entrega às autoridades do templo. Os demais fogem. Em menos de 24 horas ele é preso, julgado, condenado e executado. Executado

barbaramente como qualquer criminoso que ousasse desafiar o poder local judaico-romano.

Abandonado e só, absolutamente só. O brado dessa solidão, na cruz, parece ter ficado na memória daqueles que presenciaram a cena de longe: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Sua frase em aramaico entrou para a história. Ele não disse Pai, mas Deus.

*“O grito de Jesus na cruz representaria e refletiria o grito que toda vítima e excluído do sistema traz na garganta. O desespero de Jesus na cruz é a expressão mais clara do desespero dos pobres indefesos e, com semelhante grito, os pobres se identificam”.* (SCARDELAI, 2021, p. 429)

A tradição cristã coloca em seus lábios outras frases que os historiadores não confirmam.

Jesus de Nazaré se sentiu abandonado. Morrendo, ele sabia que iria para o sheol, e ali, no “seio de Abraão”, permaneceria até a ressurreição no último dia, que, segundo os historiadores e exegetas, ele esperava para logo. Jesus era um judeu piedoso e sua formação religiosa tinha a marca da concepção farisaica da ressurreição dos mortos, negada pelos saduceus.

Atribuir a Jesus de Nazaré predicados divinos – que ele não se atribuiu – pode esvaziar-lhe a humanidade. Como afirma Hoornaert, “A natureza divina é irrelevante, a não ser à medida que exalta a natureza humana e à medida que não o faz, não significa nada para nós; à medida que o faz, estamos diante de uma realidade humana; existe nele uma nova maneira de ‘ser homem’”. (SHILLEBEECKX, 2017, p. 602)

Nas palavras de Rausch, *“É bastante improvável que Jesus tenha afirmado abertamente ser o Messias, desde o início de sua pregação (Jo. 4, 26), ou tenha proclamado sua divindade [...]. Sabemos que os discípulos não haviam percebido a divindade de Jesus durante seu ministério público, e que a comunidade cristã*

*primitiva não proclamara Jesus desde logo como Filho eterno de Deus.”* (RAUSCH, 2006, p. 55)

É importante, fundamental mesmo, para crentes e não crentes, cristãos e não cristãos, ver toda a imensa humanidade desse homem que acreditou, se identificou, viveu e morreu para os mais abandonados pelo mundo desumano que criamos.

Jesus morreu. Seus discípulos, prudentes e amedrontados, se dispersaram. Tudo acabou, como acabou para muitos outros idealistas que, antes dele, deram sua vida pelo próximo? Tudo acabou?<sup>179</sup>

Aconteceu algo, alguma coisa que transformou radicalmente muitos daqueles que conheceram Jesus de Nazaré.

Há um quê, um quando e um como a ser pesquisado. Estamos diante de um fenômeno social, coletivo, que merece e tem sido muito investigado, principalmente nos últimos vinte anos. Como um punhado de camponeses piedosos da Galileia, helenistas “tementes a Deus” que vivem em Jerusalém, como Estêvão e Filipe, fariseus zelosos, como Paulo de Tarso, rapidamente superaram e negam a afirmação de suas Sagradas Escrituras – “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” (Dt. 21, 23) – e passam a ver em Jesus de Nazaré, que “Deus ressuscitou dentre os mortos” (fórmula cunhada nos anos 35-40), o Messias esperado, de modo completamente inesperado?

*“Parece inegável que aconteceu uma ressignificação do conceito de messias por parte dos discípulos de Jesus...a ressurreição não é dos vitoriosos e poderosos, mas sim de alguém política e religiosamente derrotado, fraco e pobre ... nela nasce a promessa e a esperança de que não haja mais pobres...a solidariedade de Deus para com os pobres é mais forte que a morte... o elemento alimentador e aglutinador dos que criam em Jesus e se uniram com o objetivo de perseverar ante a perseguição”.* (SCARDELAI, 2021, p. 416, 422, 427)

Se morreu, seu corpo foi sepultado ou deixado aos animais selvagens e abutres, como era costume entre os romanos? Se sepultado, onde, como? Sepulcro vazio, ressurreição, aparições, ascensão; o que significa tudo isso?

As pesquisas avançaram muito e conseguem nos apresentar visões novas dos fatos e narrativas que remontam a quase dois mil anos. Chega-se a um ponto em que as pesquisas científicas não conseguem penetrar. Há fatos, percepções e sentimentos – o mais evidente deles, o amor, a fé – que a Ciência não consegue alcançar, o que não depõe nem contra ela, nem contra aqueles.

# DA MORTE E DA RESSURREIÇÃO

A pena de crucificação para os romanos era um completo ritual de humilhação, de sofrimento e difamação do condenado.<sup>180</sup> Não era um rito privado, mas social, de punição exemplar e intimidação. As opiniões divergem:

*“Para os cristãos, a tribulação de Jesus é um fenômeno único. Para os judeus do primeiro século, foi um trágico espetáculo cotidiano, mas aos olhos dos romanos foi insignificante, uma necessidade inevitável, terrível. Caracterizada, e justificada, por Cícero como “a mais cruel e abominável das formas de execução”.* (VERMES, 2007, p. 30)

Normalmente o corpo nu do crucificado, com as pernas quebradas, era deixado no local para servir de alimento para bestas selvagens e aves de rapina. Temos hoje mais dificuldade de entender a humilhação e a desonra familiar do não sepultamento. Podemos imaginar, por mais presente, a dor dos familiares de mortos insepultos vítimas de regimes ditatoriais.

A tradição cristã diz que o corpo de Jesus – por piedade pessoal, ou dever comunitário, não sabemos muito bem – foi entregue pela autoridade romana a um elemento da elite de Israel, José de Arimateia, que o sepultou às pressas, sem velório e sem as lamentações de praxe por parte das mulheres.<sup>181</sup> Apesar dos milhares de judeus crucificados no século I ao redor de Jerusalém, ossos de apenas um homem foram encontrados até hoje, o que reforça a tese do inusitado da tradição cristã. O sepultamento de Jesus teria sido uma exceção.

Devemos imaginar que a maioria dos discípulos de Jesus, que fugiram quando de sua prisão, continuava a imaginar – ou não querendo imaginar

– o corpo de Jesus exposto à execração pública e à voracidade dos animais selvagens, enquanto todo o povo de Israel começava a se preparar para comemorar sua libertação, a Páscoa.

Jesus morreu na cruz, segundo os especialistas, poucas horas antes do início da comemoração da Páscoa. Seu corpo teria sido colocado num túmulo típico da época, de alguém de recurso: “um buraco esculpido na rocha calcária, com uma antecâmara, que se abria para um cômodo contendo diversos nichos profundos, nos quais o corpo era colocado em ângulo reto com o cômodo”, conforme descreve John Dominic Crossan. (CROSSAN, 2004, p. 576)

O túmulo de Jesus deveria ser velado por três dias, o tempo necessário para, de acordo com a concepção da época, o morto ser considerado seguramente morto. Jesus precisaria estar morto para entrar no sheol (vazio, inferno) e, então, de acordo com as primeiras narrativas cristãs, “destruir para sempre o poder da morte”.

A primeira menção à morte e ressurreição de Jesus é do apóstolo Paulo. Nela se diz: “Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Apareceu a Cefas (Pedro) e depois aos doze, a seguir apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez: a maioria ainda vive [...]” É interessante observar que Paulo fala de uma boa notícia que ele já havia transmitido e denota fórmulas de proclamação (querigma) e profissão de fé já consolidadas.

Paulo, convertido em 35, ou dois ou três anos antes – dois a cinco anos depois da morte de Jesus – leva para Corinto, em sua primeira estada na cidade, por volta do ano 50, tudo o que ele aprendera e vivenciara nas comunidades de Jerusalém e Antioquia.<sup>182</sup> Trata-se, portanto, das narrativas mais antigas de que se tem notícia sobre o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus. Diz Paulo: “o evangelho que vos anunciei [...]

transmiti-vos [...] aquilo que eu mesmo recebi [...]” (1 Cor. 15, 3-6). Paulo não parece interessado nos fatos históricos, mas no significado deles, lidos através das Escrituras: Jesus é o “servo sofredor” a que se refere o Profeta Isaias, e ressurreto está entre nós. (Is. 53, 3-6)

Qualquer um de nós que já perdeu alguém muito querido, depois de algum tempo esquece datas e fatos e guarda o que a pessoa significou e significa no presente, além de algumas frases ditas por ela, em alguma circunstância. Na perspectiva de Paulo, e, portanto, das primeiras comunidades cristãs – o nome cristão surgiu na comunidade de Antioquia – a ressurreição de Jesus não é um privilégio único e pessoal, tampouco um fato passado: “Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou [...] pois se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou”. (1 Cor. 15, 13-16)

O filósofo Alain Badiou (\*1937), que atribui a Paulo a fundação do universalismo, escreveu:

*“A ressurreição não é, na opinião do próprio Paulo, da ordem do fato, falsificável ou demonstrável. Ela é puro acontecimento, começo de uma época, mudança das relações entre o possível e o impossível, pois o interesse na ressurreição do Cristo não está nela mesma, como seria o caso de fato particular, ou milagroso. Seu sentido verdadeiro é que ela revela a vitória possível sobre a morte, morte que Paulo considera não como factibilidade, mas como disposição subjetiva. Isso porque é preciso constantemente ligar a ressurreição a nossa ressurreição, ir da singularidade a universalidade e vice-versa: “Se os mortos não ressuscitam, Cristo também não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, vossa fé é em vão”. (1 Cor. 15,16) Ao contrário do fato, o acontecimento somente é mensurável de acordo com a multiplicidade universal da qual ele prescreve a possibilidade. É nesse sentido que ele é graça e não história”.* (BADIOU, 2009, p. 56)



Como disse o historiador romeno Mircea Eliade (1907-1985), especialista em história das religiões:

*“Não há dúvida de que a pregação de Jesus, e talvez até seu nome, se teriam perdido no esquecimento sem um episódio singular e incompreensível, exterior à fé: a ressurreição do supliciado [...]. A fé em Jesus Cristo ressuscitado transformou o pugilo de fugitivos desmoralizados num grupo de homens decididos e certos de serem invencíveis. Pode-se dizer que também os apóstolos conheceram a prova da desesperança e da morte espiritual, antes de renascermos para uma vida nova e de se tornarem os primeiros missionários do Evangelho.”* (ELIADE, 2011, p. 295)

Há consenso entre os especialistas de que o que chegou até nós sobre a paixão e ressurreição são narrativas detalhadas a partir de padrões bíblicos e não lembranças históricas. [183](#)

Para Lohfink,

As experiências pascais dos discípulos, do ponto de vista teológico, podem ser consideradas real e verdadeiramente como aparições do Ressuscitado, nas quais Deus revelou seu filho com poder e com toda sua glória (Gl. 1, 16) – do ponto de vista psicológico, porém, podem ser vistas ao mesmo tempo como visões nas quais a força imaginativa dos discípulos constituiu a contemplação do Ressuscitado. Uma coisa não exclui a outra. (LOHFINK, 2015, p. 385)

Cada um dos Evangelhos foi escrito (todos depois da morte de Paulo) a partir de uma comunidade e se dirigia principalmente a ela. Eles estão interessados não em fatos passados, mas no significado de Jesus vivo e presente entre os membros da comunidade.

O interesse moderno pela História é que leva os pesquisadores a buscar, nos textos e em todas as fontes disponíveis, os fatos históricos. Como o tema – morte de Jesus de Nazaré e vida de Jesus Cristo – é

complexo, optamos por apresentar, resumidamente, nos capítulos seguintes, o ponto de vista, a leitura e/ou a interpretação, de três especialistas contemporâneos: Pagola, Queiruga e Lenaers. Terminaremos este Adendo com uma análise de Libânio sobre quadros filosóficos compatíveis com a ressurreição.

Antes uma observação/alerta do teólogo Joseph Ratzinger, que se encontra no livro *Jesus de Nazaré, da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, que ele publicou já como Papa Bento XVI: “Quem se aproxima das narrações da ressurreição com a ideia de saber o que é ressurreição dos mortos, não pode deixar de interpretar de modo errado tais narrações, acabando depois por pô-las de parte como coisa insensata”. (RATZINGER, 2007, p. 219).

Sobre a natureza da ressurreição de Jesus, sintetiza o teólogo Roger Haight: “*É a assunção de Jesus de Nazaré na vida de Deus. É Jesus exaltado e glorificado na realidade de Deus. Isso ocorreu no momento mesmo de sua morte de modo que **não houve tempo algum entre seu falecimento e sua ressurreição e exaltação** (grifo nosso). É uma realidade transcendente que somente pode ser apreciada pela fé-esperança*”. (HAIGHT, 2003, p. 139)

# **RESSURREIÇÃO, TÚMULO VAZIO, APARIÇÕES, ASCENSÃO: ACORDOS E DESACORDOS**

**H**á, entre os cristãos, alguns (ou muitos?) que tomam ao pé da letra o que se encontra na Bíblia, principalmente no Novo Testamento. Contudo, não há entre os especialistas reconhecidos no mundo acadêmico quem admita como racional tal postura.

Registramos, a seguir, alguns acordos e desacordos sobre o tema deste capítulo, do ponto de vista dos autores aqui apresentados:

## **1 – Sepultado**

Que Jesus morreu crucificado não há qualquer divergência.<sup>184</sup> Foi sepultado? Era costume dos romanos deixar os corpos dos crucificados nas cruzes para comida de animais selvagens e depois jogar o que restava numa vala comum e cobrir de cal. Pesquisas arqueológicas em torno de Jerusalém registram apenas uma ocorrência de restos mortais de um crucificado, do século I,<sup>185</sup> quando se sabe que os romanos crucificaram milhares de judeus à época. Os judeus à época, por piedade – usando de influência política, ou suborno – às vezes removiam os corpos e os enterravam. A descrição do sepultamento de Jesus que se encontra nos Evangelhos pode ser um fato histórico: é plausível. Contudo, a descrição de Lucas, com a intervenção de Nicodemos ou de um membro influente do Sinédrio, conforme Mateus, é uma construção apologética. Para muitos

teólogos cristãos, a ausência de sepultamento não contradiz a realidade da ressurreição, como fé em Jesus vivo e atuante.

## **2 – Sepulcro vazio**

Jesus teria sido enterrado e deixou o sepulcro vazio; para alguns trata-se de um fato importante e plausível. Para outros teólogos, isso é irrelevante, uma vez que não afeta o acontecido e a mensagem da ressurreição. O sepultamento e o sepulcro vazio não são fatos passíveis de comprovação histórica.

## **3 – As narrativas dos acontecimentos pós-morte**

A primeira menção à ressurreição de Jesus se encontra na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, escrita por volta de 54/55. Na carta, ele se refere ao que já lhes havia ensinado pessoalmente por volta do ano 51, quando de sua primeira visita a Corinto. Seu enunciado a respeito da ressurreição de Jesus e a nossa tem o formato de uma “profissão de fé”, que ele diz ter recebido da comunidade cristã de Antioquia (onde surge, pela primeira vez, o nome “cristão”) que, por sua vez, deve sua origem à comunidade de Jerusalém. Esta “profissão de fé” na ressurreição remonta, portanto, aos dez primeiros anos depois da morte de Jesus. “Trata-se de uma fórmula muito antiga, que pode ser rastreada até o início dos anos 40 d.C. [...] a crença na ressurreição de Jesus [...] um dos primeiros atestados de fé da comunidade”. (ASLAN, 2013, p. 193)

Os quatro Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e alguns escritos apócrifos narram, mais ou menos pormenorizadamente, os acontecimentos pós-morte de Jesus de Nazaré. Há um acordo entre os especialistas de que essas não são descrições de fatos históricos, mas narrativas tiradas de tradições de cada uma das comunidades para as quais

os autores escrevem. Marcos, autor do primeiro Evangelho (anos 70-71), utilizou pelo menos duas fontes anteriores: o Evangelho Q (unanimidade), que se perdeu, e o Evangelho da Cruz (não há unanimidade), os quais podem remontar aos anos 30 e 40.

As narrativas devem ser lidas não ao pé da letra, mas como se leem as parábolas de Jesus. Na maior parte dos casos, as narrativas se inspiram nos livros sagrados dos judeus e se pretendem catequéticas (para conversão), quando não apologéticas (de refutação de argumentos contrários). O que pode parecer contradição, exagero, absurdo, ao raciocínio lógico, pode ter todo sentido ao raciocínio poético.

O teólogo Leonardo BOFF, já em 1972, dizia:

*“Sobre as aparições “as fórmulas mais antigas em 1 Cor 15,3b-5 e nos Atos 2-5 deixam entrever claramente, por sua formulação rígida e sem qualquer “pathos”, que essas aparições não são visões subjetivas, produto da fé da comunidade primitiva, mas realmente aparições trans subjetivas, testemunho de um impacto que se lhes impôs de fora. Nisso concordam todos os exegetas hoje, protestantes e católicos, mesmo os mais radicais.”* (BOFF, 1972, p. 139)

#### **4 – Aparições às mulheres (destacamos este item pelo que tem de peculiar e até de curioso)**

A maior parte dos autores estudados prefere o conceito de revelar-se: Jesus se revela e não simplesmente aparece, mesmo porque o seu reconhecimento não é imediato, como se dependesse da fé.

Alguns autores defendem que a primeira revelação de Jesus foi não a Pedro, mas a Madalena. A discípula especial que sempre acompanhara Jesus teria sido a primeira a reconhecê-lo vivo. Para Schillebeeckx, “Historicamente foram certamente as mulheres que espalharam a primeira

notícia de que Jesus estava vivo, ressuscitado.” (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 344)

As opiniões a respeito da aparição às mulheres em geral divergem bastante. Alguns acreditam que a narrativa de Mateus coloca as mulheres como incrédulas, pois elas saem à procura de Jesus no túmulo, que está vazio. Outros autores consideram que o protagonismo das mulheres nas aparições reflete o crescente papel das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. Ao deixar a sinagoga e o templo (principalmente depois de sua destruição no ano 70), o lugar de oração é o lar, onde se celebra a eucaristia e onde as mulheres têm um papel mais relevante.<sup>186</sup>

Para o teólogo católico Edward Schillebeeckx:

*“O relato original da visita das mulheres ao túmulo de Jesus na manhã da Páscoa é uma lenda cultural, etiológica, isto é, esse relato esclarece a visita da comunidade de Jerusalém ao sepulcro de Jesus a cada ano (pelo menos) a fim de celebrar o Ressuscitado e escutar a narração da tradição pré-marcana, que podemos reconhecer ainda em Mc. 16; 1-8.”* (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 334)

## **5 – Ressurreição**

Não se trata de vivificação de um cadáver, mas de um novo modo de ser: o corpo glorificado de Jesus independe de tempo e espaço. Não é uma manifestação de Deus que diz relação exclusiva a Jesus, mas sinal e garantia de nossa ressurreição. Deus manifestou em Jesus o nosso futuro, nosso destino final: a sobrevivência de nosso eu, sob novo modo de ser.

A ressurreição não é um fato histórico, mas meta-histórico, que remete à questão crucial: terão sentido nossos sonhos e esforços de transformar ou revolucionar nosso mundo? Tudo acaba real e definitivamente – o bem e o mal – ou todo bem ressurge no mistério de Deus, fonte de vida e do existir?

*“A ressurreição, para os cristãos, não é apenas uma metáfora. É real o bastante, mas não no sentido em que seria possível fotografá-lo, se por acaso se estivesse nas cercanias do túmulo de Jesus munido de uma câmara.*

*Significados e valores também são reais, mas igualmente impossíveis de fotografar “. (EAGLETON, 2011, p. 111)*

## **6 – Ascensão**

Há um consenso a este respeito: a descrição da ascensão, segundo Pagola, “é uma composição literária imaginada por Lucas com uma intenção teológica muito clara”, expressa nos Atos dos Apóstolos (At. 1, 9-11).

## **7 – Leituras prevalentes dos especialistas, hoje**

Algo extraordinário, insondável, aconteceu que converteu um grupo de homens simples, assustados e medrosos em arautos de uma mensagem insólita: Deus ressuscitou aquele que foi crucificado, Jesus, e ele está vivo e atuante. Não se trata de crer que Jesus ressuscitou (fato passado, cada vez mais distante), mas crer em Jesus vivo, atuante, transformador: o grande impulsionador do amor ao próximo.

O enigma da Ressurreição talvez possa se resumir a dois pontos:

1. A ressurreição fundamenta a fé cristã; sem ela, Jesus de Nazaré, o melhor de nós, da significativa espécie humana, não seria o Cristo, objeto da fé de bilhões de pessoas, em todos os rincões da Terra, ao longo de vinte séculos;
2. A ressurreição é a garantia de resignificação da existência do homem como indivíduo e coletividade; a história humana tem

sentido, a bondade supera a maldade; não se trata de sentido predeterminado, mas de futuro a ser construído.

Como se entrelaçam esses dois sentidos? Ressurreição é fato passado, ou eternamente presente? De que modo Jesus faz Deus presente na vida de cada um de nós e na história como processo de espiritualização da espécie humana? O conhecimento que vem se acumulando, com contribuições das ciências humanas e sociais, tem nos proporcionado novos lampejos sobre este tema, medula espinhal do significado de nossa espécie.

As linhas mais importantes de toda Cristologia podem resumir-se assim: a) trata-se de um homem concreto; b) da história da esperança de toda a humanidade; c) da história de Deus com os homens e da história da salvação. (ZILLES, 1999), p. 36)

Pondera o filósofo e crítico literário Terry EAGLETON (\*1943):

*“Como reconhece Walter Benjamim, o reino de Deus se resume aquelas lutas dispersas, quase sempre malfadadas, em favor dos oprimidos, vistas, com efeito, sob o ponto de vista da eternidade, como reunidas em um nunc stans, ou ponto único, onde se juntam a fim de serem cumpridas e redimidas, como uma narrativa coerente... apenas uma humanidade redimida recebe na plenitude seu passado.”* (EAGLETON, 2011, p. 88)

Para o marxista Garaudy:

*“Cada um dos atos libertadores e criadores implica no postulado da ressurreição [...]. Como propor que outras existências se sacrifiquem para que nasça essa realidade nova, se não acreditasse que esta realidade nova contém todas as outras e as prolonga, ou seja, que elas vivem e ressuscitam nela [...]. Tudo acontece como se a ação (libertadora ou criadora) se fundamentasse sobre a fé na ressurreição dos mortos.”* (Ver GARAUDY em SEGUNDO, 1997)



*Pronunciou-se a sentença e ele foi levado. Crucificado, morto e enterrado, ele, entretanto se levantou no coração de seus discípulos, que o amavam e sentiam sua proximidade. Julgado pelo mundo, condenado pela autoridade, enterrado pelas igrejas que professam seu nome, ele se levanta novamente, hoje e sempre, nos corações dos homens que o amam e sentem sua proximidade.*  
(WINTER, 1998, Epílogo)

# PAGOLA: RESSUSCITADO POR DEUS<sup>187</sup>.

A prisão e a morte de Jesus, tão injusta e humilhante, deixa em seus amigos, discípulos, uma pergunta que põe em xeque o sentido da vida de cada um: Por que Deus abandonou Jesus, que só fez o bem e viveu para os outros, construindo o reino de Deus? Sem resposta, amedrontados e humilhados, eles voltam para sua terra, a Galileia. Cinco deles – Mateus, também chamado Levi de Alfeu e os irmãos Simão e André, Tiago e João – viajaram juntos, ou se encontraram em Cafarnaum. Algum tempo depois – não se sabe quando – eles voltam a se reunir em Jerusalém, em nome do mesmo Jesus, cuja prisão e morte ali os afugentara.

O que aconteceu que os fez reanimar, individual e coletivamente? Não há registro histórico do que aconteceu; há narrativas diversas, diferentes, descontínuas.

Há apenas uma convicção, uma certeza, que enche a todos de esperança e vontade de anunciar a novidade: “Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos” (At. 2, 24). A ideia de ressurreição a expressam com dois termos: “despertar” e “levantar”. Deus despertou Jesus, o crucificado, do sono da morte e o “levantou para a vida”.

A primeira menção escrita à ressurreição encontra-se na carta de Paulo à comunidade de Corinto, datada do ano 55/56. Nela, ele reforça a boa-nova que lhes havia levado em sua visita por volta do ano 50. Essa boa-nova – a ressurreição de Jesus no terceiro dia (leia-se “no dia certo, decisivo”) – não é uma novidade de Paulo, mas o testemunho do que ele

viu e ouviu nas comunidades de Jerusalém e Antioquia, provavelmente na década de 40. O anúncio da ressurreição de Jesus, nas palavras de Paulo, está associado à nossa ressurreição, “primícia” de uma ressurreição universal, inauguração dos últimos tempos.

Mas, em que consiste a ressurreição de Jesus?

Na convicção dos discípulos é algo real, que aconteceu a Jesus, pela ação de Deus. Não é reanimação de um cadáver.<sup>188</sup> É muito mais. Jesus não retorna a esta vida, mas entra, definitivamente, na Vida de Deus. Uma vida libertada do poder da morte. Como disse Paulo: “Sabemos que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, não volta a morrer e seu viver é um viver para Deus.” (Rm. 6, 9)

Jesus está vivo, é alguém real e concreto, com um “corpo glorioso”, que se revela, que se dá a conhecer, nem sempre de imediato.

Os primeiros relatos sobre o que se passou depois da morte de Jesus foram compostos entre os anos 70 e 90. Falam da intervenção misteriosa de Deus, dando vida a Jesus, como um fato real que aconteceu efetivamente. Não há, porém, qualquer relato da ressurreição em si. Não podemos dizer que foi um “fato histórico”, passível de ser descrito em suas características empíricas. Porém, para os discípulos de Jesus e todos os demais que passaram a acreditar no Cristo, “a ressurreição é o fato mais real, importante e decisivo, que ocorreu para a história humana, porque constitui seu fundamento e sua verdadeira esperança”. Para os primeiros cristãos, Jesus foi o primeiro a nascer para a vida definitiva de Deus. Ele se antecipou a desfrutar de uma plenitude que nos espera também a nós. Ele é a garantia da ressurreição da humanidade, ou seja, de que o ser humano está destinado a compartilhar da felicidade infinita de Deus.

Trata-se de uma experiência pessoal, forte, decisiva e pacificadora, vivenciada em comunidade: Jesus está vivo e está conosco!

Como entender, então, os eventos narrados nos Evangelhos, que têm toda aparência de fatos históricos: sepulcro vazio, aparições individuais e coletivas, ascensão aos céus?

Os Evangelhos não narram fatos históricos, no sentido atual do termo, nem se preocupam em compatibilizar narrativas diferentes e até contraditórias. Eles reproduzem narrativas presentes em várias comunidades cristãs, as quais vinham sendo transmitidas oralmente durante cerca de 35 a 40 anos, ou seja, da morte de Jesus (ano 30) à redação do primeiro dos Evangelhos, o de Marcos, por volta dos anos 65 a 70.<sup>189</sup>

Quando Paulo, na primeira carta aos Coríntios, fala sobre a ressurreição, ele diz que a maioria das pessoas para as quais Jesus se revelou ainda vivia. Quando os Evangelhos falam de Madalena, dos discípulos de Emaús e de outros, estes, provavelmente, já haviam morrido. Restavam nas comunidades cristãs histórias transmitidas oralmente na catequese e nas celebrações.

O que importa nas narrativas é o significado, o conteúdo, a certeza de que Jesus, já então o Cristo (o Messias, o Senhor),<sup>190</sup> está vivo, presente nas comunidades, na vida de cada novo cristão. O Messias, tão esperado por Israel, veio de forma inesperada. Jesus de Nazaré foi morto e Deus o reviveu, como vai reviver a cada um. “Entre os cristãos da segunda e terceira geração recordava-se que fora o encontro com Jesus vivo, depois de sua morte, que havia desencadeado o anúncio contagioso da Boa Notícia de Jesus”.

Duas narrativas dos Evangelhos são tomadas, equivocadamente, por muitos cristãos, como fatos históricos: a ascensão e o sepulcro vazio.

Sobre a ascensão, há total acordo entre os pesquisadores: trata-se de uma composição literária, imaginada por Lucas – o único evangelista a

narrá-la – com uma intenção teológica muito clara: ela é a culminância solene do tempo de Jesus. Ele vai para o mundo insondável de Deus, mas promete, como diz Mateus: “Eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo.” (Mt. 28, 20)

O túmulo vazio já suscitou muito debate entre os especialistas. Trata-se de um relato tardio, que não consta das primeiras confissões (leia-se proclamação da fé) e hinos litúrgicos que falam da ressurreição de Jesus, nem é mencionado por Paulo. Só se fala do sepulcro vazio a partir dos anos 70, ou seja, cerca de 40 anos depois da morte de Jesus, e o relato não parece escrito para apresentar o sepulcro vazio de Jesus como prova de sua ressurreição.

*“Não sabemos se Jesus terminou numa vala comum, como tantos crucificados, ou se José de Arimateia pôde fazer algo para enterrá-lo em algum sepulcro dos arredores. Todas as possibilidades encontram defensores entre os investigadores contemporâneos. Também não há consenso se mulheres encontraram vazio o sepulcro de Jesus. É difícil, portanto, chegar a uma conclusão histórica irrefutável.”*

Contudo, o sentido dos relatos é claro e sobre ele há consenso:

*“[...] é um erro procurar o crucificado num sepulcro vazio; ele não está aí; não pertence ao mundo dos mortos. Ele está vivo e continua animando e guiando seus seguidores. É preciso viver curando os que sofrem, acolhendo os excluídos, perdoando os pecadores, defendendo as mulheres e abençoando as crianças; é preciso fazer refeições abertas a todos e entrar nas casas anunciando a paz; é preciso contar parábolas sobre a bondade de Deus e denunciar toda religião que vá contra a felicidade das pessoas; é preciso continuar anunciando que o reino de Deus está próximo. Com Jesus é possível um mundo diferente, mais amável, mais digno e justo.”*

Por volta do ano 40 ou 42, enquanto os cristãos buscavam uma resposta ou uma explicação para a morte de Jesus, foi cunhada uma fórmula que vem gerando muito mal-entendido: “Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras”.<sup>191</sup> Mas, se Deus fosse alguém que exige previamente o sangue de um inocente para salvar a humanidade, a imagem que Jesus deu do Pai teria ficado totalmente desvirtuada. “O que dá valor redentor ao suplício da cruz é o amor e não o sofrimento. Por si mesmo o sofrimento é mau, não tem nenhuma força redentora”.

Jesus foi coerente, fiel ao reino de Deus, anunciado e vivenciado com os excluídos, pelos quais deu a vida. O sofrimento que lhe foi imposto foi um mal, não desejado por ele nem por Deus. Sua crucificação foi um crime, como tantos outros contra vítimas inocentes.

Os primeiros cristãos confessavam admirados: “Deus amou tanto o mundo que entregou seu Filho”.

Como historiador, Pagola conclui:

*“É possível verificar historicamente que, entre os anos 35 e 40, os cristãos da primeira geração confessavam com diversas fórmulas uma convicção compartilhada por todos e que rapidamente foram propagando por todo o império: “Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos”.*

Como educador popular, Carlos Mesters, biblista, doutor em exegese, escreve, para o povo humilde, sofrido e anônimo, que lhe pergunta sobre o sentido da vida:

*“A ressurreição de Jesus é a confirmação de que, para Deus, a última palavra não é a morte. Jesus, que sempre defendeu a vida (At. 3, 15), foi morto pelos poderes deste mundo, mas Deus o ressuscitou! Fé é crer que Deus é capaz de tirar vida da própria morte (Hb. 11, 19). É crer que o mesmo poder, usado por Deus para tirar Jesus da morte, opera também em nós e nas nossas comunidades*

*através da fé. Essa é a mensagem central do Evangelho em torno da qual surgiram as comunidades” (MESTERS, 1995, p. 126)*

# QUEIRUGA: RESSUSCITADO PARA A NOSSA SALVAÇÃO<sup>192</sup>

Os Evangelhos de Mateus e Lucas começam pela infância de Jesus. Os Evangelhos de Marcos (o primeiro) e o de João (o último), pelo início de sua pregação. Na realidade, os quatro são escritos do final, a partir da ressurreição; são a vida do ressuscitado. A ressurreição iluminou e deu novo sentido à vida, aos gestos e às palavras de Jesus de Nazaré.

Se Jesus de Nazaré não tivesse ressuscitado teria sido reduzido a mais uma das tantas personagens – trágicas ou sublimes, grandes ou miseráveis – que se estilhaçam, com toda boa vontade, contra o muro frio da história. Porém, não: Jesus ressuscitou, e tudo se fez único e diferente nele.

As narrativas evangélicas não se interessam pela ressurreição como se fosse um fenômeno “objetivo”, interessante pelo que tem de insólito e extraordinário. A ressurreição interessa porque é para nós, como disse Paulo: “ressuscitado para a nossa salvação” (Rm. 4, 25). Entenda-se salvação como realização plena do ser humano. A salvação é total e o horizonte do ser humano aparece libertado de todos os limites e tropeços, pois até mesmo o insuperável “último inimigo, a morte” foi vencido para sempre. (1 Cor. 15, 26)

## **Como podemos conceber o Ressuscitado em relação ao próprio Cristo?**

Por estar além da nossa capacidade de compreensão – fora de nosso marco espaço temporal de referência – chamamos a ressurreição de



mistério. O que não nos dispensa de tentar entendê-la.

Nada mais equivocado – embora frequente – do que conceber a ressurreição como “reanimação de um cadáver”: um morto que retorna à vida. Paulo recorre a uma denominação paradoxal: Cristo ressuscitado é um “corpo espiritual” (1 Cor. 15, 44). Corpo, para indicar que continua o de sempre, um de nós, Jesus de Nazaré: na antropologia bíblica, ou seja, no entendimento de Paulo, corpo não é oposto de alma, mas a totalidade do ser humano. Espiritual, porque o corpo de Jesus está totalmente transpassado pela divindade, é pura transparência espiritual, liberdade absoluta, presença ilimitada.

Paulo, em suas cartas, insiste em nos fazer sentir que Cristo não é mais algo à nossa frente, fora de nós mesmos, mas sim alguém que penetra em cada um de nós, fundindo a todos nós em comunidade: somos “em Cristo”, segundo a fórmula constantemente repetida.

Cristo ressuscitado é individualidade viva, original, libertada de todo limite, que tudo penetra e com tudo pode identificar-se. É um tu irrepetível, a quem se pode falar e amar; mas é também um tu que vem ao nosso encontro em qualquer outro tu, em qualquer outra realidade. É presença plena, intimidade que integra, multiplica e potencializa quando se dá a alguém, cria abertura e comunhão com os outros, com todos.

As narrativas evangélicas, com seu jeito mais simbólico e imaginativo, já haviam dito a mesma coisa: o Ressuscitado “aparece”, “deixa-se ver”, “deixa-se tocar”, “causa estranheza”, não está sujeito a tempo e espaço.

### **Como podemos conceber o Ressuscitado com relação a seu significado para nós?**

Na ressurreição realizam-se, afinal, as mais concretas e ambiciosas aspirações do ser humano, desde a sonhada perfeição dos mitos

primogênitos, até os mais elaborados projetos da filosofia social.

Cristo como “utopia realizada” é síntese e recapitulação de tudo, a comunhão sem entraves nem fronteiras, o amor universalmente realizável, a vida que, uma vez por todas, vence a morte [...]. Por isso é utopia: de um lado concretização da mais alta perfeição pressentida; do outro, não se situa em nenhum lugar, nem no tempo.

Ele é o “Espírito vivificante” (1 Cor. 15, 45), isto é, comunhão plena, “carne esquecida de si mesma”, segundo a magnífica expressão de Santo Irineu (130-202 d.C.); generosidade total, fonte de vida e de graça, entrega transbordante. (Rm. 5, 9, 10, 15, 17)

Ele é o homem novo, ou “homem genérico” – de que fala J. I. González Faus – em que a realização própria deixa de ser privada, possessiva, individualista, para se fazer social, partilhada, universal. Ele é o “homem essencial” não corrompido por nenhuma das tremendas alienações da existência, mas plenamente reconciliado consigo mesmo, com os seres humanos, com o mundo e com Deus. Ele é, na expressão de Paulo, o “segundo Adão”, o primeiro novo homem, plenamente identificado com Deus.

O que Deus quer de verdade para o ser humano: sua salvação, sua realização plena, sua felicidade total.

Como disse Karl Barth “Cristo ressuscitado é futuro para si mesmo”. Isto significa que, em sua realidade mais plena, Cristo é, contudo, espera constitutiva e essencial: espera de que em todos nós se realize o que nele teve lugar.

A salvação é – afinal – a ruptura do limite, a “infinetização” da criatura, o fim da tristeza mais frontal e terrível: aquela da finitude.

De forma concisa, Paulo expressa a “divinização” do ser humano: “Deus tudo em todos” (1 Cor. 15, 28). Então não oferecerá mais dúvida o que hoje

constitui nosso véu e nosso tormento: se Deus criou o ser humano, foi única e exclusivamente para isto: para transformá-lo com sua glória, para cumulá-lo com sua felicidade, para submergi-lo no mar sem fundo de seu gozo e de seu amor.

# **LENAERS: CRER QUE JESUS RESSUSCITOU? OU CRER NAQUELE QUE VIVE?<sup>193</sup>**

**C**rer é um processo racional sem profundidade existencial. Crer em alguém é um processo dinâmico que emerge de nossas profundezas, supõe envolvimento e inclui compromisso, entrega e adesão. Quando, a seguir, falarmos da fé em Deus, ou em Jesus Cristo, o vivente, sempre teremos em mente essa atitude.

A fé que salva e liberta é apenas aquela fé dinâmica que irradia e muda a vida.

A ressurreição não é uma linguagem descritiva, mas tão somente figurativa. É um erro fazer da ressurreição corporal biológica de Jesus, saindo do sepulcro no domingo de manhã, a senha da ortodoxia. Rejeitar a fórmula ressurreição não significa de modo algum negar a boa-nova nela embutida.

Para expressar no século XXI com um olhar de fé e, portanto, com sentido, o fato ocorrido a Jesus de Nazaré em sua morte, o crente da modernidade precisa de uma linguagem nova, pois a do passado, incluindo a expressão ressurreição, é o resumo de uma visão do homem e do mundo distinta da nossa.

Israel não conhecia a cremação; o costume era o de enterrar os mortos. A certeza de que o homem bom ali enterrado viveria novamente suscitou a imagem de que ele estaria dormindo. Daí a palavra cemitério, que significa

dormitório. O termo ressurreição também tem sua origem no campo semântico do dormir e despertar, deitar-se e levantar-se.

A palavra ressurreição é um conceito culturalmente condicionado, que dependia da forma historicamente casual como os judeus cuidavam de seus mortos. Isso quer dizer que o conceito não tem um conteúdo absoluto com relação ao que realmente aconteceu com Jesus. Numa cultura de incineração, esse processo teria recebido um nome completamente diferente.

A boa-nova de Jesus não pode consistir em que ele tenha morrido (ou dormido) numa sexta-feira à tarde e despertado antes do nascer do sol do domingo para despedir-se do sepulcro.

Os relatos sobre as aparições de Jesus não são relatórios e, sim interpretações, como Paulo é o primeiro a indicar. A alusão mais antiga à ressurreição, em 1 Cor. 15, emprega como confissão de fé a fórmula: “ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras”. Com esta fórmula, Paulo certamente se refere ao Antigo (ou Primeiro) Testamento, pois o Novo não existia sequer em projeto. Esse “terceiro dia” não é um dia do calendário, e sim um símbolo de que Deus agiu de maneira decisiva e salvadora na morte sem perspectiva de Jesus.

A representação da ressurreição corporal de Jesus depois de permanecer por volta de 36 horas no sepulcro, para quem vive na modernidade, é uma narrativa que pertence ao domínio da fábula. O mesmo acontece ao crente moderno, para quem é difícil imaginar semelhante ocorrência. Felizmente, sua resistência é respaldada pelo caráter não histórico dos relatos das aparições, precisamente os relatos aos quais se costuma recorrer para afirmar a corporalidade da ressurreição de Jesus. Isso é importante, pois, se estes relatos narrassem fatos históricos, não teríamos outra opção a não ser acatá-los.

É fácil ver que “os relatos não são precisamente atas de acontecimentos históricos”. O Evangelho de Marcos, o mais antigo dos quatro, não menciona nenhuma aparição; fala apenas do sepulcro vazio. Uns dez anos depois, Mateus menciona duas aparições, uma no sepulcro, outra na Galileia. Lucas narra três aparições, todas em Jerusalém. Nos Atos dos Apóstolos, escrito vários anos depois, as aparições duram quarenta dias. O Evangelho de João, escrito no final do século I, fala de quatro aparições. Não é de se estranhar que a crítica histórica conceda pouco valor a esses relatos.

Os relatos parecem ser um conjunto de tradições orais, narrativas, não verificadas pelos evangelistas. Mesmo entrando em muitas contradições, os Evangelistas concordam no que é verdadeiramente importante: ele foi “visto”.

Qual terá sido a experiência existencial dos seguidores de Jesus após sua morte? Temos de buscar a realidade escondida por trás das palavras – da cultura judaica e helenista do século I – para traduzi-la para a linguagem da modernidade.

A imagem de “subir aos céus” é apenas uma expressão simbólica do que ocorreu a Jesus em sua morte: ele “foi para o Pai”. “Subir aos céus”, ou “sentar-se à direita de Deus” equivalem a “ressuscitar do sepulcro”; não são indicações de acontecimentos sucessivos. Se ascensão já não é entendida literalmente, tampouco é necessário continuar entendendo a ressurreição ao pé da letra. Podemos entendê-la, hoje, tranquilamente, como um simbolismo. Aos olhos da ortodoxia isso pode parecer, talvez, uma abominação.

Como, então, explicar as aparições?

Os discípulos de Jesus passaram primeiro por uma terrível noite de decepção, desatino e medo, logo após a prisão e execução de seu mestre.

Depois de um tempo, contudo – talvez não exatamente “ao terceiro dia” do calendário –, tiveram uma experiência muito especial. A certeza inexplicável de que Jesus, por eles venerado, apesar de seu fim lamentável, não era, todavia, um perdedor, mas sim vivia e com ainda mais intensidade e plenitude do que nunca.

Trata-se de uma experiência interior tão intensa da plenitude de vida de Jesus, que chegava a se projetar exteriormente. A figura daquele Jesus, que tudo significava para eles, tomava forma visível e audível. A experiência de um deles aplainou psicologicamente o caminho para que semelhante experiência fosse compartilhada por outros. Não somos espíritos isolados, e sim vasos comunicantes, mas a dotação psíquica não é a mesma em todos; neste caso, a figura que determinava sua experiência comum também era diferente. Eis uma explicação possível para algumas das contradições apontadas.

A seguir, os discípulos quiseram compartilhar com outros a sua alegre experiência. Se Jesus, o justificado, “vivia” – e eles mesmos eram testemunhas de que vivia, pois o haviam “visto” –, isso significava, na perspectiva da antropologia judaica, que fora despertado do sono da morte e se levantado, ou seja, que ressuscitara corporalmente. A partir daí começou a crescer, progressivamente, a mensagem de sua ressurreição na tradição oral.

Para o crente moderno a verdadeira boa-nova de Jesus de Nazaré é que dele, mesmo após sua morte, brota uma força vital que supera os limites do tempo e do espaço, tal como antes da morte. Essa força produz um melhoramento na qualidade de vida de todos aqueles que se voltam para ele e o seguem e, por isso, é fonte de salvação para eles.

A Bíblia trata Jesus como um todo. Ele é aquele que morre, mas que seus seguidores continuam experimentando como aquele que vive. Isto é

tudo. Por isso, a experiência de Jesus vivente deve ser o ponto de partida de um ensaio que expresse numa linguagem autônoma (da cultura moderna) o mesmo conteúdo chamado pela linguagem do mito de ressurreição.

Falamos com a Sagrada Escritura do “Deus vivente”. Neste caso, vivente significa uma realidade que supera qualquer bioquímica.<sup>194</sup> Se esse mistério é amor, como confessa o crente, o ser humano que ama se torna um só ser com ele, na medida de seu amor, e participa na mesma realidade em sua riqueza de vida criadora. Este é o fundamento do conceito moderno de ressurreição. Em sua morte, Jesus tornou-se o ser humano amante, sem mais. Nela, levou até o fim a entrega de si mesmo. A essência do amor consiste precisamente na saída de si mesmo. Com isso, tentamos alcançar o limite do que as palavras podem expressar sobre o “ressuscitado”. Aí acaba toda representação, como sempre acontece quando se fala de Deus.

*Somos uma faísca da forma como Deus se expressa a si mesmo, ou seja, Deus pertence à definição de nosso ser e que devemos olhar-nos mutuamente a partir de Deus. Só existimos segundo a medida de sua presença em nossa profundidade; portanto, segundo a medida de nosso amor.*



# **LIBÂNIO: QUADROS FILOSÓFICOS COMPATÍVEIS E INCOMPATÍVEIS COM A RESSURREIÇÃO<sup>195</sup>**

Qual é o núcleo da fé na ressurreição? Foi a pergunta que São Paulo respondeu em 1 Cor. 15. “Jesus foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas e depois aos Doze”. E continua falando das aparições. Ou, se quisermos, São Pedro, no sermão dos Atos, expõe: “Jesus, o nazareno, [...] vós o entregastes e suprimistes, fazendo-o crucificar pelas mãos dos ímpios, mas Deus o ressuscitou”. (At. 2, 22-24)

Esse dado bíblico nuclear, que se consubstanciou nos credos rezados nas celebrações dominicais e festivas, desafiou a teologia enquanto fé que busca a inteligência. No fundo, a inteligência significa aqui filosofia. As filosofias situam-se diante da fé na ressurreição sob duas formas. Algumas impedem e conduzem à negação da ressurreição. A concepção que têm de ser, da transcendência, do ser humano, do mundo, se consubstancia de tal forma que o mistério da ressurreição não encontra nelas lugar. Oferecem marcos filosóficos inaceitáveis para um cristão que crê na ressurreição. Outras propõem elementos que permitem entender essa realidade teologal.

## **Quadro filosófico incompatível com a ressurreição**

Toda filosofia materialista veda a intelecção do mistério da ressurreição. No princípio existe a matéria e tudo volta à matéria. O

espírito não passa de mero e provisório acontecer da matéria pela força de um processo evolutivo regido pelas leis internas da própria matéria. Como pensar aí que Jesus Cristo na totalidade de seu ser superou as condições limitantes, temporárias da matéria para uma vida além da morte? Evidentemente todo materialista rejeita qualquer menção à ressurreição como mera fantasia, como puros desejos do ser humano que não suporta o próprio destino de perder-se no cosmos material sem nenhuma existência pessoal. Após a morte, o nada pessoal, o nada existencial, o nada de tudo o que fomos como história livre e consciente.

Nem salva o materialismo admitir que continuamos a existir na história por aqueles e aquilo que marcamos durante a existência com as relações que cultivamos. Seremos nos outros, nas coisas tocadas por nós. Os poetas na poesia, os pintores nas pinturas, os escritores nos escritos, todos nos amores que viveram. Mas o *eu* desaparece definitivamente. Como entender a ressurreição de Jesus nesse quadro? Impossível. Jesus teria deixado sua mensagem e continuaria para sempre um mestre a atuar unicamente pela força interna dos ensinamentos. Tal quadro filosófico não capta o mínimo do mistério da ressurreição.

A filosofia oposta, espiritualista, rejeita a definitividade da carne humana. Esta veste o espírito para o tempo em que ele viver aqui na história. Com a morte, a alma se livra totalmente de qualquer vínculo com a carne, enquanto expressão da visibilidade corpórea do ser humano. Esse espiritualismo circulou na filosofia desde o platonismo mais puro em que o ser humano é pura alma, espiritual, imortal e divina até formas populares de desprezo do corpo. O modelo de morte é Sócrates, como nos descreve Platão no diálogo *Fédon*. A morte de Jesus na cruz, entregando-se ao Pai, e sendo ressuscitado por ele, não cabe, de modo nenhum, nessa filosofia. Por isso, quando Paulo falou da ressurreição no areópago de Atenas, os

ouvintes ironicamente comentaram: “Nós te ouviremos sobre isso noutra ocasião”. (At. 17, 32)

Mais espalhada entre nós é a filosofia da reencarnação. No fundo, participa de certo espiritualismo, embora fale claramente de reencarnação. Reencarnar-se significa que o espírito se livra de um corpo e pode voltar a outro. A última consistência da pessoa é o espírito. Ele carrega, por assim dizer, o núcleo pessoal onde ele for, sem nenhuma vinculação definitiva com o primeiro corpo. Pelo contrário, sucessivamente se liberta dos corpos para ir purificando-se. Reduz, no fundo, o ser humano a uma entidade espiritual que perambula por diversos corpos. A reencarnação contrapõe-se frontalmente ao mistério da ressurreição, ao menos entendida nessa maneira grosseira.

Com a Nova Era, tal doutrina tem vindo fortemente à baila. O povo brasileiro carrega profunda e longa tradição reencarnacionista. Penetrou-lhe a mentalidade e emerge, aqui e ali, sob diversas formas. O ponto crucial incompatível com a ressurreição de Jesus consiste em negar a unidade pessoal entre corpo e alma e a indestrutibilidade do indivíduo humano. A morte não pode ser pensada nem como perda na história (marxismo), nem no cosmos (materialismo), nem num ser vago anônimo, nirvana (hinduísmo), nem também como possíveis voltas do indivíduo à história sob outras formas.

Qualquer quadro maniqueísta, que despreza a matéria, que vê o corpo como degradação, não permite entender um corpo glorioso. Isso implica admitir que a matéria tem possibilidade de ser santificada e glorificada por Deus, o que o maniqueísta não suporta.

### **Quadro filosófico compatível com a fé na ressurreição**

Toda explicação teológica da ressurreição precisa dar conta de um núcleo dogmático imprescindível:

- a. Jesus Cristo, na corporalidade e na espiritualidade, chegou à plenitude na ressurreição, sem rejeitar nenhuma dessas duas dimensões. Continua a existir na unidade de sua pessoa – corpo e alma, espírito e matéria. A totalidade da pessoa de Jesus ressuscitou;
- b. Entre o Jesus palestino e o Cristo glorioso permanece a identidade de pessoa. O mesmo Jesus, que se encarnou, nasceu da Virgem Maria, foi crucificado, morto e sepultado, é o mesmo ressuscitado. Não há ruptura da identidade pessoal, mas unicamente na maneira de viver;
- c. A ressurreição de Cristo, apesar de significar a plenitude absoluta da realização de uma existência humana pessoal, ainda está incompleta no corpo eclesial, como São Paulo claramente ensina. Se falta algo a completar na paixão de Cristo, falta também na ressurreição (Cl. 1, 24). É o aspecto social da ressurreição. Não é um ato isolado de Cristo. Implica a ressurreição de todos os mortos. São Paulo, noutra lugar, explicita esse ponto: “Se não existe ressurreição dos mortos, Cristo também não ressuscitou” (1 Cor. 15, 13). Não podia ser mais claro. A ressurreição de Cristo está intimamente relacionada com a ressurreição dos mortos e vice-versa. Em outras palavras, a ressurreição de Cristo e de cada um de nós só atingirá sua plenitude no final dos tempos, como encontramos no símbolo da fé: “creio na ressurreição dos mortos no último

dia”. A ressurreição de Jesus é, portanto, primícia de nossa ressurreição e da glorificação do cosmos. Toda a criação participa dela já agora, tem em si germe de eternidade, e se manifestará plenamente no final dos tempos. A ressurreição não pertence a nenhuma força imanente do ser humano, de maneira que ele continuaria a existir além da morte pela sua própria natureza. Ela é um dom de Deus Pai. O verbo ressuscitar é transitivo direto e o sujeito só pode ser Deus. Deus ressuscitou a Jesus Cristo, como Pedro (At. 2, 24; 32) e como o uso do verbo ressuscitar na voz passiva, cujo sujeito de causa eficiente é Deus, (Mc. 16, 6) o mostram.

d. A ressurreição de Jesus já aconteceu logo depois da morte. A Escritura usa a expressão simbólica “no terceiro dia” para dizer que ele não permaneceu no mundo dos mortos. A teologia cristã tem de levar todos esses pontos em consideração para ser plausível.

Atualmente dois quadros teológicos pretendem dar conta dessa tarefa:

### **Quadro tradicional**

A partir de uma leitura quase literal da Escritura e num horizonte filosófico pré-moderno, elaborou-se uma explicação ainda hoje mais comum e de mais fácil intelecção. Por ser muito conhecida, menciono-a resumidamente. Com a morte, a alma de Jesus se separou de seu corpo. E este ficou três dias no sepulcro à espera de reunir-se à alma. Então se deu a ressurreição pela ação de Deus que transformou o corpo morto de Jesus em corpo glorioso. Nesses três dias, ele teria descido à mansão dos mortos, como rezamos no Credo.

## **Quadro da unidade radical indissociável entre corpo e alma**

A mudança veio por influência das ciências naturais e da filosofia moderna. A concepção evolucionista e o avanço da microbiologia diminuíram o limiar entre matéria e espírito, entre corpo e alma, tanto no processo evolutivo quanto na realidade de cada ser. A unidade é de tal modo pensada, que não se entende como pode separar-se alma e corpo na morte, já que a alma é a matéria que tomou consciência de si, e a matéria é a alma “congelada”. Morre-se todo. Ou se volta ao nada, ou Deus ressuscita imediatamente o todo.

Na posição tradicional, a ressurreição era entendida como a união da alma ao corpo, dando-lhe nova forma gloriosa no momento em que se une a ele. No caso de Jesus, isso aconteceu no terceiro dia. Maria, por sua vez, na hora mesma da morte, foi assunta aos céus. E nós, porém, ressuscitaremos no final dos tempos.

Nessa nova leitura antropológica, a ressurreição acontece para todos – Cristo, Maria e nós – da mesma maneira quanto ao instante e não da mesma maneira no sentido histórico-salvífico. A diferença não está na prioridade temporal de Cristo e de Maria, mas na prioridade de ambos no projeto salvífico de Deus. Em Cristo, Maria foi ressuscitada. Em Cristo e em íntima comunhão com Maria, fiel seguidora de Cristo, nós todos ressuscitamos no momento da morte, como seguidores de Cristo e tendo Maria como modelo de tal seguimento.

A grande virada se dá na superação do esquema temporal e espacial, para entender a ressurreição de Cristo, a assunção de Maria e a nossa ressurreição em termos de relação. Pela ressurreição estabelece-se uma relação que supera todo tempo e espaço. É outro modo de existir do mesmo eu, na sua totalidade. Corpo e alma ressuscitados adquirem outro significado. Não são partes substanciais constitutivas do ser humano que

se unem (concepção) e se separam (morte) respectivamente. São expressão da unidade histórica e espírito corporal da pessoa humana e, portanto, permanecem além da morte noutra maneira de existência, de relacionamento.

# BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Juan José Hernandez. **Jesus de Nazaré, suas palavras e as nossas:** o que se pode afirmar sobre sua vida e mensagem. Petrópolis: RJ: Vozes, 2022;

ALVAREZ, Rodrigo. **Jesus:** o homem mais amado da história. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

ARIAS, Juan. **O grande segredo de Jesus:** uma leitura revolucionária dos Evangelhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ARRUDA, Lúcia F. **Tempestades e Calmarias:** a história de Tiago e João. São Paulo: Paulus, 2014.

ASLAN, Reza. **Zelota:** A vida e época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

AUGIAS, Corrado; PESCE, Mauro. **Diálogo sobre Jesus:** quem foi o homem que mudou o mundo? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BADIOU, Alain. **A fundação do universalismo.** São Paulo: Boitempo, 2009;

BAILEY, Kenneth E. **Jesus pela ótica do Oriente Médio:** estudos sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus hebreu na Galileia:** pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, Marcelo. **Evangelho e Instituição.** São Paulo: Paulus, 2014.



BERNHEIM, Pierre-Antoine. **Tiago:** irmão de Jesus. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BETTO, Frei. **Um Deus muito humano:** um novo olhar sobre Jesus. São Paulo: Fontanar, 2015.

BEUTLER, Johannes. **O Evangelho segundo João.** Tradução de Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BIANCHI, Enzo. **Jesus de Nazaré:** paixão, morte e ressurreição. Prior Velho: Paulinas, 2011.

BOFF, Clodovis. **O cotidiano de Maria de Nazaré.** São Paulo: Editora Salesiana, 2009.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1972;

BRUCKBERGER, R. L. **A história de Jesus Cristo.** São Paulo: Herder, 1969.

CARREZ, M. et al. **As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas.** São Paulo: Paulus, 1987.

CARVALHO, Heloísa Silva; NAKANOSE, Shigeyuki. **Alegrai-vos sempre no Senhor!** Entendendo a carta aos Filipenses. São Paulo: Paulus, 2009.

CASTILLO, José M. **Jesus:** a humanização de Deus: ensaio de cristologia. Petrópolis: Vozes, 2015.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele (Org.). **A descoberta do Jesus histórico.** São Paulo: Paulinas, 2009.

COHN, Haim Hermann. **O julgamento de Jesus, o Nazareno.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

COMBLIN, José. **Jesus de Nazaré.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1971.

CONNOLLY, Peter. **A vida no tempo de Jesus de Nazaré**. Lisboa/São Paulo: Editora Verbo, 1988.

CRB. **Viver e anunciar a Palavra**: as primeiras comunidades. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do Cristianismo**: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

CURY, Augusto. **O homem mais inteligente da história**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

D'ANCONA, Mattheus; THIEDE, Carsten Peter. **Testemunha ocular de Jesus**: novas provas em manuscrito sobre a origem dos Evangelhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DAVIES, J. G. **As Origens do Cristianismo**. Lisboa: Editora Arcádia, 1967.

DUNN, James D. G. **Unidade e diversidade no Novo Testamento**: um estudo das características dos primórdios do cristianismo. Santo André: Editora Academia Cristã, 2009.

DUQUESNE, Jacques. **Jesus**. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

EAGLETON, Terry. **O debate sobre Deus: razão, fé e revolução**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011)

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ESTRADA, Juan Antonio. **Da salvação a um projeto de sentido:** como entender a vida de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2016.

FIORINZA, Elisabeth Schüssler. **Jesus e a política de interpretação.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FLUSSER, David. **Jesus.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

FREYNE, Sean. **A Galileia, Jesus e os Evangelhos:** enfoques literários e investigações históricas. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GIBSON, David; MCKINLEY, Michel. **Em busca de Jesus:** seis relíquias que contam a notável história dos evangelhos. São Paulo: Fontanar, 2015.

GNILKA, Joachim. **Jesus de Nazaré.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.

HADDAD, Rabino Philippe. **Jesus fala com Israel:** uma leitura judaica de parábolas de Jesus, São Paulo: Loyola, 2016.

HAIGHT, Roger. **Jesus, símbolo de Deus.** São Paulo: Paulinas, 2003.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** uma breve história da humanidade. Porto Alegre: J&PM, 2015.

HOORNAERT, Eduardo. **Em busca de Jesus de Nazaré.** São Paulo: Paulus, 2016.

HOORNAERT, Eduardo. **Origens do Cristianismo.** São Paulo: Paulus, 2016.

HORSLEY, Richard A. **Arqueologia, História e Sociedade na Galileia:** o contexto social de Jesus e dos Rabis. São Paulo: Paulus, 2000.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o império:** o reino de Deus e a nova desordem mundial. São Paulo: Paulus, 2004.

HUMPHREYS, Colin J. **O mistério da Última Ceia**: uma viagem histórica aos últimos dias de Jesus. Alfragide: Oficina do livro, 2012.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. 11<sup>a</sup> reimp. São Paulo: Paulus, 2016.

JOHNSON, Paul. **Jesus**: uma biografia de Jesus Cristo para o século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2012.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KIPPENBERG, Hans G. **Religião e formação de classes na antiga Judeia**. São Paulo: Paulus, 1998.

LENAERS, Roger. **Outro cristianismo é possível**: a fé em linguagem moderna. São Paulo: Paulus, 2010.

LIBÂNIO, João Batista. **Linguagens sobre Jesus**: linguagens narrativas e exegética moderna. São Paulo: Paulus, 2012.

LIBÂNIO, João Batista. **Linguagens sobre Jesus (3)**: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico. São Paulo: Paulus, 2013.

LIBÂNIO, João Batista. **“Deus o constituiu Senhor e Cristo”; “Ressurreição de Jesus”; “A ‘questão’ de Jesus e outros artigos científicos”**. Disponível em: <[www.jbllibanio.com.br](http://www.jbllibanio.com.br)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré**: O que Ele queria? Quem Ele era? Petrópolis: Vozes, 2015.

LUCIANI, Rafael. **Retornar a Jesus de Nazaré:** conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2017) ;

MAGGI, Alberto. **A loucura de Deus:** o Cristo de João. São Paulo: Paulus, 2013.

MAGGI, Alberto. **Nossa Senhora dos Heréticos.** São Paulo: Paulinas, 1999.

MALINA, Bruce J. **O Evangelho social de Jesus:** o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. São Paulo: Paulus, 2004.

MARGUERAT, Daniel. **O ponto de vista:** olhar e perspectiva nos relatos dos evangelhos. São Paulo: edições Loyola, 2018.

MARTIN, James. **Jesus:** um encontro passo a passo. Prior Velho: Paulinas, 2014.

MENDONÇA, José Tolentino. **A construção de Jesus.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. (Livro publicado no Brasil em 2015).

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita:** a Bíblia e sua interpretação, São Paulo: Paulinas, 2021.

MESTERS, Frei Carlos. **Com Jesus na contramão.** São Paulo: Paulinas, 1995.

MIEN, Aleksandr. **Jesus, mestre de Nazaré:** a história que desafiou 2.000 anos. Vargem Grande Paulista: Editora Cidade Nova, 1998.

MORIN, Émile. **Jesus e as estruturas de seu tempo.** São Paulo: Paulus, 1988.

MOXNES, Halvor. **A economia do reino:** conflito social e relações econômicas no Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulus, 1995.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo:** vidas paralelas. São Paulo: Paulinas, 2008.

NUNES, José Afonso e outros. **O melhor de nós**, Belo Horizonte: Asa de Papel, 2015;

NUNES, Jose Afonso et al. **O melhor de nós:** por uma cristologia contemporânea. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

O'REILLY, Bill; DUGARD, Martin. **Os últimos passos de Jesus**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

OVERMANN, J. Andrew. **O Evangelho de Mateus e o Judaísmo formativo:** o mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

PAGÁN. Samuel. **Jesus de Nazaré:** vida, ensinamentos e significado. São Paulo: Hagnos, 2016;

PAGOLA, Jose Antonio. **Jesus:** aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAGOLA, Jose Antonio. **O caminho aberto por Jesus:** Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAGOLA, Jose Antonio. **É bom crer em Jesus**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016;

PALMA, Rodrigo Freitas. **O julgamento de Jesus Cristo:** aspectos históricos- jurídicos. Curitiba/PR: Juruá, 2011;

PETITFILS, Jean Christian. **Jesus:** a biografia. São Paulo: Benvirá, 2015.

QUEIRUGA, Andrés T. **Recuperar a salvação:** por uma interpretação libertadora da experiência cristã. São Paulo: Paulus, 1999.

RANCÉ, Christine. **Jesus**: biografia. Porto Alegre: L&PM, 2012.

RATZINGER, Joseph. Bento XVI. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a ressurreição, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

RAUSCH, Thomas P. **Quem é Jesus?** Uma introdução à cristologia. São Paulo: Santuário, 2006.

REIMER, Ivoni Richter. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres**: textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Tessalonicenses**: fé, esperança, amor e resistência. São Paulo: Paulinas, 2017.

SAULNIER, Christiane. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1983.

SCARDELAI, Donizete. **Jesus o messias dos pobres**: por uma teologia do messianismo libertador e integral, São Paulo: Paulus, 2021;

SCHAMA, Simon. **A história dos judeus**: à procura das palavras: 1.000 a.C. – 1492 d.C. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHILLEBEECKX, **Jesus**: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2017.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Jesus era judeu**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

SEGALLA, Giuseppe. **A pesquisa do Jesus histórico**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SEGUNDO, Juan Luís. **A História perdida e recuperada de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulus, 1997.

SHANKS, Hershel. **Para compreender os manuscritos do Mar Morto**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SHANKS, Hershel; WITHERINGTON, Ben III. **O irmão de Jesus: o desenrolar da história e o sentido da descoberta mais importante de todos os tempos sobre Jesus**. São Paulo: Hagnos, 2008.

SCHUBERT, Kurt. **Os partidos religiosos da época neotestamentária**, São Paulo: Paulinas, 1979, p.252)

SILVA, Rodrigo P. **Escavando a verdade: a arqueologia e as incríveis histórias da Bíblia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

SLOYAN, Gerard. **Por que Jesus morreu?** São Paulo: Paulinas, 2006.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 1996.

STEIN, Frederico. **O Sangue do Cordeiro** – Jesus precisava morrer na cruz? Brasília: Ser, 2002.

TAYLOR, Justin. **As Origens do Cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2010.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.

TERRA, João E. Martins, S.J. **Jesus de Nazaré nos Evangelhos Sinóticos**. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

THEISSEN, Gerd. **A Sombra do Galileu**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

THEISSEN, Gerd. **O movimento de Jesus: história social de uma revolução de valores**, São Paulo: Edições Loyola, 2008.

THEISSEN, Gert; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.



THOMAS, Gordon. **O julgamento de Jesus**: um relato jornalístico sobre a vida e a inevitável crucificação de Jesus Cristo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

VERHOEVEN, Paul. **Jesus de Nazaré**. Lisboa: Guerra e Paz; Editores S.A., 2011.

VERMES, Geza. **A Paixão**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

VERMES, Geza. **Natividade**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, Geza. **O autêntico Evangelho de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VERMES, Geza. **Quem é quem na época de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VERMES, Geza. **Ressurreição**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

VOIGT, Emílio. **Jesus de Nazaré**. São Leopoldo: Editora Simodal, 2008.

WILSON, A. N. **Jesus, o maior homem do mundo**. São Paulo: Prestígio, 2006.

WINTER, Paul. **Sobre o processo de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

WITHERINGTON, Ben III. **Por trás da Palavra**: o caráter sociorretórico do Novo Testamento em nova Perspectiva. Aparecida: Editora Santuário, 2015.

WRIGHT, N.T. **Simplemente Jesus**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020;

ZILLES, Urbano. **Jesus Cristo:** quem é este? Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ZUURMOND, Rochus. **Procurais Jesus de Nazaré?** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

## **EDITORA RAMALHETE**

Rua Domingos Vieira, 319/1008 – Santa Efigênia

Belo Horizonte – MG – 30150-240

(31) 2535-1901

[www.editoraramalhete.com.br](http://www.editoraramalhete.com.br)

[www.lojaeditoraramalhete.com.br](http://www.lojaeditoraramalhete.com.br)

Ver capítulo XIX.

“Não é sem motivo que não existam nas universidades públicas brasileiras cátedras e centros de pesquisa sobre o Cristianismo primitivo ou Jesus de Nazaré.” Doutor Paulo Augusto Nogueira, em CHEVITARESE; CORNELLI, 2009), p. 70.

“Lucas está errado ao associar o Censo de Quirino, em 6 d.C. com o nascimento de Jesus, que a maioria dos estudiosos coloca próximo de 4 a.C., ano mencionado no Evangelho de Mateus” (ASLAN (2013, p. 55). “Não se sabe qual o interesse que levou Lucas a associar o nascimento de Jesus ao Censo, exceto por óbvias razões teológicas, isto é, fazer de Belém a terra natal do messias e legitimá-lo como descendente real dravídico”. (SCARDELAI, 2021, p. 271)

“A data do nascimento de Jesus continua desconhecida. Ao que parece, deve ter sido antes da primavera de 4 a.C. e, mais provavelmente em 5 a.C., ou um pouco antes”. VERMES. Natividade, p. 105. Para Colin Humphreys, cientista da Universidade de Cambridge, “Jesus nasceu em abril de 5 d.C. e estava próximo do seu 37º aniversário quando morreu, a 3 de abril de 33 d.C. (HUMPHREYS, 2012, p. 94)

“Jesus nasceu provavelmente em Nazaré (e não em Belém). A análise dos procedimentos literários utilizados (nos evangelhos da infância, de Mateus e Lucas) mostra que, mais que relatos de caráter biográfico, são composições cristãs elaboradas à luz da fé em Cristo ressuscitado. Não foram redigidos para informar sobre fatos ocorridos (provavelmente pouco se sabia) e sim para proclamar a Boa Notícia de que Jesus é o Messias...”. (PAGOLA, 2011, p. 61)

“Cada cidade tinha um mohel – um prático treinado para realizar a delicada operação com um roteiro preciso: a execução do corte, a abertura da pele, sugar a ferida e colocar um curativo de óleo, vinho e cominho no ferimento.” (THOMAS, 2007, p. 43)

“Na época escrevia-se Natzareth, que significa “pequeno filho”. Foi fundada por um clã familiar, os nazoreans ou nazarenos, que pretendiam ser

descendentes de Davi. É altamente provável que Maria e José fossem também da mesma linhagem real.” (PETITFILS, 2015, p. 58)

“Geralmente os aldeões compartilhavam instalações como poços, prensas de oliva, eiras de debulhar e fornos para fazer o pão, mas isso facilmente dava origem a dissensões locais, em vez de fomentar um espírito comunitário”. (FREYNE, 1996, p. 137)

Sobre a vida em Nazaré, confira a competente e primorosa “reconstrução conjectural” do Prof. Clodovis Boff, em *O cotidiano de Maria de Nazaré* (BOFF, 2009).

“A referência de Lucas a telhas parece imprópria no cenário de um povoado Galileu do século I”. (VERMES, 2006, p. 63)

“Em Qumrân [séc. II a.C.-68 d.C.] os telhados das casas eram de ramos de palmeira, cobertos com canas e revestidos de greda, tal como nas casas de Jericó agora” (CONNOLLY, 1998, p. 57)

“Partindo do pressuposto da *communiter contingentia*, o procedimento habitual, Miriam – Maria e Jesus são helenizações posteriores – teria 15-17 anos quando Jesus nasceu e José teria 25 anos. A suposição de que José, que, nos Evangelhos, só é mencionado nos relatos de infância, tenha morrido cedo, tem razão de ser. Maria teria sido integrada, com o seu filho, no círculo mais alargado de parentes”. GNILKA. *Jesus de Nazaré*, p. 75. “A partir da segunda metade do século II, a expressão ‘irmãos e irmãs de Jesus’ foi compreendida de três maneiras diferentes. A primeira concepção, a mais natural, os irmãos e irmãs de Jesus seriam simplesmente filhos de José e Maria, nascidos depois de Jesus. De acordo com a segunda interpretação, Tiago e seus irmãos seriam de um primeiro casamento de José. A terceira teoria, dita jeronimiana, aparece pela primeira vez por volta de 383 em um texto de Jerônimo: os irmãos seriam primos germanos, filhos de uma irmã de Maria, chamada de Maria de Cléofas.” (BERNHEIM, 2003, p. 16)

“A elite urbana da Judeia referia-se aos galileus ironicamente como ‘povo da terra’, um termo usado para indicar uma dependência da agricultura de subsistência. Mas a expressão tinha uma conotação mais sinistra,

indicando os ignorantes e ímpios, que não cumpriam corretamente a lei, em especial quando se tratava de pagar os dízimos obrigatórios e fazer as ofertas para o Templo.” (ASLAN, 2013, p. 113)

Pela análise dos solos constatou-se que “naquela época 97% da terra era cultivada na Galileia”. (THEISSEN, 2008, p. 215)

“Quando Maria deu à luz ela não tinha, provavelmente, mais que quatorze anos.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 137)

“Há dois provérbios judeus antigos que exprimem a mentalidade da época: ‘O paraíso está no regaço das mães’ e ‘Deus não pode estar em toda parte, por isso criou as mães’.” SCHLESINGER; PORTO. Jesus era judeu, p. 77.

“A palavra Abba, utilizada na oração (Mc. 14, 36) é sem paralelo no contexto da época». GNILKA, 1999, p. 34)

“Maria é uma mulher simples, destacada na história obscura dos pobres, que geralmente permanecem no anonimato. Destacou-se como mãe daquele pobre que se tornou a personalidade mais célebre da história.” (ZILLES, 1999, p. 129)

Autores judeus modernos redescobriram o significado de Maria, judia por origem e por destino, companheira do “drama judeu”, símbolo não só da Igreja, mas também da comunidade judaica, enfim, figura de validade universal, como se exprime um deles, David Flusser, em seu “modesto louvor à Maria judaica”. (BOFF, 2009, p. 114)

“As habitações eram pequenas e agrupadas e geralmente as condições devem ter sido primitivas, dando origem a doenças frequentes e a uma expectativa de vida curta.” (FREYNE, 1996, p. 136)

“O termo hebraico baith, como o grego oikia, significava a família, a casa em que vivia e suas possessões. O pai era responsável pelas três, e sobre as três tinha os mais amplos direitos.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 145)

“A lei exigia uma peregrinação anual até Jerusalém na festa da Páscoa (Dt. 16, 16), embora, para a maioria dos judeus que vivia mais longe, não fosse possível comparecer todo ano. Doze anos teria sido cerca de um ano antes

de Jesus tornar-se oficialmente um israelita adulto e aceitar a responsabilidade de cumprir a lei.” (KEENER, 2017, p. 216)

“Os contemporâneos de Jesus o viram usar uma apara de madeira por trás da orelha, que era a identificação especial dos que trabalhavam com madeira; e o viram alisando a madeira com uma plaina e batendo nela com um malho”. DANIEL-ROPS. A vida diária nos tempos de Jesus, p. 481. “Lutero (século XVI) escreve que Jesus é filho de um carpinteiro, e isso foi adotado depois nas edições dos Evangelhos. Mas o termo grego tekton indica qualquer tipo de trabalho manual.” (HOORNAERT, 2016, p. 98)

“Um rapaz judeu era automaticamente aprendiz do pai e aprendia o ofício à medida que ia crescendo”. (CONNOLLY, 1998, p. 63)

“Como trabalhador artesanal e diarista, Jesus teria pertencido à classe mais baixa de camponeses da Palestina do século I, um pouco acima do indigente, do mendigo e do escravo.” (ASLAN, 2013, p. 59)

“O tamanho original de Séforis é desconhecido, mas Antipas planejou-a, ao estilo romano, para uma população de 25 mil pessoas. MURPHY- O’CONNOR, 2008, p. 26. “Segundo os cálculos, Séforis contava 40 mil habitantes na época de Jesus jovem. Ali morava um novo tipo de judeu: urbano, rico, falante de grego, progressista, cosmopolita, influenciado pelas grandes ideias de helenização e romanização do mundo.” (HOORNAERT, 2016, p. 199)

“Séforis, em hebraico *zippori*, significa passarinho. Recebeu esse nome porque era uma cidade situada sobre uma colina, na forma de um pássaro, a 286 metros acima do mar.” (ARRUDA, 2014, p. 453)

“São três os textos principais da tradição judaica: o Tanakh, a Torá e o Talmude. O Tanakh é a compilação canônica das Escrituras judaicas e aparentemente foi reunido 500 anos antes do nascimento de Jesus. Também é conhecido como a Bíblia Judaica; os cristãos se referem a ele como Velho Testamento. A Torá é composta pelos cinco primeiros livros da Tanakh: Gênesis, Levítico, Números e Deuteronômio. O Talmude foi escrito 600 anos depois, após a queda do Templo em 70 d.C.” (O’REILLY, 2015, p. 19)

“Só na metade do século I *synagoge* é usado para o lugar ou edifício onde a congregação se encontrava [...] as duas histórias de Lucas: a da sinagoga em Cafarnaum, que o centurião supostamente construía para o povo (Lc. 7, 1-5) e a de Jesus supostamente lendo o rolo de Isaías, no sábado, na sinagoga de Nazaré (Lc. 4, 16-20) são projeções que Lucas faz de sua própria experiência posterior nas “sinagogas” da diáspora e que ele introduz no ministério de Jesus”. (HORSLEY, 2000, p. 132-133)

“Sejam quais forem os idiomas que Jesus possa ter falado, não há nenhuma razão para pensar que ele pudesse ler ou escrever em qualquer um deles, nem mesmo em aramaico.” (ASLAN, 2013, p. 60)

“Deixando de lado leituras românticas e róseas da família de Nazaré, a vida da criança, do adolescente e do jovem Jesus terá sido dura, austera, muito pobre, econômica e culturalmente. Tudo girava em torno dos polos religioso e familiar.” LIBÂNIO. *Linguagens sobre Jesus: de Cristo carpinteiro a Cristo cósmico*, p.75.

FLUSSER. *Jesus*, p. 11. / “Embora a cerimônia oficial do Bar Mitzvá – filho do mandamento – talvez não existisse na época de Jesus, sua analogia com os rituais romanos de passagem de idade apoiam as evidências que indicam um ritual, na cultura judaica, de ingresso oficial na idade adulta realizado com rapazes mais ou menos dessa idade.” KEENER, 2017, p. 216. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*, p. 216.

“O termo hebraico para matrimônio é *Qiddushin* = santificação. [...] Na lista das virtudes para atingir a santidade, a virgindade está ausente. [...] O único rabi celibatário do qual se tem notícia é do segundo século: Ben Azzai. [...] Segundo Flavio Josefo, em *Guerra Judaica*, ‘o celibato é praticado somente pela seita (herética) dos essênios.’” MAGGI, 1999, p. 112; 114)

“Um entre muitos, igual a todos, sem nenhuma importância, do pequeno mundo desconhecido de Nazaré, sem horizontes de cultura e notícias que acontecia no mundo. Não possuía o passaporte daquela época que se chamava cidadania romana (...) alguém do puro cotidiano como tantos Josés e Marias das periferias e dos interiores. A política se decidia em



Roma, a cultura grega se implantara em Alexandria e brilhava em Atenas, o esplendor da religião judaica fulgurava em Jerusalém e Jesus nasceu e viveu na simplicidade oculta de Nazaré.” (LIBÂNIO, 2013, p. 79.

A religião judaica, na era de Jesus, conhecia duas categorias de oração: estatutária e privada. As duas estatutárias, diárias, mais importantes: o Shemá (“Ouve, ó Israel”) ao anoitecer e pela manhã e as Dezoito Bênçãos, conhecida como “Oração por excelência Terifá”, recitada, de pé, pela manhã, à tarde e à noite. A oração privada também permitia liberdade ao indivíduo...” (VERMES, 2006, p. 251)

“A hipótese de que Jesus se tivesse formado em ambientes essênios é hoje cada vez mais aceita [...] há indícios que nos levam a postular a sua proximidade com o movimento essênico. O local por onde andava em Jerusalém, onde se diz que estava situado o Cenáculo (no qual celebrou a Páscoa), era o bairro dos essênios.” (BIANCHI, 2011, p. 31-32)

“[...] o historiador Flávio Josefo lembrará de João e o descreverá como ‘um homem de bem, exortando os judeus a cultivar a virtude e a usar a justiça nas relações entre eles e a devoção por Deus a fim de receber o batismo’”. (DUQUESNE, 1995, p. 66)

“Não se podem negar algumas semelhanças entre João Batista e os essênios: sua distância do templo, a estada no deserto, conversão como categoria teológica central ligada a imersões.” (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 222)

“Jesus teria nascido em 5 a.C., ou 3755 do calendário hebraico. Assim, Jesus tinha 34 anos quando mergulhou nas águas do Jordão, ao lado de João Batista.” (RANCÉ, 2012, p. 87)

“Jesus não era apenas judeu por descendência, pelo seu estilo de vida e hábitos intelectuais, mas sua mensagem espiritual acha-se profundamente enraizada no solo judeu de Israel”. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 480)

“João foi preso por tropas de Herodes Antipas – segundo Flávio Josefo, porque ele receava que João tivesse uma tal influência sobre a população judia, que poderia levar a uma revolta – e levado para a fortaleza do palácio

real de Maqueronte (atual Mukavir, na Jordânia), situada nas Colinas à beira do Mar Morto”. (VERHOEVEN, 2011, p. 79)

“O Mar da Galileia tem hoje em dia cerca de 20 por 10 km, antigamente era um pouco maior”. (VERHOEVEN. 2011, p. 133)

“Em Cafarnaum arrecadava-se dois tipos de impostos: um deles era a taxa marítima que os pescadores deviam pagar [30 a 40%] no período romano; o outro era a taxa de fronteira, cobrada sobre mercadorias transportadas ao longo da Via Maris, importante rota comercial entre o mar Mediterrâneo e Damasco (situada a 90 km para o interior).” (D’ANCONA, 1996, p. 37)

“A Galileia era uma sociedade agrária compreendendo aproximadamente 200 vilarejos. Uma região onde se misturavam aldeias judaicas e populações helenizadas concentradas nas cidades de Séforis e Tiberíades”. (RAUSCH, 2006, p. 94)

“No princípio de sua vida pública, Jesus lançou mão naturalmente da instituição sinagoga para seu trabalho evangelizador. Só mais tarde é que ele se pôs a falar ao ar livre, no campo ou à beira do lago.” (SCHLESINGER, 1979, p. 96)

“A mensagem de Jesus foi projetada para ser desafio direto aos ricos e poderosos, fossem eles os ocupantes, em Roma, os colaboradores do Templo, ou a nova classe endinheirada nas cidades gregas da Galileia. A mensagem era simples: O Senhor Deus tinha visto o sofrimento dos pobres e despossuídos, tinha ouvido seus gritos de angústia e, finalmente, faria algo sobre isso”. (ASLAN, 2013, p. 120)

Para Geza Vermes – “o maior estudioso de Jesus”, segundo o The Sunday Times – “são temas genuínos da mensagem de Jesus: fé e confiança; eficácia da oração; crença na paternidade de Deus; necessidade de ser como crianças; vínculo com a comunidade se sobrepõe à lealdade consanguínea”. Vermes acrescenta duas características de natureza estilística: “cura e exorcismo; discurso hiperbólico e de nuances verbais ao falar do Reino.» (VERMES, 2006, p. 439).

“Os traços característicos do kerygma de Jesus são estes: (1) a proclamação do reino de Deus, tanto sua iminência como a sua presença – Jesus via a si mesmo como o instrumento dessa soberania do fim dos tempos, mas ele não se colocava como o conteúdo de seu kerygma; (2) o chamado para o arrependimento e fé frente ao poder e reinvidicação de Deus no fim dos tempos – Jesus mesmo não era objeto da fé; (3) a oferta de perdão e de uma participação no banquete messiânico da nova ordem, com seu corolário ético do amor”. (DUNN, 2009, p. 81)

Em Marcos, 14; Mateus, 51; Lucas, 34 e em João apenas 2 vezes. (PETITFILS, 2015, p. 117). Trata-se de “um termo político: império de Deus. O termo basileia, que as fontes cristãs repetem invariavelmente para traduzir ‘reino [de Deus]’ só é empregado nos anos 30 para falar do “império de Roma” (PAGOLA, 2011, p. 41)

“A ideia de Reino de Deus é sonho, a causa, a utopia, o ideal, o centro a e a vida do verdadeiro Jesus histórico ‘e o distingue do Jesus da fé e das teologias tardias.’” VIGIL em ARIAS. O grande segredo de Jesus: uma leitura revolucionária dos Evangelhos, p. 71.

“Nos evangelhos Jesus chama Deus de ‘Pai’ 170 vezes, em contraste com a raridade do termo no judaísmo de sua época. O uso deste apelativo na oração parece ser próprio de Jesus, mas é discutida sua tradução como ‘papai, paizinho.’” ESTRADA. Da salvação a um projeto de sentido: como entender a vida de Jesus, p. 85.

“Contrariamente ao estilo didático de João e de Paulo, que visavam investigar a relação de Jesus com Deus e sua função ‘mística’ como redentor da humanidade, o ensinamento genuíno de Jesus nada contém de abstrato, teórico ou especulativo. Ele não estava intrigado pela natureza da Deidade, e menos ainda com seu próprio papel no grande drama do éschalon. Tentava antes, em vez disso, transmitir a seu público, especialmente ao círculo íntimo dos seus apóstolos, como aproximar-se de Deus e responder ao seu apelo através de comportamento e ação religiosos”. VERMES. O autêntico Evangelho de Jesus, p. 456.

“O reino é a Boa-Nova, o domínio senhorial de Deus, seu poder misericordioso e sua história.” PETITFILS. *Jesus: a biografia*, p. 117.

“Os estudiosos têm provavelmente razão quando dizem que Jesus acreditava que muito em breve Deus instituiria um reino especial na terra”. WILSON. *Jesus, o maior homem do mundo*, p. 170.

“O reino não seria completo para Jesus a menos que contivesse toda Israel, e isso significava os intocáveis, os impuros, os párias e os pecadores.” WILSON. *Jesus, o maior homem do mundo*, p. 174.

“O conceito de Reino de Deus é o eixo em torno do qual gira o conjunto das bem-aventuranças. As bem-aventuranças – o manifesto de Jesus àqueles que desejam embarcar com ele na sua grande missão escatológica – são pérolas preciosas no ensino de Jesus tanto do ponto de vista da devoção como daquele da poesia”. (VERMES, 2006, p. 355)

“O consistente retrato de Jesus é o de alguém absolutamente comprometido e fiel à missão de concretizar e objetivar a vontade e os valores de Deus na história.” (HAIGHT, 2003, p. 104)

“Havia algo de intrinsecamente desafiador na pregação de Jesus. Sua linguagem é perturbadora, inquietante, uma linguagem que trazia aflição aos que estavam confortáveis e trazia conforto aos aflitos e desfavorecidos.” RAUSCH, 2006, p. 132)

“Deus é o Senhor que comanda: essa é a afirmação fundamental na teologia do Antigo Testamento (...) Tudo deriva disso. Todo o resto se baseia nisso. Todo o resto pode ser entendido com referência a isso e só a isso.” Koeler em ASLAN. *Deus: uma história humana*, p. 186.

Yahweh – Representação da pronúncia mais aceita pelos judeus do tetragrama – quatro letras maiúsculas, sem vogais para representar o nome impronunciável de Deus, substituído muitas vezes por Adonai (Senhor), Elohim (Senhor do Céu). O tetragrama aparece 6.828 vezes no texto hebraico do Antigo Testamento.

“É conhecida a divisão (que se deve a Flávio Josefo) entre as “seitas” judaicas do século I: fariseus, saduceus, essênios e zelotes. A divisão de

Josefo está longe de ser completa. Havia mais tipos de judeus. É difícil discernir se Jesus pertenceu a algum desses grupos.” (ZUURMOND, 1998, p. 60-61)

“Em matéria jurídica, revelavam-se os fariseus particularmente atentos a três pontos: a obediência do shabat, a pureza leal e o pagamento dos dízimos sagrados.” (SCHLESINGER, 1979, p. 133)

“O período herodiano foi de intensa criatividade religiosa no seio da comunidade farisaica, da qual, segundo posteriores tradições talmúdic, surgiram as escolas concorrentes dos letrados Hilel (60 a.C. – 9 d.C.) e Shamai (50 a.C. – 30 d.C.). (SHAMA, 2015, p. 160)

“É inegável o papel execrável desempenhado pelas maldições contra os fariseus no nascimento e no desenvolvimento do antissemitismo cristão. A hipocrisia é um fenômeno universal no comportamento religioso, e não apenas uma característica dos fariseus. Após um estudo detalhado e penetrante do conceito tanto em grego como no hebraico e no aramaico subjacentes, o iminente linguista James Barr observa: ‘Hipocrisia não é fingir ser bom, é a convicção de ser moralmente superior [...]. A hipocrisia cristã [...] não esteve ausente da cena histórica. Nos tempos primitivos, já estava lá. O próprio Pedro e seus companheiros estavam, segundo Paulo, implicados em hypocrisis’” (Gl. 2, 13).

“Tanto na tradição de Marcos como na de Mateus, os escribas também são agrupados aos fariseus. Isso parece sugerir um estágio posterior, por volta e depois de 70, quando as práticas originariamente farisaicas estavam sendo aplicadas a um grupo mais amplo e [...] irá impulsionar o farisaísmo formativo [...] e, mais tarde, o judaísmo rabínico”. (OVERMAN, 1997, p. 73, 47)

“O nome dos saduceus vem da família sacerdotal de Sadoc, sacerdote que serviu sob David e Salomão, segundo Ez.40,46;44,15. Eram um partido nacional-liberal da alta burguesia.” (SCHUBERT, 1979, p, 15,53)

“Os essênios mencionados pela primeira vez por Josefo, na metade do século II a.C., ainda estão florescentes perto de 50 d.C.” Vermes aponta cinco áreas de contato entre a Comunidade de Qunram e o Novo

Testamento: “expectativa escatológica, o verdadeiro Israel, atitude em relação ao Antigo Testamento, atitude em relação ao Templo e organização e costume semelhantes”. (VERMES, 1996, p. 149; 142)

“Depois da morte de Herodes, Judas, o Galileu, juntou forças com um misterioso fariseu de nome Zadoque para lançar um movimento de independência totalmente novo, que Josefo chama de ‘Quarta filosofia’, para diferenciá-la das outras três ‘filosofias’: os fariseus, os saduceus e os essênios... eles foram chamados de zelotas. Esses ‘zelotas’ não devem ser confundidos com o partido zelota, que surgiu anos mais tarde após a revolta judaica de 66 d.C. Durante a vida de Jesus, o zelotismo era uma ideia, uma aspiração, um modelo de piedade associada à expectativa apocalíptica de uma ordem nova e divina, que estava prestes a revelar-se.” (ASLAN, 2013, p. 66)

“Os escribas – mencionados nos Evangelhos como escritas, na maior parte das vezes, mas também como legistas e doutores da Lei – são camponeses, que Josefo sarcasticamente designa ‘escreventes do povoado’. Na prática, a especialidade deles era limitada a redigir contratos comerciais e certidões de casamento e divórcio.” (VERMES, 2006, p. 64)

“Para os zelotas – ‘zelosos’, como se autodominavam – a glória de Javé e a liberdade do Povo são tidos como grandezas inseparáveis, portanto, a humilhação do Povo implica a humilhação de Deus. O que os tornou imediatamente notórios foi a utilização da violência com a qual pensavam ter de aplanar o caminho do Reino de Deus.” (GNILKA, 1999, p. 64)

“Partidos e facções opostas, divergências acirradas, ódio contra o domínio pagão ‘impuro’, um clima de ‘últimos dias’, vexações e aflições de toda espécie, profetas fanáticos, figuras messiânicas empolgando o povo, violência por toda parte, zelotes conspirando, sicários cometendo homicídios por motivos religiosos e nacionalistas. No meio dessa incrível turbulência viveu o rapaz, o jovem adulto, o homem maduro, chamado Jesus, conhecido como filho do carpinteiro José.” (STEIN, 2002, p. 101)

“A polêmica reação das autoridades judaicas, nomeadamente doutores da lei e fariseus, não era devido a sua relação com a gente comum ou com

camadas social e economicamente mais desfavorecidas do povo, mas visava a relação de Jesus com os pecadores.” (MENDONÇA, 2015, p. 200)

“Imerso no meio do povo, com prostitutas e pecadores, austero – sem bolsa, nem calçados, nem alforje (Lc.10, 3-4), partilhando o pão, curando os enfermos, Jesus prega o perdão, a misericórdia e a caridade como a expressão máxima da fidelidade à Lei”. (MAZZAROLO em CHEVITARESE; CORNELLI, 2009, p. 126.

Enquanto os Fariseus se preocupavam em interpretar a lei, procurando aplicá-la a todas as situações, Jesus se recusava a legislar e não promulgou qualquer série de regras. “Amar a Deus e ao próximo como a nós próprios [...] tais preceitos não eram “legais”, não prescreviam nem proibiam qualquer ação específica; não podiam ser impostos e, assim, repousavam inteiramente na disposição interna dos homens.” ( (DAVIES, 1967, p. 38-39)

“Synagoge: etimologicamente este termo significa simplesmente ‘reunião’. No tempo de Jesus designa simplesmente reuniões, ou locais de reunião. A sinagoga como instituição desenvolve-se no final do século I e no princípio do século II. Há prédios do século I, interpretados como sinagogas (isto é, locais de reunião) em Herodium, Massada, Gamala na Gaulanítide, Mágdala (8,16 m x 7,25 m) e, talvez, Corazim.” (OVERMAN, 1997, p. 65)

“Pode-se calcular que o total esteja entre 50.000 a 150.000 habitantes, isto é, nas proximidades de 100.000.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 103)

“O Cordeiro Pascal tinha de ser comido pelos peregrinos dentro dos limites sagrados da cidade, sob pena, a ser aplicada pela guarda religiosa, de quarenta açoites.” (WILSON, 2006, p. 219)

“Aos sábados, nas luas-novas, nas festas, o número de sacrifícios era maior. E é preciso ajuntar aos 1.093 cordeiros ou cabritos, aos 113 touros e aos 32 bodes oferecidos anualmente, uma abundante quantidade de farinha, de vinho e de óleo.” (MORIN, 1988, p. 102)

“Segundo as estimativas de J. Jeremias, havia cerca de 7.200 sacerdotes comuns na Palestina. Com suas mulheres e filhos, representavam,

portanto, quase um décimo da população. Exerciam suas funções duas semanas por ano e nas grandes festas. Não podiam viver só dos dízimos. Alguns eram escribas. Muitos exerciam profissões manuais. Eram os funcionários da pureza legal.” (MORIN, 1988, p. 63)

“Cada aldeia da Palestina estava enquadrada em uma das 24 seções, ou distritos sacerdotais, que dividiam a Judeia e a Galileia. Estes distritos eram responsáveis pelo pagamento de tributos necessários à manutenção do Estado judaico e da classe sacerdotal. Além dos muitos tributos, o templo arrecadava muito com o movimento contínuo dos sacrifícios diários, resgates dos primogênitos, ritos diários de purificação e de expiação. Alguns calculam que, a cada Páscoa, cerca de 20.000 cordeiros eram sacrificados no templo pelos sacerdotes, que comercializavam o couro e o sangue, que era vendido como adubo.” (CRB, 1996, p. 139-140)

“Joachim Jeremias calcula em 125.000 o número de peregrinos em Jerusalém. Se se acrescentar a este número os 55.000 habitantes da cidade, conclui-se que, nos dias de festa, a cidade albergava perto de 180.000 pessoas.” (GNILKA, 1999, p. 260)

“Havia no judaísmo daquele tempo dois tipos de oração: a pública, que se fazia em pé e na qual cada judeu se sentia unido a todo seu povo, e a pessoal, que se fazia com a face no chão, mais ou menos como fazem hoje os muçulmanos.” (AUGIAS, 2011, p. 37)

“Corazim e Tariquéia (Magdala) – esta a 6 km ao sul de Tiberíades – estão entre as poucas cidades em torno do mar da Galileia em que os arqueólogos contemporâneos descobriram sinagogas do séc. I d.C., edifícios que podem sugerir moderada prosperidade e a influência local de fariseus.” (STAMBAUGH, 1996, p. 93)

“Os rabinos distinguiam 39 tipos de trabalho que eram proibidos no sábado (incluindo ‘duas laçadas... costurar duas pregas... escrever duas letras...’). Na visão de Jesus essa atitude fazia do povo escravo do sábado. Tal tradição do sábado o impedia de cumprir o mandamento do amor.” (DUNN, 2009, p. 141)



“A noção de judeu engloba três componentes distintos: étnico, ligado à descendência de Abraão e ao fato de pertencer a uma das doze tribos de Israel; territorial, ligado à residência na terra de Israel; e sociocultural, associado a determinadas crenças e costumes”. (BERNHEIM 2003, p. 62)

“Palestina: 250 km norte-sul; o máximo de 100 km este-oeste; 34.000 km (menor que o Estado do Espírito Santo que tem 45.000 km); 600-700 mil habitantes. Jerusalém, sem os peregrinos: 25 a 30 mil habitantes.” (MORIN, 1988, p. 9)

“A Galileia tinha em torno de 200.000 habitantes.” (VOIGT, 2008, p. 13)

“Na época de Jesus, o termo judeu carecia de precisão. Termos precisos eram galileu, idumeu, israelita, mas não judeu.” (HORSLEY em HOORNAERT, 2000, p. 101)

“A Galileia, nesta época, cobria uma superfície de cerca de dois mil quilômetros quadrados. A população, em grande parte judia, avizinhou-se dos duzentos mil habitantes (BERHEIM, 2003, p. 43)

“O trigo macio era raro, mesmo na Galileia, mas havia diversas variedades de trigo duro usados para moer. Os cavalos, mulas e asnos eram alimentados com a cevada, que custava a metade do preço do trigo e era muitas vezes o alimento dos pobres.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 33)

“Nos dias do ministério de Cristo este lago ainda não recebera o nome de Tiberíades; com frequência era chamado Mar da Galileia, embora este fosse um título pomposo, pois na verdade um barco poderia cruzar o lago em meia hora. Também chamado ‘lago de Genezaré’ – um dos lugares, até hoje, mais belos do mundo. Como Aneci e o lago de Gênova, os mais famosos da Europa foram comparados a ele.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 20)

“Roma atuava diretamente sobre as elites locais impondo o sistema litúrgico de taxas em troca de recompensas oferecidas através da concessão da cidadania, do patronato e do serviço imperial. Criou-se um sentimento de disciplina pública alimentado pelas elites locais que se tornou o preço a pagar para manter o status quo da ordem imperial [...] e fator de

acirramento das desigualdades sociais locais.” (MENDES em CHEVITARESE, 2009, p. 138)

“Havia de três a quatro milhões de judeus na dispersão e um milhão na Palestina, para cerca de vinte milhões de homens livres em todo o império romano” (CARREZ, 1987, p. 28)

“Os arrecadadores dos impostos régios (indivíduos ou grupos) assinavam um contrato, quase sempre quinzenal, que os obrigava a pagar uma quantia fixa e lhes dava o direito de recuperar dos contribuintes seu dinheiro. Então para não ficarem prejudicados, tributavam amplamente. Esses impostos indiretos eram recebidos sob o alto controle de um procurador financeiro que devia ser um cavaleiro, um cidadão romano” (MORIN, 1988, p. 28)

“Através do Novo Testamento, do Talmude e de Josefo, têm-se a impressão de que não existia uma classe média, ou que quase nada existia. Pessoas de posição intermediária, entre os ricos e os pobres, na Palestina, só eram encontradas nas cidades gregas, que não pertenciam ao Povo Escolhido. Inúmeros documentos mostram uma inimizade aberta entre as classes. O equilíbrio da sociedade parecia incerto, sua solidez precária. A inimizade entre as classes, interrompida constantemente, ao menor pretexto, tomando cores políticas e sociais.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 174; 181)

“A arqueologia da Galiléia, da Judéia e da Peréia no período de expansão romana aponta para o desaparecimento gradual de pequenas propriedades e o aumento de grandes propriedades. A evidência mostra elites israelitas relapsas em suas obrigações para com os clientes locais. Ao invés de mediar com os romanos pela situação do status quo, parece que os aristocratas de Israel escolheram usar seu próprio poder e a presença romana para obrigar o campesinato local para além de seus limites suportáveis [...] foram grandes proprietários desapropriados que se tornaram os bandidos locais da região”. (MALINA, 2004, p. 42)

“Assim como os pescadores e os coletores de impostos, os carpinteiros tinham renda muito superior à dos trabalhadores do campo; foi o chamado

de Jesus, não a pobreza involuntária que conclamou, tanto ele quanto seus seguidores a uma vida sacrificial.” (KEENER, 2017, p. 6)

“Como ‘pecadores’ designavam-se: 1) pessoas que levavam vida imoral (p. ex. adúlteros, falsificadores) e 2) os que exerciam profissão desonrosa (isto é, uma profissão que, notoriamente, levava à desonestidade ou imoralidade), como cobradores de impostos, pastores, tropeiros, vendedores ambulantes, curtidores.” (JEREMIAS, 2016, p. 135)

“A palavra “apóstolo “(aquele que é enviado) é muito provavelmente pós-pascal... a palavra discípulo (aquele que aprende) aparece mais de 250 vezes ao longo do Novo Testamento, a maioria delas nos Evangelhos e nos Atos.” (RAUSCH, 2006, p. 118; 123/ “O termo apóstolo é emprestado da administração romana, que mantém, por toda a extensão do Império, um serviço de ‘apostolado’, ou seja, de correio confidencial,” (HOORNAERT, 2016, p. 32)

“O termo “publicano”, que ocorre 18 vezes nos Evangelhos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas – é usado para designar aquele que adquire do Estado o exercício dos direitos estatais de taxaço e de impostos e os recolhe dos seus devedores. Esta profissão suscitava rancores e desconfianças. Os publicanos eram acusados de procurar enriquecer de maneira desonesta, de ter contato com os gentios, de descurar os preceitos sobre as décimas e a pureza. Por isso eram integrados entre os ignorantes da Lei e mencionados como o oposto dos fariseus.” (MENDONÇA, 2021, p. 252)

Simão, o Zelota, e (provavelmente) Judas Iscariotes, ambos nomeados não por acaso (Mc. 3, 18; Mt. 10, 4), formam como que uma dupla (Mc. 6, 7).

“O número 72 não deve ser tomado literalmente porque corresponde ao número de sábios anciãos de Israel reunidos por Moisés no deserto para ajudá-lo a governar o povo e também o número de nações do mundo, todas nascidas, segundo Gênesis, de filhos de Noé. Mas significa que os discípulos eram bastante numerosos.” (DUQUESNE, 1995, p. 84)

“As pesquisas modernas sobre o modo como as ‘tradições judaicas e religiosas’ (a torá oral) eram transmitidas pelos rabinos vieram esclarecer

como os discípulos transmitiam os ensinamentos do Mestre. Os apóstolos utilizaram a mesma técnica e os mesmos métodos mnemônicos dos rabinos de seu tempo para transmitir com fidelidade a tradição do Mestre.” (TERRA, 1977, p. 38; 40)

O envio de adeptos como mensageiros provavelmente foi uma ideia genial para buscar eficácia de “comunicação de massas” em uma sociedade de comunicação oral. (THEISSEN, 2008, p. 105)

“Na tradição da sabedoria judaica as pessoas verdadeiramente sábias não eram sábias aos próprios olhos, que confiavam em seu entendimento, mas os simples, cuja sabedoria se fundamentava no temor do Senhor.” (KEENER, 2017, p. 79)

“A ambivalência do comportamento de Jesus face à Torá também pode ver-se no fato de os discípulos não terem sido obrigados a estudá-la, o que contrasta com os monges de Qunram que prescrevem: ‘Onde se encontrarem dez, não deve faltar um homem que estude a Torá noite e dia, revezando-se uns aos outros...’” (GNILKA, 1999, p. 213)

“Gradualmente, Jesus toma consciência do fracasso de seu projeto na sociedade judaica. Daí sua mudança de estratégia. Por um lado, termina sua atividade na Galileia para fazer sua última tentativa em Jerusalém. Por outro, deixa a evangelização direta do povo (Mt. 1-8) para concentrar-se em seus discípulos (Mc. 8-15), apesar de o tentarem para desviar sua missão (Mc. 8,11; 10,2; 12, 15). (ESTRADA, 2016, p. 129)

“A práxis de Jesus quanto à relação entre os sexos não pode ser deduzida nem da práxis judaica, nem da helênica.” (FIORENZA, 2005, p. 119)

“Um discípulo dos sábios não deve falar com uma mulher na rua... nem que seja sua mulher, sua filha, sua irmã [...] Todo aquele que fala muito com uma mulher atrai desgraça sobre si mesmo, abandona as palavras da ‘Torah’, e acaba na geena. [...] A nenhuma esposa é permitido abrir a boca diante do marido.” Ensinamentos da época (MAGGI, 2013, p. 64; 131)

“Ele foi procurar os marginalizados da sociedade para integrá-los no Reino. É nesta perspectiva que emerge o sentido de seus milagres. Suas curas não

são prodígios incompreensíveis... são atos benéficos... O doente era visto sob o domínio das forças do mal (doença e pecado eram intimamente ligados) e, por isso marginalizado; então, era recolocado no ambiente social. É isto o Reino de Deus (Mt. 11, 2-6).” (MORIN, 1998, p. 96)

“A palavra em aramaico *sàra át* que designa lepra refere-se à legislação do Levítico 13-14 e cobre um amplo conjunto de doenças de pele que inclui psoríase, eczema e outras micoses. Essa legislação é muito anterior à lepra propriamente dita, introduzida no Oriente Próximo pelos exércitos de Alexandre, o Grande, morto em 323.” (RANCÉ, 2012, p. 150)

“Curas milagrosas assumiram no movimento de Jesus o lugar que no movimento de resistência era ocupado por atos terroristas. Não devemos imaginar o reinado de Deus como um pálido programa teológico. Pelo contrário, sua proclamação significava que na Palestina aconteceria em momento muito próximo uma transformação fundamental, na qual um pequeno grupo de marginalizados se tornaria governante sobre Israel (Mt. 19, 28).” (THEISSEN, 2008, p. 287)

“O historiador Étienne Trocmé resume uma opinião quase geral: ‘é evidente que Jesus tinha dons excepcionais de curandeiro e fazia uso desinteressado deles.’” (DUQUESNE, 1995, p. 101)

“O centro da experiência interior de Jesus não é ocupado prioritariamente por Deus, mas pelo “Reino de Deus”, pois Ele nunca separa Deus de seu projeto de transformar o mundo... Apresenta-o comprometido em fazer um mundo mais humano”. (PAGOLA, 2016, p. 203)

“O encerramento dos trabalhos de construção do Templo causou o desemprego de dez mil homens, provocando a miséria.” (DANIEL-ROPS, 2008, p. 93). “Flávio Josefo fala em 18 mil desempregados.” (JEREMIAS, 2016, p. 143)

“A cidade simbolizava a ordem moral da sociedade como um todo e a segurança do império, na medida em que atuava como símbolo do poder de Roma transferido para as províncias. Este potencial simbólico da cidade era traduzido pelo sentido das mensagens veiculadas pelas construções materiais que organizavam o espaço urbano e rural [...] as quais

evidenciavam e impunham a adoração à onipotência, a aceitação da crueldade cotidiana do império e das elites locais.” (MENDES em CHEVITARESE, 2009, p. 136-139)

“As dificuldades enfrentadas pelos romanos para dominar os judeus da Judeia foram marcadas por conflitos socioeconômicos, políticos e religiosos já existentes na região antes da conquista, tais como: antagonismos socioeconômicos e as diferenças entre os espaços urbano e rural; o alto grau de fracionamento das elites locais; a ausência de elites que fossem representativas o suficiente para atuar na região de forma a minimizar a resistência contra o poder de Roma; exclusivismo do pensamento monoteísta judaico; forte papel do judaísmo como fator de marcação de identidade política; dissensões do Judaísmo; ou a existência de vários judaísmos.” (MENDES em CHEVITARESE, 2009, p. 142)

“A Palestina, no tempo de Jesus, era de fato administrada por dois homens, o tetrarca Herodes, na Galileia e um oficial romano na Judéia e Samaria”. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 83)

“Os habitantes (do império) com cidadania romana disfrutavam dos seguintes privilégios: comprar e vender propriedades; isenção de impostos territorial e individual; usufruir da proteção da lei romana; não serem presos nem sofrer açoites (a prisão só em casos extremos, como uma traição, por exemplo); direito de apelar ao imperador em caso de julgamento.” (CARVALHO; NAKANOSE, 2009, p. 17)

Texto baseado principalmente em quatro livros: *Parábolas de Jesus*, de Joaquim Jeremias (JJ); *Jesus: história de um vivente*, de Edward Schillebeeckx (ES); *O caminho aberto por Jesus: Lucas*, de José Antônio Pagola (JP); *Zelota: a vida e a época de Jesus*, de Reza Aslan (RA).

O teólogo José Comblin vê na ênfase conferida pelo Evangelho de Marcos à atuação e ensinamentos de Jesus um protesto contra a tendência de sua desumanização, ou seja, de fazer de Jesus objeto de culto, em detrimento do seguimento de Jesus. (BARROS, 2014, p. 181)

“O Deus amoroso (Abba, Pai) aparece 19 vezes em Marcos, 61 em Mateus, 52 em Lucas e em João, mais de 100 vezes.” (HOORNAERT, 2016, p. 62)

“As parábolas de Jesus são algo totalmente novo. Em toda literatura rabínica, no tempo antes de Jesus, não temos nenhuma parábola a não ser duas comparações de Hillel (pelo ano 20 a.C.), ou seja, a comparação jocosa do corpo com uma estátua e da alma com um hóspede.” (JEREMIAS, 2016, p. 8)

As parábolas são racontos radicalmente profanos. Não há nem deuses, nem demônios, nem anjos, nem milagres, nem tempo anterior ao tempo, como nos relatos da criação, nem mesmo acontecimentos fundadores como o raconto do êxodo... por um lado estas histórias são – como disse um crítico – racontos da normalidade, mas por outro lado, é o Reino de Deus que é dito ser como isso. O extraordinário é como o ordinário. (MENDONÇA, 2015, p. 78)

“Jesus nos evangelhos sinópticos mostra seu amor preferencial pelas pessoas que vivem na margem da sociedade, publicanos e prostitutas [...] no Quarto Evangelho por aqueles que estão na margem em termos religiosos: samaritanos e galileus”. (BEUTLER, 2015, p. 130)

“Jesus vivia em um mundo onde a leitura pública da Bíblia de fazia apenas em hebraico, e as orações tinham de ser feitas nesse idioma. Ele ensinou os discípulos a orar no aramaico do dia a dia, e não no hebraico clássico dos textos escritos. Segue-se que, se não há língua sagrada, não existe cultura sagrada.” (BAILEY, 2016, p. 97)

“Os temas do Pai Nosso – a paternidade de Deus, sua adoração, a expectativa da vinda de seu Reino, oração restrita a necessidades imediatas, penitência e perdão – revelam ao observador atento o cerne do Evangelho de Jesus.” (VERMES, 2006, p. 263)

“Os pecados não são perdoados em virtude de sua morte, mas sim por meio de uma relação triangular entre o homem, Deus e seu próximo.” (AUGIAS, 2011, p. 38)

“A estrutura desta oração no Evangelho de Lucas é a seguinte: 1. Uma invocação: Pai-Nosso; 2. Um desejo: seja santificado o teu nome; 3. Um voto: venha o teu reino; 4. Três pedidos: o pão, o perdão, o socorro na tentação “. (MENDONÇA, 2021, p. 258)

“Ao abordar o mandamento do amor ao próximo, Sören Kierkegaard conclui que *Ágape* inclui *Eros*, ou melhor, a única maneira de exercer o amor ao próximo é exercê-lo como se este próximo fosse o objeto exclusivo do amor”. (GUERRA em CHEVITARESE, 2009, p. 147)

“A semana em que Jesus morreu é, sem dúvida, uma das mais importantes na história do mundo e sobre a qual mais se escreveu. Os quatro Evangelhos permitem-nos reconstruir esses dias ao pormenor. Temos quatro grandes problemas com os últimos dias de Jesus: Primeiro: há uma quarta-feira perdida: um dia em que nada parece ter acontecido. Segundo, há o enigma da Páscoa: a Última Ceia foi ou não uma refeição de Páscoa? Terceiro, não há tempo suficiente entre a Última Ceia na noite de quinta-feira e a crucificação às nove da manhã de sexta-feira para caberem todos os acontecimentos descritos nos Evangelhos. Quarto, os julgamentos parecem desprezar de forma flagrante os procedimentos legais judaicos [...]”. (HUMPHREYS, 2012, p. 1-13). O autor julga ter resolvido estes quatro problemas e apresenta a cronologia da última semana da vida de Jesus, sintetizada na tabela aposta no final do capítulo.

“Desde o século II a.C. a moeda de Tiro era oficialmente autorizada como moeda do Templo, com a qual também se pagava o imposto do templo. A predominância desta moeda na Palestina deve-se ao fato de que “Tiro comprava da Palestina trigo, vinho, óleo e outros produtos da terra e deste modo colocou a economia palestinese no antigo capitalismo comercial.” (KIPPENBERG, 1998, p. 138)

“A resposta de Jesus à capciosa pergunta “é lícito pagar o tributo a César, ou não?” – devolva a César o que é dele e devolva a Deus o que pertence a Deus – é um argumento zelota em sua forma mais simples e concisa. E parece suficiente para as autoridades em Jerusalém rotularem imediatamente Jesus como lestes. Um bandido. Um zelota.” (ASLAN, 2013, p. 101)

“Os quarenta e seis anos de construção do templo mencionado no Evangelho de João (Jo. 2, 21-22) situam as palavras de Jesus em 27 d.C.” (KEENER, 2017, p. 301)



“Pode-se mostrar, com alta probabilidade histórica, que Jesus contava com uma morte violenta e que ele encontrou prenunciada a necessidade de sua paixão em Is. 53.” (JEREMIAS, 2016, p. 224)

“Desejando organizar sua Última Ceia em Jerusalém, Jesus fez planos com um essênio para usar seu cenáculo e celebrar a Páscoa, utilizando o calendário pré-exílio, que os essênios também usavam [...] o que ajuda a desvendar a ato de lavar os pés dos discípulos, por respeito a seus anfitriões”. (HUMPHREYS, 2012, p. 202; 204)

Segundo R. Peesch, Jesus, consciente da ameaça aguda (das autoridades judaicas) fez combinações secretas com o dono da casa e garantiu que a sua localização não ficasse conhecida. B. Borhäuser escreve que Jesus instruiu seus discípulos de maneira que apenas dois deles soubessem onde a refeição (da *Pessach*) teria lugar, e controlou que a localização se mantivesse em segredo. (VERHOEVEN, 2011, p. 195)

“Utilizando uma teoria do calendário diferente, todos os quatro evangelhos estão de acordo quanto à data e à natureza da Última Ceia. [...] (Utilizei conhecimentos astronômicos para reconstruir calendários antigos. isto foi facilitado pela disponibilidade do poder dos computadores, que teria sido impensável apenas há poucos anos)”. (HUMPHREYS, 2012, p. 247)

Para Enzo Bianchi, “Jesus celebrou a páscoa segundo os costumes dos essênios na terça-feira à noite [...] teria sido preso na noite de terça para quarta-feira. Na quarta-feira teria decorrido o processo do Sinédrio, com os sumos sacerdotes. Na quinta teria sido entregue a Pilatos [...] na sexta-feira de manhã teria sido entregue aos soldados para execução [...]”. (BIANCHI. 2011, p. 47.

Para Joachim Gnilka, “se se partisse do princípio de que Jesus tinha querido celebrar a páscoa já na terça-feira [de acordo com o calendário solar de Qunram] não lhe teria sido possível obter um cordeiro devidamente abatido no Templo. Ora, isto era uma condição indispensável para celebração da páscoa [...] o quarto Evangelho não pretende de modo

algum dar a impressão de que a ceia que Jesus comeu com seus discípulos era uma ceia pascal”. (GNILKA, 1999, p. 226).

Para Geza Vermes, “Segundo o sistema de contagem de tempo dos judeus, o dia começa ao crepúsculo, quando as primeiras estrelas se tornam visíveis no céu. Assim, o último dia de vida de Jesus começou no anoitecer do que nós consideramos o dia anterior, com sua última ceia. [...] Há divergência entre os Evangelhos sobre a data da última ceia, prisão e crucificação de Jesus. Para os Sinópticos (Marcos, Mateus e Lucas) o último dia de Jesus começa com a ceia, ao crepúsculo de quinta para sexta-feira, 15 de Nisan, dia da páscoa judaica. O Evangelho de João sugere que este dia seria 14 de Nisan, véspera da páscoa. Cálculos astronômicos indicam que em 30 d.C., o ano da morte de Jesus, a páscoa celebrada à lua cheia em 15 Nisan caiu num sábado, 8 de abril, e que conseqüentemente, Jesus, crucificado na véspera da páscoa (14 Nisan), morreu na sexta-feira, 7 de abril de 30 d.C.” (VERMES, 2007, p. 38; 80; 112)

“Ser traído pelo próprio discípulo – do qual se esperava que aprendesse por meio da imitação do mestre – seria motivo de constrangimento e humilhação naquele sistema cultural que girava em torno da honra e da vergonha.” (KEENER, 2017, p. 334)

“As reivindicações messiânicas ameaçavam a estabilidade da hierarquia do templo, tanto quanto o ato de virar as mesas (Mt. 27, 11). A maior parte das famílias dos saduceus era formada por sacerdotes da elite, que exerciam quase todo o controle sobre a cidade e o templo; em geral não ansiavam por um Messias. Caso o esperassem ele seria alguém que desafiaria seu poder com força militar ou procuraria fazer uma aliança com eles. Da perspectiva aristocrática, buscar seguidores entre os fracos era desonroso e uma forma tola de tentar estabelecer um reino.” (KEENER, 2017, p. 107)

“Sinédrio – presidido pelo Sumo Sacerdote – era constituído de três grupos: os sacerdotes superiores, anciãos e escribas (Mc. 15,1). Os sacerdotes superiores formavam a aristocracia cultural, os anciãos a aristocracia patrimonial e os escribas a aristocracia intelectual. Entre 6 e 66 d.C. houve 18 sumo sacerdotes, dos quais somente três governaram

mais de dois anos: Anás (6-15 d.C.), Caifás (18-36 d.C.) e Ananias (47-59 d.C.).” (THEISSEN, 2008, p. 301; 302)

“A maioria dos estudiosos acreditam que sua ação no Templo foi a principal causa de sua morte. O que ele fez foi muito mais do que um protesto contra os comerciantes e cambistas. Foi uma ação simbólica, um sinal profético de que o próprio Templo estava para ser destruído.” (RAUSCH, 2006, p. 179)

“A aristocracia sacerdotal era, acima de tudo, guardiã do status quo: politicamente teria que lidar com os pretensos messias da forma mais política possível; não se atreveriam a prender Jesus em público” (Mt. 26, 55). (KEENER, 2017, p. 127.

Para Paul Winter, “as linhas gerais do texto original (modelo) seriam mais ou menos assim: Um destacamento de soldados romanos, acompanhado de seu comandante e de policiais judeus, prendeu Jesus, amarrou-o e o levou até Anás, o Sumo Sacerdote. Jesus foi interrogado pelo Sumo Sacerdote sobre seus seguidores e seu ensinamento, e respondeu que sempre declarou abertamente tudo o que ensinava, e não tinha segredos. Durante o interrogatório, um policial (ou um assistente do Sumo Sacerdote) esbofeteou Jesus. De manhã, Jesus foi levado para o palácio do Governador.” (WINTER, 1998, p. 87)

“Anás foi Sumo Sacerdote de 6 a 15 d.C., quando os romanos o depuseram. Segundo a lei judaica, era prerrogativa do Sumo Sacerdote ocupar o cargo até o fim da vida. Alguns judeus, portanto, consideravam inválida a deposição imposta pelos romanos, e Anás continuava a ser muito respeitado. Ele era sogro de Caifás, e todos os cinco filhos de Anás tornaram-se, em algum momento de suas vidas, sumos sacerdotes; ele, rico e poderoso, exerceu grande influência até sua morte em 35 d.C.” (KEENER, 2017, p. 356)

Segundo Haim Cohn – ex-presidente da Suprema Corte de Israel – “O Sinédrio só estava autorizado a julgar delitos que eram delitos segundo a lei judia, assim como o governador romano só estava autorizado a julgar os delitos que eram delitos segundo o Direito Romano. A iniciativa para a

prisão de Jesus – da qual participaram membros da guarda do templo – veio justamente das autoridades romanas [...] primeiro passo de um processo legal [...] o comandante que prendeu Jesus concordou em entregá-lo sob custódia à guarda do templo até a manhã seguinte [...] e Pilatos estava pronto para julgar Jesus logo cedo na manhã do dia seguinte à prisão, o que prova que o governador tinha prévio conhecimento de Jesus e de sua prisão.” Para Cohn a convocação dos membros do Sinédrio para uma reunião de urgência, na noite das vésperas da Páscoa, foi uma tentativa do Sumo Sacerdote de livrar Jesus das mãos dos romanos, que certamente o condenariam à cruz. Do ponto de vista do Sinédrio, o tribunal dos judeus, Jesus era totalmente inocente. (COHN, 1990, p. 51; 82; 84; 87; 119; 250)

“Proclamar o reino de Deus com o iminente governo de Deus é claramente uma declaração política em que a religião está inserida, já que ela fala de quem está próximo ou longe do reino, de como é esse reino de Deus, das orações para Deus para que seu reino venha, do julgamento real e da recompensa e da punição real, tudo isso representa linguagem política para uma pessoa do primeiro século. Jesus ensinou em público na arena política, e veio a Jerusalém para proclamar sua mensagem profética no próprio centro da religião política, o templo.” (MALINA, 2004, p. 99)

“Roma dependia da aristocracia local nas províncias para prender e condenar os desordeiros, embora fosse o próprio governo romano que infligisse a pena de morte (Jo. 18, 31)”. (KEENER, 2017, p. 355)

“Diferentemente da maioria dos governadores, Pilatos pertencia a uma ordem inferior da nobreza e era politicamente vulnerável sem o apoio de Sejano, seu patrono junto ao imperador Tibério. No fim, Pilatos cederia às exigências da aristocracia judaica. O fato de demorar a aceitar as recomendações dos principais sacerdotes pode muito bem ser indício de desprezo por eles e não compromisso com a justiça (Jo. 18, 30-31). Filo e Josefo retratam Pilatos como alguém extremamente cruel.” (KEENER, 2017, p. 359)

“A história não admite mais do que dois comparecimentos de Jesus: um ante as autoridades judaicas; outra perante o poder romano. A reflexão

cristã, apoiada na Escritura (Sl. 2,12), muito cedo, acrescentou uma digressão redundante, o envio de Jesus a Herodes”. (François Bovon in ALONSO, 2022, p. 291)

“B. J. Molina distingue sociologicamente três formas de establishment violence ( violência dos poderes constituídos), que podem ser notadas na ação contra Jesus: 1) a defesa da lei e ordem contra um criminoso (como motivo das medidas dos romanos); 2) a defesa de interesses contra o agir subversivo e desviante (como motivo da ação do Sinédrio); 3) a defesa de normas e interpretações culturais contra dissidentes e hereges (como motivo dos herodianos e fariseus quando perguntaram a respeito dos impostos (Mc. 12, 13 ss.).” (THEISSEN, 2008, p. 74)

“Na prática romana, a flagelação se seguia ao veredicto da pena mortal. João pode ter invertido a ordem para dar a Pilatos a oportunidade de mudar os corações dos judeus antes de pronunciar uma condenação.” (BEUTLER, 2015, p. 427)

“Marcos (15, 27) e Mateus (27, 38) dizem que, com Jesus, foram crucificados dois bandidos, que a tradição passou a designar ladrões. Segundo Rodrigo Alvarez trata-se de ‘acusação improvável’, pois a cruz é reservada aos escravos e aos criminosos maiores, criadores de desordem, amotinadores, revolucionários ou qualquer outra coisa que ouse ameaçar o poder de Roma, como os sacerdotes judeus disseram que Jesus andou fazendo.” (ALVAREZ, 2018, p. 334)

“Os soldados romanos tinham autoridade para ordenar que qualquer pessoa carregasse objetos para eles. Simão – nome grego bastante usado pelos judeus da época (porque soava parecido com Simeão, o patriarca), era de Cirene (situada no norte da África, na atual Líbia) – devia estar chegando para as festividades do dia, em Jerusalém.” (KEENER, 2017, p. 283)

Os romanos crucificavam suas vítimas sem roupa – única diferença era que as mulheres eram pregadas na cruz de frente para o madeiro e os homens de costas (GIBSON; MCKINLEY, 2015, p. 212)

Pelos ossos de um jovem crucificado do século I, encontrados nas proximidades de Jerusalém, em Givat ha-Mivtar, “pode-se deduzir o método provável de crucificação: A vítima, de pé, era encostada à cruz e martelavam-se os pregos através dos seus antebraços. As pernas eram então empurradas para cima e pregavam-se os calcanhares. O peso do corpo exercia-se assim sobre os braços. Os pregos que perfuravam os antebraços rasgavam a carne até se prenderem nos pulsos. Esta espécie de simplicidade macabra é tipicamente romana. Não requeria perícia da parte do executor.” (CONNOLLY, 1998, p. 51)

Aplicavam-lhe um golpe de misericórdia, chamada crucifragium. Este consistia de uma pancada certeira nas pernas que quebrava a tíbia e matava o condenado por asfixia. (SILVA, 2014, p. 174)

“Um moribundo podia fazer um testamento oral até mesmo na cruz, contanto que houvesse testemunhas. Jesus tinha irmãos e cabia ao mais velho cuidar da mãe viúva e na ausência deste, aos outros. No entanto, Jesus confia expressamente sua mãe aos cuidados de um discípulo, que fará provisão por ela depois da morte do mestre”. (KEENER, 2017, p. 365) / Alguns autores consideram que este discípulo, no Evangelho de João denominado “discípulo amado”, pode ter sido Lázaro, de Betânia, forma grega de Eleazar. (WITHERINGTON, 2015, p. 128-125)

A interpretação mais provável desta frase é a de que ela era uma exclamação popular aramaica de incompreensão religiosa. (VERMES, 2006, p. 227)

Jesus nasceu, cresceu e morreu como judeu. Às vezes sobre os seus quadris [nas representações cristãs] escondem a essencial condição de judeu de Jesus, a marca na carne feita pela circuncisão. (THOMAS, 2007, p. 12)]

São milhares; segundo José Comblin “há 38.000 religiões registradas nos Estados Unidos [...] não faltam religiões; elas aparecem constantemente”. (BARROS, 2014, p. 180)

Para Klausner, “Jesus era o mais judaico de todos os judeus; era mais judaico que o próprio Hilel”. (SCLESINGER, 1979, p. 272)

“Exegeta nenhum duvida que Jesus tivesse consciência de ser o profeta escatológico do reino de Deus, que se aproxima.” (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 488)

“A expressão que os primeiros cristãos traduzirão como filho do Homem, vem de bar Enosh, no aramaico falado por Jesus, ou ben-Adam no hebraico que é também comum em seu tempo. Significa ser humano, mas pode ser traduzido literalmente como filho de Enosh, filho de Adão, ou até mesmo filho do Homem, sem que em nenhum dos três casos se esteja querendo falar obrigatoriamente de um filho de Deus.” (ALVAREZ, 2018, p. 102)

“No linguajar aramaico cotidiano filho do homem significa ser humano, em sentido genérico (ou o ser humano em si), qualquer pessoa, em sentido indefinido, ou eu como pessoa em sentido perifrástico.” (THEISSEN, 2008, p. 63)

(CURY, 2016). O autor anuncia os próximos livros da coleção *O sermão da montanha e Amor e sacrifício: o maior julgamento da história*.

Ver, na Introdução, os dados da pesquisa bibliográfica feita em universidades públicas e particulares, inclusive cristãs.

HOORNAERT. Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária, 2016 (a partir de agora, as referências a esta obra se darão por meio da sigla JN).  
HOORNAERT. Origens do Cristianismo (OR, a partir deste momento).

Daqui em diante, as referências a este livro se darão pela sigla EBJN.

Daqui em diante, as referências a este livro se darão pela sigla OC.

Marcelo Barros, biblista, autor de 46 livros, na apresentação do primeiro livro, p. 9.

Buda só entra no cenário literário 500 anos após sua morte; Confúcio 400/600 anos.

Com Irineu, por volta do ano 170, percebem-se os primeiros sinais de uma consciência especificamente cristã (1, p. 22).

“À medida que o movimento ganha prestígio e poder, a partir do século II, Jesus se torna mais ‘sério’. Ganha dignidade, poder e autoridade, abandona o riso e seu rosto adquire feições sérias”. (EBJN, p. 166). Para Taciano (século II) e Clemente de Alexandria (século III) o riso não combina com Jesus. No século IV, João Crisóstomo é peremptório: “Cristo nunca riu” (EBJN, p. 156)

O filósofo ateu Alain Badiou escreve: “Jesus é um evento que explode inesperadamente na cena histórica, transforma as coordenadas da realidade humana, remodelando, dos pés à cabeça, homens e mulheres, que se mantêm obstinadamente fieis a ele”. (EBJN, p. 22)

Segundo Joseph Klausner, Jesus foi o maior artista judeu das parábolas, mas não o inventor dessa forma literária, conhecida como “marshal” em hebraico. (VERMES, 2006, p. 143)

“A cabala (Kabalah) é a parte mística do judaísmo e seu ponto de partida é D’us – princípio e fim de todas as coisas. O autêntico misticismo judaico é parte integrante da Torá.” Revista Morasha, ed. 27, 5578; dez. 1999. Disponível em: <[www.morasha.com.br/http://www.morasha.com.br/misticismo/introducao-a-mistica-judaica.html](http://www.morasha.com.br/misticismo/introducao-a-mistica-judaica.html)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

“A admissão de tal ignorância, e mesmo de erro, da parte de nosso Senhor é totalmente compatível com a crença na Encarnação”. (HARMONDSWORTH em VERMES, 2006, p. 323)

Quem conhece as coisas do teatro sabe que a primeira regra do verdadeiro desfecho, da perfeita credibilidade teatral, é surpreender o espectador com aquilo que ele espera, com o que fizemos esperar. Aqui tudo está no modo, no estilo do desfecho: modo impossível de se prever, o golpe de gênio que enche de assombro uma vez realizado. Para os cristãos, a encarnação redentora, o Deus do Sinai, encarnado e morrendo na cruz num grande brado, tal é o desfecho de todo o Antigo Testamento. (BRUCKBERGER, 1969, p. 18)

“Os primeiros cristãos continuaram por muito tempo a considerar a cruz um símbolo aviltante [...] a cruz tornou-se um símbolo glorioso a partir da



segunda metade do século II.” (AUGIAS, 2011, p. 201)

“Que um membro do Sinédrio, José de Arimateia, tenha assumido a tarefa de sepultar Jesus com toda honra, segundo os costumes judaicos, esse fato é difícil de pensar como histórico; pode ser uma lenda inventada por piedosos cristãos, que não conseguiam imaginar um enterro desonroso para Jesus”. (SCHILLEBEECKX, 2017, p. 345)

Em 39 ou 40, segundo Justin Taylor, discípulos de Barnabé se envolveram em um distúrbio que os romanos caracterizavam como atividades subversivas e as atribuíram aos messianistas, em latim “Christiani”, de onde teria vindo o termo cristãos, registrado em Atos dos Apóstolos. São Paulo não utiliza a expressão. (TAYLOR, 2010, p. 109)

“É importante distinguir histórico de verdadeiro. A ressurreição de Jesus é verdadeira, embora não histórica no sentido exato que se dá ao termo hoje.” SEGUNDO. *A história perdida de Jesus de Nazaré: dos Sinóticos a Paulo*.

Autores e romancistas modernos desde *A trama da páscoa* (1965), de Hugh J. Shonfield, e *Jesus, o homem* (1992), de Barbara Thiering, até *O código da Vinci* (2003), de Dan Brown... na ausência de indícios antigos reais, essas reflexões modernas não precisam deter nossa atenção. (VERMES, 2013, p. 169. Também a hipótese do livro *A conspiração de Jesus*, de Holger Ketsten e Gruber (1994) de que Jesus não morreu na cruz, mas que foi retirado com vida, o que seria comprovado pelo santo sudário de Milão, não é aceita no meio acadêmico.

Em 1968 foram encontrados os ossos de um homem crucificado em Givát ha-Mivtar, no norte de Jerusalém. O homem teria cerca de 26 anos e 1,67 m. de altura. Os ossos do calcânhar (calcânea) ainda estavam presos um ao outro por um prego. Os ossos da parte inferior das pernas estavam quebrados. Havia o sinal de um prego num dos ossos do antebraço direito (rádio). (CONNOLLY, 1988, p. 51)

“A palavra decisiva do cristianismo para o mundo é especificamente uma mensagem de mulheres. Somente elas são capazes e dignas de ver e tornar visível a vitória da vida sobre a morte.” DREWERMANN em REIMER. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres*, p. 71.

Resumo do capítulo com este título do livro de José Antonio Pagola: *Jesus: aproximação histórica*, de 2011. Utilizamos, de modo a melhor ilustrar o texto, trechos do próprio autor.

Pode-se concordar com Kepler: “Uma videocâmera instalada no sepulcro não teria gravado nada.” (BARBAGLIO, 2011)

A maior parte dos especialistas pensa, hoje, que o Evangelho de Marcos teria sido publicado em 70-71, depois da destruição de Jerusalém pelos romanos.

“No primeiro documento cristão preservado, escrito em 50-51, Paulo escreve à igreja dos Tessalonicenses, que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. A vocês, graça e paz.’ (1 Tes. 1, 1). Jesus, nesta carta, é designado 18 vezes Kyrios (Senhor) título específico do Imperador.” (ROSSI, 2017, p. 38)

“Esta infeliz interpretação da vida e morte de Jesus – caudatária da simbologia judaica do sacrifício de animais, inclusive do ‘bode expiatório’ – perdura até hoje, como se pode ver no comentário do escritor israelense Yuval Noah Harari: ‘Deus encarnou um corpo humano e foi crucificado para redimir nossos pecados.’” (HARARI, 2015, p. 36)

Síntese do capítulo sob este título do livro de Andrés T. Queiruga – *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, de 1999. Texto complementado com citações de outros capítulos do mesmo livro.

Síntese do capítulo sob este título do teólogo e filólogo belga Roger Lenaers: *Outro cristianismo é possível: a fé em linguagem moderna*, de 2010. Acreditamos conveniente uma explicação: o autor é um sacerdote jesuíta, filósofo, teólogo e especialista em filologia clássica. Convencido de que a cultura ocidental moderna representa uma verdadeira mutação humana e que ela rompe com a casca de uma visão pré-científica e, portanto, mitológica do mundo, ele se propõe neste corajoso livro introduzir o leitor no que seria o grande desafio do cristianismo hoje: rever toda a linguagem em que vem sendo expressa a fé cristã para torná-la inteligível e aceitável para o homem moderno.

“Sem bioquímica não há vida, e sem cérebro não há consciência. E a morte é o término irrevogável de todos os processos bioquímicos. [...] A modernidade tem razão, por certo, quando afirma que a consciência determinada bioquimicamente termina com a morte bioquímica. No entanto, não se depreende daí que não tenha sentido falar de paz, luz, consolo, bem-aventurança para além dessa fronteira. [...] Crer na vida eterna é o mesmo que crer em Deus, que é uma atitude de louvor e de amor, um processo dinâmico de entrega... quanto mais cresce o amor, maior a união com Deus e maior a participação em sua eternidade, apesar da morte biológica. Aqui cessa nossa capacidade de descrever mais exatamente a realidade... confiar no amor e deixar que nosso ser biológico seja determinado e confiscado por ele é bom – é o único bem.” LENAERS. Outro Cristianismo é possível, p. 158; 163; 164.

Síntese de texto do teólogo João Batista Libânio, S.J., sob o mesmo título, que se encontra disponível em <[www.jbllibanio/artigos](http://www.jbllibanio/artigos)>.